

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCar)
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS (CECH)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO (PPGPE)

ALICE MEIRELLES MUCHERONI

Planejar em Desenhos: a visão das professoras de Educação Infantil

São Carlos

2026

ALICE MEIRELLES MUCHERONI

Planejar em Desenhos: a visão das professoras de Educação Infantil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientação: Profa. Dra. Dulcimeire Ap. V. Zanon

Financiamento: Próprio

São Carlos

2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Alice Meirelles Mucheroni, realizada em 23/01/2026.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Dulcimeire Aparecida Volante Zanon (UFSCar)

Profa. Dra. Marcia Regina Onofre (UFSCar)

Profa. Dra. Marina Haber de Figueiredo (UNIP)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação.

AGRADECIMENTOS

Com o coração cheio de gratidão e a satisfação de mais um ciclo concluído, dedico estas palavras a todos que, mesmo sem perceber, tornaram este trabalho possível.

Minha gratidão primeiramente a Deus, por conceder saúde a mim e à minha família, por ser fonte de força e perseverança para concluir esta jornada.

Ao meu marido, que acompanhou de perto cada etapa, oferecendo seu conhecimento como professor especialista e seu apoio incondicional. Sua paciência e seu amor foram fundamentais.

À minha filha, que me mostra diariamente que as crianças têm muito a dizer. É por ela que busco aprimoramento e acredito na força transformadora de uma educação acolhedora e participativa.

Aos meus amados pais, Ana e Mario, que nunca deixaram de me ajudar, oferecendo o conforto, o alimento e o suporte de que eu precisava para seguir em frente.

À minha querida irmã, Lia, a quem amo incondicionalmente, pelo companheirismo e pela cumplicidade que tornam a vida mais leve.

A todos os amigos e familiares, que acompanharam minha trajetória, ouviram minhas ideias e angústias, ofereceram conselhos valiosos e contribuíram para o meu amadurecimento pessoal e profissional.

À minha orientadora, Prof.^a Dra. Dulcimeire Zanon, por sua colaboração cuidadosa e precisa. Sua orientação firme, seu afeto e seu otimismo foram essenciais para trilhar este caminho e motivar a conclusão da minha dissertação.

Às professoras e à diretora do CEMEI onde a pesquisa foi aplicada. Vocês são profissionais exemplares que acolheram este trabalho com carinho e respeito, dando o tom e o caminho necessários à investigação. A dedicação e o profissionalismo de vocês foram verdadeiramente impressionantes.

Aos meus companheiros do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da UFSCar, cujo convívio e o delicioso café compartilhado tornaram o período de estudos mais leve e prazeroso.

À banca examinadora, por todas as contribuições pertinentes e enriquecedoras à minha pesquisa. Por fim, a toda a equipe de professores e funcionários do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar, por todo o apoio à minha formação acadêmica.

Minha sincera gratidão a todos!

O desenho é um impulso natural que nos permite marcar, compreender e refletir sobre o ambiente físico, além de imaginar ou sonhar nossas vidas nele.
Vicente Blanco e Salvador Cidrás

RESUMO

MUCHERONI, Alice Meirelles. Planejar em Desenhos: a visão das professoras de Educação Infantil. 2026. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, *campus* São Carlos, São Carlos, 2026.

Esta pesquisa investigou o uso do desenho como recurso para o planejamento pedagógico na Educação Infantil, buscando responder à questão central: qual é a visão das professoras sobre a ação de planejar por meio de desenhos? A escassez de estudos que relacionam desenho e planejamento reforçou a relevância da investigação. O embasamento teórico da pesquisa compreende o desenho no planejamento como um ato ético e estético, no qual o professor se constitui na relação dialógica com o outro, assumindo sua singularidade e responsabilidade diante do mundo. Essa perspectiva articula-se às Pedagogias Participativas que valorizam a criança como protagonista e a escuta de suas múltiplas linguagens. Nesse contexto, o desenho ocupa lugar no planejamento sensível, concebido como um percurso flexível, documental e expressivo. O estudo também dialoga com a ideia de Professor Reflexivo, compreendendo o desenho como ferramenta de reflexão na ação e de transformação da prática, assim como a Alfabetização Visual, que legitima o desenho como competência essencial para pensar, organizar e comunicar ideias pedagógicas. Os dados foram produzidos em cinco encontros realizados em um Centro Municipal de Educação Infantil de São Carlos, com a participação de onze professoras. Como instrumentos, obtivemos os desenhos elaborados pelas docentes, registros escritos, diário reflexivo da pesquisadora, rodas de conversa e nuvens de palavras, os quais foram analisados a partir da Análise Textual Discursiva (ATD). Os resultados evidenciaram, inicialmente, insegurança e resistência das professoras em desenhar, decorrentes da predominância da escrita na prática pedagógica. Contudo, ao longo dos encontros, o desenho foi ressignificado como recurso que favoreceu a clareza, a organização e a ludicidade do planejamento. As participantes reconheceram que o desenho possibilitou maior aproximação com as próprias intenções pedagógicas, além de ampliar a reflexão sobre os espaços, tempos e materiais da Educação Infantil. Concluímos que o desenho pode ser incorporado ao planejamento como linguagem complementar, enriquecendo o processo de organização pedagógica e fortalecendo práticas centradas na criança. A pesquisa contribuiu para o desenvolvimento profissional das professoras e resultou em um produto educacional composto por sugestões para integrar o desenho ao planejamento docente. A revista convida o educador a redescobrir o desenho como uma linguagem potente no planejamento, transformando o papel e o traço em ferramentas de encantamento pedagógico.

Palavras-chave: Planejamento pedagógico. Educação infantil. Desenho. Professoras da Educação Infantil.

ABSTRACT

This research investigated the use of drawing as a resource for pedagogical planning in Early Childhood Education, seeking to answer the central question: what is the teachers' view of the action of planning through drawings? The scarcity of studies that relate drawing and planning reinforced the relevance of the investigation. The theoretical foundation of the research leads us to understand the drawing of planning as an ethical and aesthetic act, in which the teacher is constituted in a dialogical relationship with the other, assuming their uniqueness and responsibility toward the world. This perspective is articulated with Participatory Pedagogies, which value the child as protagonist and the listening of their multiple languages. In this context, drawing takes a place in sensitive planning, conceived as a flexible, documentary, and expressive pathway. The study also dialogues with the idea of the Reflective Teacher, which leads us to reflect on drawing as a tool for reflection in action and the transformation of practice, and with Visual Literacy, which legitimizes drawing as an essential competence for thinking, organizing, and communicating pedagogical ideas. The data were produced in five meetings held at a Municipal Center for Early Childhood Education in São Carlos, with the participation of eleven teachers. As instruments, we obtained the drawings produced by the teachers, written records, the researcher's reflective journal, conversation circles, and word clouds, which were analyzed using Discursive Textual Analysis (DTA). The results initially showed insecurity and resistance among the teachers to drawing, resulting from the predominance of writing in pedagogical practice. However, throughout the meetings, drawing was re-signified as a resource that favored clarity, organization, and playfulness in planning. The participants recognized that drawing made it possible to get closer to their own pedagogical intentions, as well as to broaden reflection on the spaces, times, and materials of Early Childhood Education. We conclude that drawing can be incorporated into planning as a complementary language, enriching the process of pedagogical organization and strengthening child-centered practices. The research contributed to the professional development of the teachers and resulted in an educational product composed of suggestions for integrating drawing into teaching planning.

Keywords: Pedagogical planning. Early childhood education. Drawing. Early childhood education teachers.

LITA DE FIGURAS

Figura 1: Desenho Alice.....	12
Figura 2: Planejamento do espaço e a disposição dos elementos no ateliê.....	25
Figura 3: Desenho com a mão dominante e a mão não dominante da Prof ^a Vilma.....	28
Figura 4: Coletânea de fotos dos espaços da escola.....	29
Figura 5: Desenho do planejamento do espaço da Prof. ^a Tatiana.....	31
Figura 6: Desenho de planejamento de vivência da Prof. ^a Daiane.....	33
Figura 7: Desenho do planejamento da dança da Prof. ^a Aurora.....	35
Figura 8: Desenho do planejamento da exposição da Prof ^a Marcela.....	37
Figura 9: Desenhos de uma professora sobre os brinquedos que as crianças mais gostam.....	42
Figura 10: Nuvem de palavras sobre as primeiras percepções sobre desenhar.....	44
Figura 11: Foto e desenho “brincando no parque” (Prof ^a . Vera).....	54
Figura 12: Foto e desenho “esperança” (Prof ^a . Pâmela).....	54
Figura 13: Foto e desenho “horta no parque” (Prof ^a . Ana).....	54
Figura 14: Nuvem de palavras: uso de desenhos para o planejamento pedagógico.....	59
Figura 15: Nuvem de palavras: percepções das docentes sobre o uso de desenhos para planejamento na Educação Infantil.....	71
Figura 16: Desenho do acolhimento.....	80
Figura 17: Desenho da rotina.....	82
Figura 18: Desenho das brincadeiras com linguagem oral.....	84
Figura 19: Desenho sobre explorando sons e cores.....	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Perfil das professoras	23
Quadro 2: Introdução ao Desenho no Planejamento Pedagógico	26
Quadro 3: Planejando brincadeiras ao ar livre	28
Quadro 4: Planejando Traços, Sons, Cores e Formas	31
Quadro 5: Planejando tradições e festividades culturais	33
Quadro 6: Compartilhamento e reflexão	35
Quadro 7: Relação entre os desenhos das crianças e das professoras	51

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1: Questionário de caracterização das participantes	94
Apêndice 2: Produto Educacional	99

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATD: Análise Textual Discursiva
BDTD: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC: Base Nacional Comum Curricular
CAAEE: Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CECH: Centro de Educação e Ciências Humanas
CEMEI: Centro Municipal de Educação Infantil
CEP: Comitê de Ética em Pesquisa
HTPC: Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (Inferido pelo contexto de horário de reunião/encontro)
HTPI: Horário de Trabalho Pedagógico Individual
PPGPE: Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação
SP: São Paulo
TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFSCar: Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

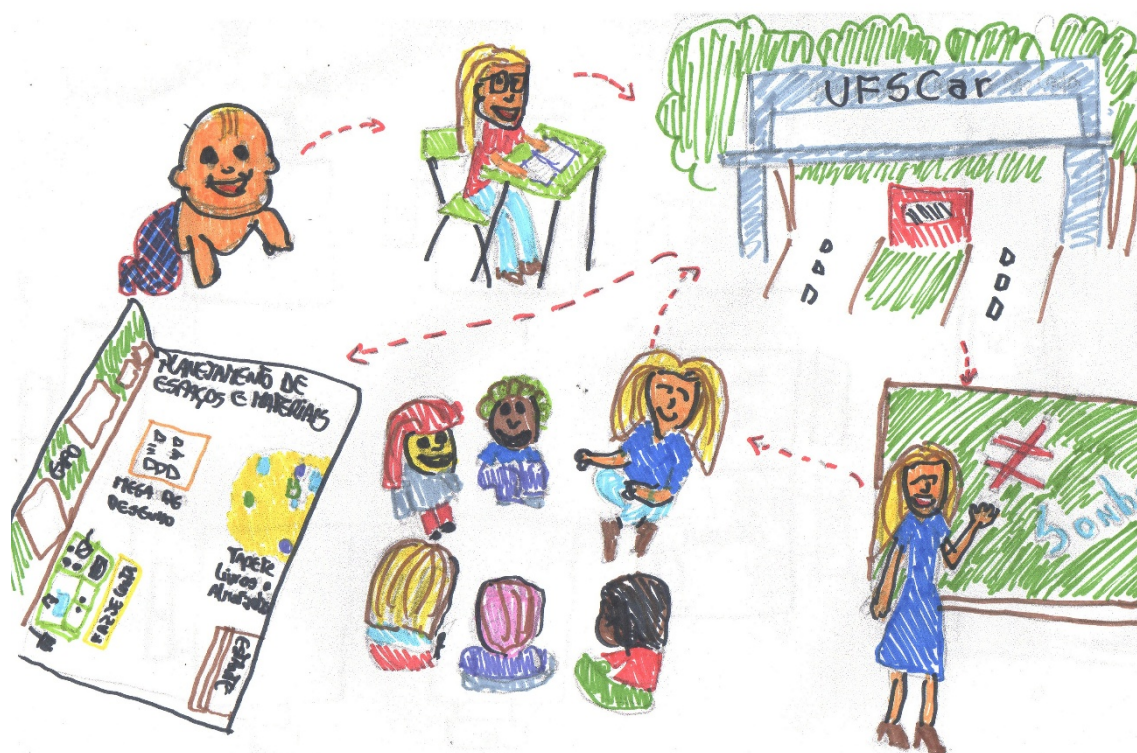
1. APRESENTAÇÃO.....	12
2. INTRODUÇÃO	15
2.1 Questão de pesquisa	16
2.2. Objetivos gerais e específicos	17
2.3. Estrutura.....	17
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
4. METODOLOGIA DA PESQUISA	22
4.1 Local de estudo, participantes e encontros formativos do ateliê do desenho.....	22
4.2 Instrumentos para a constituição e análise dos resultados	37
5. ARTIGO: O DESENHO NA VIDA ADULTA: REFLEXÕES SOBRE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO	399
6. ARTIGO: A MÃO QUE PLANEJA, DESENHA	466
7. ARTIGO: PLANEJAMENTO VISUAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB O OLHAR DAS PROFESSORAS	61
8. ARTIGO: O DESENHO NO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES E REFLEXÕES	744
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	888
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICES.....	944
Apêndice 1: Questionário de caracterização das participantes	94
Apêndice 2: Produto Educacional	99

1. APRESENTAÇÃO

Peço licença a você, leitora ou leitor, que está com este trabalho em mãos, para compartilhar um pouco sobre mim, Alice Meirelles Mucheroni, coordenadora da Educação Infantil na rede municipal de São Carlos/SP. Espero que minhas palavras ressoem em você com a mesma intensidade e beleza com que emergem de mim, inspirando sentimentos de esperança, encantamento e transformação para o futuro. Além disso, tenho a expectativa de que o que apresento aqui os(as) conduza ao reconhecimento da estética e da organização como elementos essenciais do nosso cotidiano, capazes de criar ambientes que promovam bem-estar e inspiração.

Ao revisitar minhas memórias, percebo que minha trajetória na educação se iniciou há muito tempo, sendo moldada por experiências significativas e transformadoras. A seguir, compartilho um desenho que fiz e um pouco da história desta coordenadora e pesquisadora em sua jornada pela Educação Infantil, conforme Figura 1 que segue.

Figura 1: Desenho Alice



Fonte: própria autora (2025).

Vemos na Figura 1, de forma lúdica, minha trajetória (infância, período escolar tradicional, ingresso na Pedagogia, início da docência, busca por fazer diferente e retorno a universidade como pesquisadora). Quando criança, eu era muito ativa e curiosa. Na escola, demorava para copiar o que estava na lousa e me distraía facilmente brincando com os materiais escolares. Muitas professoras não compreendiam meu ritmo de desenvolvimento e minhas notas sempre foram medianas. Com o tempo, percebi o desinteresse de alguns professores em suas aulas, o que também me desmotivava. Eles costumavam focar apenas nos “bons” alunos, enquanto eu me distraía e me divertia com os colegas mais bagunceiros. Ao iniciar o Ensino Médio, adotei uma postura mais crítica e percebi que os professores poderiam valorizar mais a diversidade dos alunos, reconhecendo que cada um tem habilidades únicas. Foi então que decidi que queria agir de forma diferente, que desejava fazer a diferença para alguns.

Em 2006, ingressei no curso de Pedagogia da UFSCar e, em 2007, comecei a atuar como estagiária na Educação Infantil em um Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) em São Carlos. Desde então, já me deparava com alguns desafios. Um deles era a dificuldade das professoras em planejar projetos ou semanas de atividades com as crianças. Assumi o papel de planejar as ações da turma em que atuava, embora a temática ainda fosse pouco explorada na graduação e abordada de maneira tradicional tanto na rede quanto nas disciplinas da universidade, focando em planejamento de aulas, tempo, conteúdo e materiais. Muitas vezes, o planejamento não se concretizava devido ao interesse das crianças ou permanecia no âmbito dos sonhos adultocêntricos dos professores (Fochi, 2015) que insistiam em direcionar e concluir os projetos. As temáticas abordadas eram frequentemente repetitivas, envolvendo cores, autonomia, circo, educação ambiental e higiene.

Neste caminho, é importante refletir sobre as ideias de Larrosa (2002). Ele critica a forma tradicional de ensinar o conhecimento, que separa ciência e técnica, e destaca como a experiência pode ser transformadora, já que está profundamente ligada à vida real. Sendo assim, olhar para as crianças e seus interesses, ao invés de reutilizar projetos e ideias prontas, é essencial no planejamento.

Ao assumir o cargo de coordenadora, senti a urgência de aprimorar meus conhecimentos para oferecer um suporte mais qualificado aos professores. Participei de cursos e palestras voltadas aos desafios identificados em meu caminhar. Essas formações me ajudaram a auxiliar os educadores nas diversas áreas que necessitavam de apoio, sempre orientada pelos documentos oficiais da rede de ensino. Esse aspecto me remete a

Tardif (2002), pois o autor destaca a importância de repensar o que os professores precisam saber para ensinar bem. Ele sugere que devemos valorizar o conhecimento prático e criar uma formação mais completa para os professores. Tal ação ajuda a entender como os professores podem melhorar suas habilidades de forma que realmente impacte o seu desenvolvimento. E, como pesquisadora, almejo correlacionar essa abordagem por meio do ateliê do desenho. Essa visão faz sentido para mim, especialmente na minha prática como professora. Ensinar e refletir sobre o ensino são partes essenciais do meu trabalho. Acredito que, ao valorizar as experiências dos alunos, posso ajudar a tornar o aprendizado mais significativo e conectado à vida deles. Mas nem sempre tive esse olhar.

Durante oito anos, dediquei-me a essa função, enfrentando desafios significativos, como a falta de apoio pedagógico e a ausência de formação continuada. Essa experiência me fez perceber a necessidade de um trabalho mais eficaz, crítico e reflexivo com as crianças. Alarcão (2005) explora a complexidade do ensino e a importância de identificar os conhecimentos necessários para a prática docente eficiente. Ela dialoga com minha busca por estratégias pedagógicas que valorizem o papel do professor reflexivo, um processo essencial para a formação permanente, promovendo a autonomia e a capacidade crítica dos professores, algo que sempre busquei fomentar. Por isso, nessa pesquisa, visio promover a reflexão coletiva, apoiando as professoras em seus planejamentos.

Como coordenadora, um dos desafios que identifiquei foi a dificuldade dos professores em registrar de forma eficaz o planejamento dos espaços e materiais. Para enfrentar essa questão, iniciei um processo de acompanhamento mais próximo dos planejamentos e registros pedagógicos, oferecendo orientações específicas para melhorar a qualidade desses registros. Minha atuação objetiva não apenas a organização e sistematização dos processos pedagógicos, mas também a promoção de um ambiente de aprendizagem mais enriquecedor e significativo para as crianças.

Inspirada por uma palestra transformadora das diretoras do renomado “Jardim de Infância Fabulinus” de Buenos Aires, Alejandra Dubovik e Alejandra Cippitelli, durante o XVIII Seminário de Educação Infantil em Águas de Lindoia, despertei para o potencial do desenho como ferramenta de planejamento pedagógico. A partir dessa experiência, iniciei uma jornada por explorar a perspectiva das professoras de Educação Infantil sobre o planejamento por meio de desenhos junto ao PPGPE.

2. INTRODUÇÃO

O planejamento pedagógico é um dos pilares fundamentais da prática docente, especialmente na Educação Infantil, etapa da educação básica que exige sensibilidade e intencionalidade na organização do ambiente e das interações. Nos últimos anos, as discussões sobre planejamento nessa fase de ensino têm se ampliado, impulsionadas pela necessidade de promover práticas mais dialógicas, flexíveis e centradas na criança. No entanto, enquanto grande parte das pesquisas aborda o planejamento a partir da escrita e dos registros textuais, pouco se tem explorado sobre o uso de outras formas de linguagem para planejar as práticas pedagógicas, como o desenho.

Essa lacuna se torna ainda mais evidente quando realizamos a pesquisa bibliográfica sobre o planejamento na Educação Infantil em bases de dados acadêmicas. Ao realizar um levantamento na *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)*, que reúne produções acadêmicas defendidas em diversas universidades do país, verifiquei que, entre os anos de 2019 e 2024, apenas 16 dissertações e teses relacionam diretamente “planejamento” e “Educação Infantil” em seus títulos. Apesar desses trabalhos abordarem temáticas como planejamento colaborativo, currículo e documentação pedagógica, nenhum deles se aprofunda na relação entre planejamento e a linguagem do desenho como possível instrumento metodológico utilizado por professores da Educação Infantil.

Complementarmente, na *plataforma Periódicos CAPES*, foram consultados artigos revisados por pares utilizando os descritores “planejamento na Educação Infantil” e entre 2019 e 2025 registra um total de 271 estudos. A leitura preliminar dos resumos revelou que, ainda que essas pesquisas tratem de diferentes perspectivas do planejamento pedagógico, como suas relações com currículo, formação docente, práticas reflexivas e organização do tempo e do espaço, porém nenhuma aborda a análise sobre o uso do desenho como uma ferramenta ativa no registro, na estruturação e na visualização do planejamento docente.

Essa lacuna na literatura acadêmica reflete uma limitação histórica da tradição pedagógica brasileira, caracterizada pela predominância dos registros escritos como a principal forma legítima de planejamento o que, muitas vezes, resulta em um afastamento da prática efetiva em sala de aula (Tardif, 2002). Em contrapartida, pedagogias participativas, que enfatizam o protagonismo da criança no processo de aprendizagem,

têm explorado de maneira mais ampla o planejamento dos tempos, espaços e materiais, integrando a documentação como uma estratégia reflexiva fundamental.

Diante desse panorama, esta pesquisa busca contribuir para o preenchimento dessa lacuna ao analisar a visão das professoras de Educação Infantil sobre o planejamento por meio de desenhos que podem atuar como um complemento ao planejamento escrito. A intenção é destacar que a linguagem visual pode enriquecer o processo de planejar na educação infantil. Sendo assim, o desenho é uma ferramenta para ampliar e não para substituir as práticas já estabelecidas.

Portanto, nossa investigação parte do pressuposto de que o uso do desenho como ferramenta de planejamento pode facilitar a organização do pensamento pedagógico, favorecer a criatividade dos docentes e ampliar o diálogo entre planejamento e prática. Além disso, espera-se que essa abordagem contribua para a valorização de estratégias mais integradas e visuais no contexto da documentação pedagógica e das práticas reflexivas na Educação Infantil.

2.1 Questão de pesquisa

Neste sentido, a questão de pesquisa que este estudo pretende responder é: Qual é a visão das professoras de Educação Infantil sobre a ação de planejar por meio de desenhos? Para tanto, cada artigo que será apresentado nessa dissertação visa responder uma questão específica:

- O uso do desenho como meio de comunicação no planejamento pedagógico é possível?
- Quais são as compreensões das professoras de acerca do desenho como linguagem para o planejamento pedagógico e quais desafios enfrentam para integrá-lo às suas práticas cotidianas?
- Como as professoras percebem o planejamento visual por meio de suas representações gráficas?
- Qual o potencial do desenho no planejamento pedagógico da Educação Infantil, com foco em sua inserção na prática docente?

2.2. Objetivos gerais e específicos

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar a visão das professoras de Educação Infantil sobre a ação de planejar, utilizando desenhos. Para atingir esse objetivo, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar as visões das professoras sobre a ação de planejar por meio de desenhos.
- Analisar a relação entre a escrita e o desenho do planejamento elaborado pelas professoras.
- Proporcionar experiências práticas e reflexivas às professoras quanto a ação de planejar por meio de desenhos.
- Analisar como as representações gráficas influenciam a organização e execução do planejamento pedagógico.
- Desenvolver um conjunto de sugestões para a integração de desenhos no processo de planejamento na educação infantil (Produto Educacional).

2.3. Estrutura

Esta Dissertação fundamenta-se na elaboração de quatro artigos que compõe cada seção (de 3 a 6). Justifica-se a escolha desse formato dada a riqueza e a diversidade dos encontros formativos com as professoras, gerando temáticas importantes e específicas a serem aprofundadas e exploradas. Além disso, a produção de artigos facilita a comunicação e a apropriação dos resultados da pesquisa para educadores e profissionais da área. Cada artigo, ao focar em um tema específico, oferece contribuições diretas e práticas para a área de planejamento na Educação Infantil. Essa estrutura reflete a natureza da pesquisa-formação, onde a prática e a reflexão dialogam continuamente.

Antes de apresentação dos artigos, serão explicitados o local do estudo, as características das participantes e a descrição dos encontros formativos realizados no Ateliê do Desenho (seção 4). As considerações finais constarão na seção 9, na qual se discutem os resultados obtidos a partir dos artigos. Por fim, as referências bibliográficas utilizadas em todos os artigos serão reunidas ao final da dissertação.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Desde o início da vida, a comunicação humana nasce do visual: antes de falarmos ou escrevermos, desenhamos. O traço é uma das formas mais antigas de expressão e pensamento e é a partir desses traços que surgiram as letras.

Desenhar é simples, nasce de um gesto. Não precisamos nem mesmo de ferramentas. Passamos a mão sobre a areia e deixamos um traço registrado. Dançamos ou caminhamos e os movimentos criam sulcos por onde passamos. Desde que nascemos, o desenho faz parte de nossa interação com o ambiente. É um impulso natural que nos permite marcar, compreender e refletir sobre o ambiente físico, além de imaginar ou sonhar nossas vidas nele (Blanco e Cidrás, 2024, p.19).

Na infância, o desenho também é uma forma de imaginar, comunicar e se expressar; por isso, é amplamente utilizado na psicologia infantil para compreender dimensões simbólicas e afetivas do desenvolvimento (Cognet, 2021). No cotidiano adulto, embora muitas vezes esquecido ou subvalorizado como nos aponta Dondis (2007), o desenho continua presente: o técnico de basquete, por exemplo, que esquematiza as jogadas ou o arquiteto que projeta um espaço, recorrem ao visual como forma de raciocinar, planejar e comunicar. Desenhar é, portanto, pensar com as mãos, transformar ideias em formas visíveis que dão corpo à imaginação e ampliam as possibilidades de compreensão, reflexão e ação no mundo.

Refletir sobre o uso do desenho no planejamento pedagógico também é revisitar a própria infância. Como valorizamos a infância se não somos capazes de recuperar a nossa? Ao retomar o gesto de desenhar, o professor se reconecta com esse tempo de curiosidade e abertura. Desenhar, nesse sentido, não é apenas uma prática pedagógica, mas um exercício de memória e sensibilidade, que permite ao educador reencontrar o olhar da criança que foi, um olhar que escuta, imagina e transforma.

Para ressignificar o planejamento pedagógico de acordo com as pedagogias participativas na Educação Infantil podemos romper com a tradição de usar apenas a linguagem verbal e escrita, abrindo espaço para outras formas de expressão que unam a reflexão do professor à escuta das crianças. Nesse contexto, o uso do desenho como ferramenta de planejamento pode ser compreendido como um “ato responsivo”, no sentido bakhtiniano, um gesto ético e estético em que o professor se reconhece como sujeito ativo e singular, formado no diálogo com o outro: a criança, os colegas e a comunidade educativa.

Nessa imagem dialógica, o traço torna-se resposta e convite: cada linha carrega o eco da escuta e o desejo de compreender o mundo. Essa leitura dialoga com Figueiredo (2021) ao compreender o desenho como linguagem que articula pensamento e sentimento, razão e sensibilidade, corpo e gesto, dimensão estética inseparável da experiência humana. Essa concepção dialoga diretamente com as Pedagogias Participativas, como a abordagem de Reggio Emilia, que reconhece a criança como potente e ativa, valorizando a documentação pedagógica como forma de pensamento e escuta.

Conforme Malaguzzi (apud Edwards, Grandini e Forman, 2016, p. 94), “os professores seguem as crianças, não seguem planos. Os objetivos são importantes e não serão perdidos de vista, mas o porquê e como se chegar até eles são mais importantes”.

Esse cuidado ao olhar para a criança e suas linguagens é essencial nessa pedagogia. O desenho é uma das “cem linguagens da criança”, mas também pode e deve ser uma linguagem do educador, um meio de documentar, refletir e imaginar o cotidiano pedagógico com sensibilidade e intencionalidade. De acordo com Ribeiro (2021), para que de fato ocorra uma escuta sensível, a docência na Educação Infantil necessita que profissionais tenham um olhar atento,

buscando compreender os diferentes modos de ser das crianças e estando disponível para se “alfabetizar” em suas múltiplas linguagens, se atentando às condições contribuições das crianças para o planejamento dos tempos e espaços educativos, vivenciados com protagonismo de criança e professora/es nas instituições de Educação Infantil (Ribeiro, 2021, p. 66).

Dessa forma, a linguagem do desenho contribui para esse percurso, tornando o planejamento mais sensível, intencional e coerente com a participação das crianças. Rinaldi (2012) destaca que planejar é uma forma de tornar visível a trajetória das crianças e os processos que constituem suas aprendizagens. No entanto, é preciso questionar: para quem esse percurso é tornado visível? Quando o planejamento se mantém restrito à forma tradicional escrita, ele tende a afastar as crianças do processo reflexivo e participativo. O desenho, por sua vez, apoia essa perspectiva de coautoria, permitindo que as crianças se envolvam na construção e na interpretação do planejamento, transformando-o em um espaço compartilhado de escuta, diálogo e significação.

O conceito de documentação como uma coleção de documentos utilizados para demonstrar a verdade de um fato ou confirmar uma tese é historicamente correlato ao nascimento e à evolução do pensamento científico [...]. Considero interessante ressaltar como o conceito de documentação, que só recentemente ingressou no ambiente acadêmico [...] sofreu modificações substanciais. [...] Nesse contexto, a documentação é interpretada e utilizada por seu valor como ferramenta para recordar; isto é, como possibilidade de reflexão (Rinaldi, 2012, p. 120).

A perspectiva de professor reflexivo é essencial para compreender o potencial transformador dessa prática. Schön (1992) descreve a “reflexão na ação” como o processo em que o profissional pensa sobre o que faz enquanto faz, inovando e ajustando suas decisões em tempo real.

Se o professor quiser familiarizar-se com este tipo de saber [o conhecimento tácito do aluno], tem de lhe prestar atenção, ser curioso, ouvi-lo, surpreender-se, e actuar como uma espécie de detective que procura descobrir as razões que levam as crianças a dizer certas coisas. (Schön, 1992, p.3)

A sensibilidade no olhar para a criança integra a constituição do professor reflexivo e o desenho, compreendido como espaço de experimentação pedagógica, potencializa esse processo ao permitir a visualização, o teste e a reelaboração das intenções pedagógicas que antecedem a ação docente. Para Larrosa (2002), a experiência é aquilo que nos forma e nos transforma; desenhar o planejamento é, portanto, uma forma de desacelerar, observar e escutar com atenção, tornando a prática educativa um território de sensibilidade e transformação.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2002, p.19)

O planejamento, segundo Ostetto (2017), é uma atitude de traçar, projetar e programar percursos, caracterizada pela flexibilidade e abertura à constante revisão. A autora ressalta que "a questão não é a forma, mas os princípios que sustentam uma ou outra organização" (p.176). Nesse sentido, o desenho funciona como um registro que faz

sentido para quem o produz, sendo uma forma singular de organizar o pensamento pedagógico.

A ideia se aproxima da defesa de Dondis (2007) pela alfabetização visual, competência tão essencial quanto a verbal. Dominar linguagens visuais permite interpretar e produzir mensagens de modo acessível, sem depender de habilidades artísticas, legitimando o desenho como instrumento eficaz para organizar ideias e visualizar ações educativas.

Na verdade, essa é uma esfera em que o sistema educacional de move com lentidão monolítica, persistindo ainda uma ênfase no modo verbal, que exclui o restante da sensibilidade humana, e pouco ou nada se preocupando com o caráter esmagadoramente visual da experiência de aprendizagem da criança. (Dondis, 2007, p.17)

Nesse sentido, o desenho atua como um complemento enriquecedor ao planejamento escrito, fortalecendo quatro dimensões fundamentais na Educação Infantil: promove a expressão e autoria docente; favorece a clareza e a organização pedagógica; amplia a inclusão e a comunicação; e estimula a reflexão crítica e a inovação. Ao reunir essas dimensões, o desenho torna-se catalisador de criatividade e pensamento, levando o professor a revisitar e reorganizar suas práticas com olhar renovado.

Assim, a arte de planejar em desenhos vai muito além de uma técnica ilustrativa: constitui-se como uma postura estética e ética diante do ato de educar. Planejar visualmente é afirmar o professor como sujeito dialógico, ou seja, reflexivo, criativo e comprometido com a escuta e com a transformação das experiências na Educação Infantil.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

A trajetória metodológica desta pesquisa foi delineada para investigar as percepções docentes sobre o desenho como ferramenta de planejamento na Educação Infantil, unindo o rigor investigativo à prática reflexiva. O percurso foi estruturado em encontros formativos, denominados 'ateliê do desenho', realizados em um Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) de São Carlos durante o primeiro semestre de 2025. A proposta buscou não apenas coletar dados, mas promover um espaço de experimentação estética e diálogo, onde onze professoras puderam refletir sobre a hegemonia da escrita e explorar os desenhos como forma de planejamento. A seguir, apresenta-se o contexto do estudo, o perfil das participantes e os instrumentos e as formas de análise que fundamentam os resultados desta investigação.

4.1 Local de estudo, participantes e encontros formativos do ateliê do desenho

Este estudo foi realizado no 1º semestre de 2025, junto às professoras de um dos CEMEIs da rede municipal de São Carlos. A responsável pela pesquisa (que também é coordenadora de Educação Infantil), apresentou a pesquisa às professoras, informando-as sobre o objetivo, a justificativa e suas contribuições para a sua prática docente, somente após a obtenção do parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos (CEP – UFSCar). A partir de então, fez o convite. Para isso, as participantes foram comunicadas em reuniões de HTPI (Horário de Trabalho Pedagógico Individual), de forma cuidadosa, priorizando a escuta ativa e sem pressioná-las a participar. Todas as professoras, 11 ao todo, aceitaram participar e assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

Inicialmente, foi elaborado um questionário, conforme apêndice 1, para caracterização das participantes, sendo os principais dados apresentados a seguir.

Quadro 1- Perfil das professoras

Nome Fictício	Idade	Tempo de Atuação	Formação Principal e Especializações
Ana	36 a 45 anos	10 a 20 anos	Especialização (Educação Infantil)
Aurora	46 a 55 anos	Mais de 20 anos	Pós-graduação
Daiane	Acima de 55 anos	Mais de 20 anos	Magistério, Licenciatura em Pedagogia, Especialização (diversas, incluindo Ed. Infantil)
Iara	Acima de 55 anos	Mais de 20 anos	Licenciatura em Pedagogia e em Letras
Marcela	Acima de 55 anos	Mais de 20 anos	Licenciatura em Pedagogia
Pamela	46 a 55 anos	Mais de 20 anos	Magistério, Licenciatura em Pedagogia, Especialização (Ed. Infantil, Ed. Especial, Gestão Escolar)
Selma	25 a 35 anos	6 a 10 anos	Licenciatura em Pedagogia, Especialização (Educação Especial, Psicopedagogia, Gestão Escolar)
Sílvia	Acima de 55 anos	Mais de 20 anos	Especialização (Psicopedagogia, Educação Musical, História e Cultura Africana e Afro-Brasileira)
Tatiana	Acima de 55 anos	Mais de 20 anos	Especialização
Vera	46 a 55 anos	Mais de 20 anos	Especialização (Educação Ambiental, Educação Infantil, Educação Especial)
Vilma	Acima de 55 anos	Mais de 20 anos	Magistério e Licenciatura em Pedagogia

Fonte: própria autora (2025).

Conforme quadro 1, o grupo de professoras apresenta diversidade de idade, formação acadêmica e experiência profissional. A maioria tem entre 36 e 55 anos, denotando um grupo experiente. A formação predominante é a Licenciatura em Pedagogia, com algumas docentes apresentando especializações e pós-graduações em áreas como Psicopedagogia, Gestão Escolar, Educação Musical e Educação Especial e Inclusiva. Quanto ao tempo de atuação, há uma variação significativa, desde menos de um ano até mais de 20 anos, sendo mais comum um tempo superior a 10 anos na Educação Infantil.

Sobre o planejamento pedagógico, a maioria das professoras o compreende como um documento estruturado para organizar ações e estratégias, destacando a importância de sistematizar os conteúdos e garantir a adequação às necessidades das crianças. Quanto às práticas adotadas, o planejamento escrito prevalece amplamente, sendo realizado tanto individualmente quanto em colaboração com colegas. Algumas delas mencionaram o uso esporádico de esquemas para organizar ideias, mas os desenhos e representações visuais não se configuram como prática comum.

Quando questionadas sobre a utilização de desenhos ou esquemas gráficos para planejar atividades, a grande maioria respondeu negativamente, justificando com fatores como falta de hábito, insegurança quanto à capacidade de desenhar e percepção de que escrever ou digitar é uma forma mais eficiente. Algumas professoras admitiram nunca terem considerado essa possibilidade, enquanto outras relataram interesse, mas sem experiências anteriores.

As temáticas mais abordadas nos planejamentos incluem leitura e contação de histórias, rodas de conversa, brincadeiras, atividades sensoriais, dança, teatro, música, exploração de formas e cores, investigação científica, contato com a natureza e hábitos de autocuidado, evidenciando uma abordagem diversificada. Além disso, aparecem com menor frequência a inserção de tecnologia no planejamento pedagógico e a organização de materiais pedagógicos.

Sobre a possibilidade de planejar utilizando desenhos, as principais dificuldades apontadas foram a falta de habilidade técnica para o desenho, a incerteza sobre como representar visualmente as atividades de forma clara e a resistência natural diante da mudança de formato, já que a escrita está consolidada como método padrão. Para superar essas barreiras, algumas professoras sugeriram a realização de oficinas formativas, o desenvolvimento de representações gráficas mais acessíveis e a experimentação gradual, até que essa abordagem se torne mais familiar.

De maneira geral, a análise inicial dos dados evidenciou que o planejamento pedagógico na Educação Infantil ainda é baseado majoritariamente na escrita e que há uma resistência ao uso de desenhos e esquemas visuais, principalmente por desconhecimento das possibilidades dessa ferramenta. No entanto, as respostas revelaram uma curiosidade e abertura para novas abordagens, desde que sejam acessíveis e facilmente aplicáveis à rotina docente.

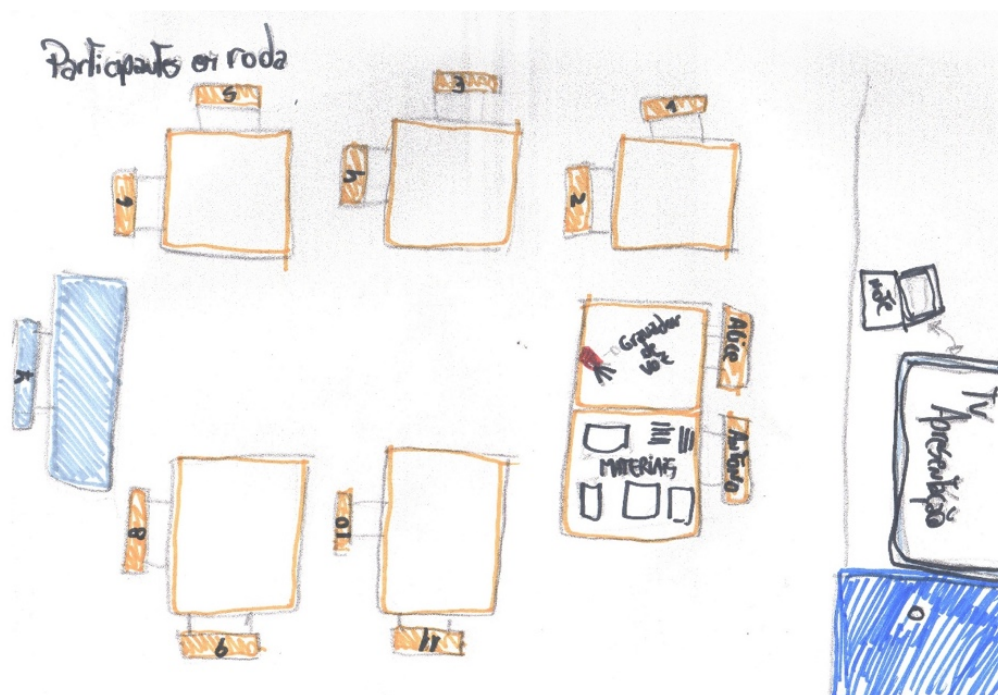
As professoras percebem o uso de desenhos como potencialmente mais complexo do que o planejamento escrito, necessitando de um entendimento claro sobre como utilizar as representações visuais de forma eficaz e como interpretar seus significados. Apesar dessa percepção de complexidade, algumas delas reconhecem que os desenhos podem trazer benefícios, como maior clareza e dinamismo no planejamento. Elas acreditam que, com a formação adequada, os desenhos podem se tornar uma ferramenta útil para organizar e visualizar as atividades pedagógicas.

Com relação ao ateliê do desenho, foram realizados 5 encontros em horário de HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo), às segundas-feiras, das 18h15 às

20h15, totalizando 10 horas, nos meses de fevereiro, março, abril, maio e junho de 2025 no próprio local onde as professoras já atuam. Isso facilitou o acesso das participantes e proporcionou um ambiente familiar e confortável para a realização das atividades propostas.

O desenho da Figura 2 representa a organização inicial do espaço da escola para os encontros, assim como a disposição dos materiais socializados e disponibilizados para uso pelas professoras.

Figura 2: Planejamento do espaço e a disposição dos elementos no ateliê



Fonte: própria autora (2025).

Em cada um dos encontros, foram abordados diferentes temas e aspectos do planejamento pedagógico utilizando representações visuais. O objetivo foi auxiliar as professoras na experimentação e implementação dessa ferramenta de forma gradual e prática, mas primordialmente, responder a seguinte questão de pesquisa: Qual é a visão das professoras de Educação Infantil sobre a ação de planejar por meio de desenhos?

Todos os encontros tiveram duração de 2hs e utilizaram a mesma estrutura ou etapas, a saber:

- 1) Discussão e reflexão teórica sobre uma temática (30min).
- 2) Oficina (50min).
- 3) Roda de conversa (30min).

4) Síntese coletiva (10min).

A seguir, detalhamos cada um dos encontros.

1º ENCONTRO

Quadro 2: Introdução ao Desenho no Planejamento Pedagógico

Data	Temática	Objetivo e justificativa
10/3/2025	Introdução ao Desenho no Planejamento Pedagógico	Incentivar as professoras a se sentirem mais confortáveis e confiantes com o uso do desenho no planejamento pedagógico, visando desconstruir a ideia de que é necessário “saber desenhar bem” para utilizar essa ferramenta. Como algumas delas relataram no formulário insegurança e dificuldade com o uso de desenho, este encontro visa proporcionar um ambiente acolhedor e livre de julgamentos, permitindo que experimentem o desenho de forma intuitiva, explorando-o como um meio de organização e comunicação, sem a pressão da perfeição técnica. Além disso, a intenção é promover uma reflexão para que possam expressar suas ideias visualmente, percebendo o potencial dos desenhos e esquemas gráficos para facilitar e enriquecer o planejamento.

Fonte: própria autora (2025).

a) Discussão e reflexão teórica sobre uma temática: O Desenho na vida adulta – uma retomada da comunicação visual

Inspirada em Edwards (1979), destacamos a importância do desenho como uma ferramenta essencial de comunicação visual, frequentemente subutilizada por adultos devido a fatores culturais e sociais que privilegiam a linguagem verbal e escrita. A hegemonia da palavra escrita, enraizada na tradição ocidental e na educação tradicional, contribui para a percepção de que a escrita é a forma superior de codificação da informação, relegando o desenho ao campo artístico ou técnico. No entanto, a apresentação enfatiza que a visualidade é crucial para a precisão e compreensão das informações, especialmente no contexto digital, onde elementos visuais são indispensáveis. A alfabetização visual deve ser desenvolvida e valorizada tanto quanto a verbal, e a crença na falta de habilidade para desenhar é um obstáculo que pode ser superado com a compreensão de que a inteligência visual-espacial é tão importante quanto outras formas de inteligência. O retorno da comunicação visual, impulsionado pela cultura digital, oferece uma oportunidade para redescobrir o desenho como uma ferramenta poderosa para organizar pensamentos, comunicar ideias complexas de forma clara e estimular a criatividade. Consequentemente, ao integrar o desenho em suas vidas

profissionais e pessoais, é possível reconhecer seu potencial para enriquecer a comunicação e a expressão.

b) Oficina: Vamos soltar o desenho

Durante a oficina, o Professor convidado, Antonio Carlos Vera Failache¹, disponibilizou papéis, lápis e canetas (não ofereceu borracha e régua) às professoras e iniciou uma dinâmica inspirada em Edwards (1979), focalizando o uso do lado direito do cérebro para que pudessem experimentar representações visuais básicas. Inicialmente, propôs que desenhassem, em 5 minutos, um brinquedo que as crianças gostam utilizando a mão dominante. Em seguida, repetiu a mesma dinâmica, mas com a mão não dominante. Após a finalização, os desenhos foram compartilhados e as professoras adivinharam qual brinquedo foi desenhado.

c) Roda de Conversa

Com o objetivo identificar a visão das professoras de Educação Infantil sobre esse primeiro momento de registro por meio de desenhos, tivemos um momento dedicado à interação e troca de ideias. Para tanto, algumas questões disparadoras guiaram o debate:

- O que você achou dessa primeira experiência de desenhar?
- Ao desenhar com a mão dominante e depois com a mão não dominante, quais foram os principais desafios que você enfrentou?
- Como foi a experiência de compartilhar e adivinhar os desenhos entre colegas?
- No formulário, houve a menção da insegurança ao desenhar. Após essa atividade, qual sua impressão sobre suas próprias habilidades de desenho?
- O que mais você gostaria de aprender ou praticar no ateliê do desenho?

d) Síntese coletiva: Ao final, as professoras participaram da construção de uma nuvem de palavras.

Segue um exemplo de desenho (Figura 3) produzido por uma das professoras durante o 1º encontro.

¹ Graduado em Desenho Industrial pela Fundação Armando Álvares Penteado (2007). Especialista pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em Discurso e Leitura de Imagem. Atualmente trabalha como Professor de Artes da rede Pública Estadual de São Paulo.

Figura 3: Desenho com a mão dominante e a mão não dominante da Profª Vilma



Fonte: própria autora (2025).

2º ENCONTRO

Quadro 3: Planejando brincadeiras ao ar livre

Data	Temáticas	Objetivo e justificativa
14/4/2025	-Técnicas básicas de desenho para o planejamento pedagógico (parte 1); - Brincadeiras ao ar livre e contato com a natureza.	Incentivar as professoras a se sentirem mais confiantes na arte de desenhar, já que pode favorecer a clareza, a organização e a criatividade das atividades educacionais. No formulário, 100% delas indicaram que elaboram planejamentos sobre as brincadeiras ao ar livre e contato com a natureza. Por isso, selecionamos essa temática para abordagem, representando-a por meio de desenhos. Além disso, pretendemos continuar a estimular o processo reflexivo para que possam expressar suas ideias, percebendo o potencial dos desenhos e esquemas gráficos para facilitar e enriquecer o planejamento.

Fonte: própria autora (2025).

- a) Discussão e reflexão teórica sobre uma temática: Orientações para iniciantes em desenho e ilustração.

Oferecemos orientações práticas para “iniciantes” em desenho. Abordamos a escolha de materiais adequados como papel, lápis e borracha, além de discutirmos a preparação do espaço de trabalho com foco em organização, iluminação e conforto. Apresentamos técnicas básicas de esboço, detalhamento e sombreamento, incentivando o uso de linhas leves, formas básicas, proporções, texturas, luz e sombra. Também proporcionamos dicas valiosas sobre como praticar diariamente, utilizar referências e experimentar novas técnicas. O evento foi um sucesso e os participantes saíram mais confiantes e preparados para desenvolver suas habilidades artísticas.

- b) Oficina: Criação de desenhos para o planejamento de brincadeiras ao ar livre

As professoras foram convidadas a escolher uma das fotografias das áreas externas do CEMEI a partir de imagens previamente selecionadas que retratam diferentes espaços do parque e da área de lazer da unidade, conforme Figura 4.

Figura 4: Coletânea de fotos dos espaços da escola



Fonte: própria autora (2025).

Com base na imagem escolhida, cada participante recebeu uma folha de papel sulfite, lápis e caneta. A partir de então, escolheram uma imagem para compor um desenho do ambiente retratado. Durante o processo de criação, as participantes foram incentivadas a refletir sobre o potencial pedagógico e lúdico desses ambientes para as crianças. Dessa forma, adicionaram elementos extras ao desenho, como brinquedos, materiais diversos e propostas de reorganização do espaço, a fim de enriquecer a experiência infantil ao ar livre.

Após a finalização dos desenhos, cada educadora foi orientada a elaborar e inserir uma legenda que representou sua proposta de instalação ou intervenção no espaço. Em seguida, os desenhos serão socializados com o grupo. Neste momento, promovemos uma dinâmica interativa, indicando os elementos que foram acrescentados e apresentando o que foi planejado. Nesse sentido, promovemos troca de percepções, inspirações e possibilidades pedagógicas para o uso dos espaços exteriores do CEMEI.

c) Roda de Conversa

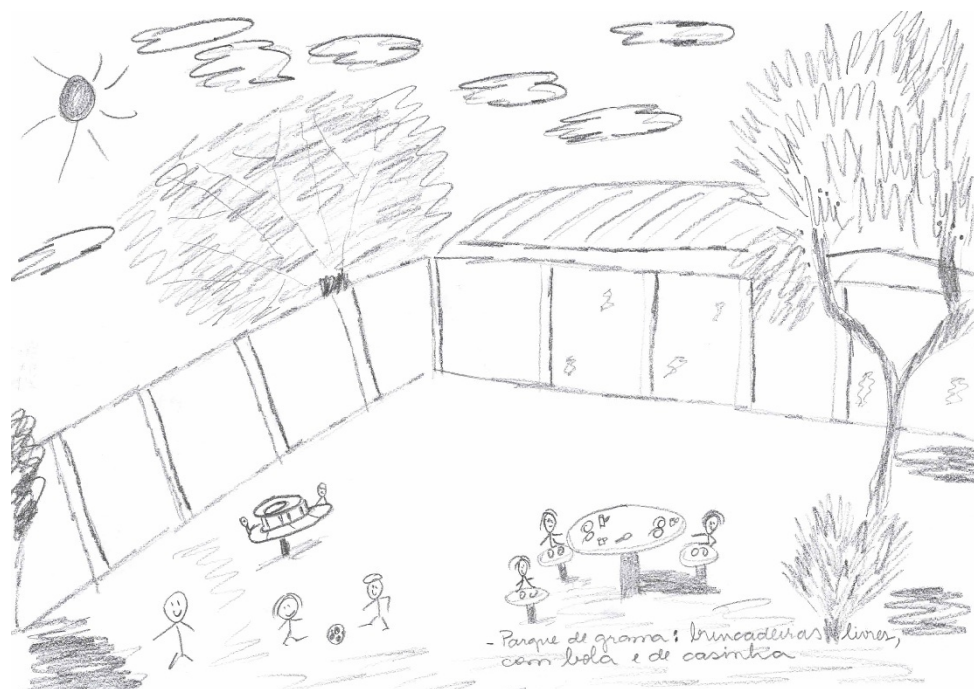
Com o objetivo identificar a visão das professoras de Educação Infantil sobre o segundo encontro, tivemos um momento dedicado à interação e troca de ideias. Para tanto, traçamos algumas questões para o debate:

- Como foi para você a experiência de utilizar o desenho como recurso para planejar o espaço pedagógico hoje?
- De que maneira o uso do desenho se assemelha ou se diferencia do planejamento escrito que você costuma realizar?
- Em quais situações você acredita que o desenho, enquanto recurso, pode ser mais adequado do que a escrita ao planejar?
- O que você sente que ainda precisa desenvolver para se sentir mais confortável ao utilizar o desenho no planejamento?

d) Síntese coletiva: Ao final, as professoras participaram da construção de uma nuvem de palavras.

Segue um exemplo de desenho (Figura 5) produzido por uma das professoras durante o 2º encontro.

Figura 5: Desenho do planejamento do espaço da Prof.^a Tatiana



Fonte: própria autora (2025).

3º ENCONTRO

Quadro 4: Planejando Traços, Sons, Cores e Formas

Data	Temáticas	Objetivo e justificativa
05/5/2025	-Técnicas básicas de desenho para o planejamento pedagógico Exploração de traços, cores e formas.	Incentivar as professoras a aprimorarem a organização e a criatividade no planejamento de vivências sobre a exploração de traços, sons, cores e formas, dentro do ambiente da sala referência. Elas identificaram essa temática como uma das mais abordadas em suas práticas pedagógicas, o que fundamenta e justifica sua escolha como foco principal desse encontro. Também pretendemos continuar a estimular o processo reflexivo para que possam expressar suas ideias, percebendo o potencial dos desenhos e esquemas gráficos para facilitar e enriquecer o planejamento.

Fonte: própria autora (2025).

- a) Discussão e reflexão teórica sobre uma temática: Desenho vs. Representação Gráfica: uma exploração.

Abordamos as diferenças entre desenho e representação gráfica, destacando suas características e papéis distintos no mundo visual. O desenho pode ser abstrato, realista ou estilizado, enquanto a representação gráfica inclui diagramas, gráficos e desenhos

técnicos. A jornada do desenho envolve etapas como ideia, esboço, adição de detalhes e finalização, enquanto a representação gráfica se concentra na clareza, precisão e eficácia da comunicação. Embora distintos em seus objetivos e técnicas, o desenho e a representação gráfica são complementares e interdependentes, contribuindo para a criação de um mundo visual rico e diversificado, podendo também enriquecer a prática pedagógica.

Reconhecer as diferenças entre o desenho e a representação gráfica é fundamental para o escopo desta pesquisa. Defendemos a construção de desenhos como ferramenta para o planejamento pedagógico.

b) Oficina: Criação de desenhos para o planejamento de exploração de traços, sons, cores e formas

Nesta oficina, as professoras foram incentivadas a criar desenhos que representem vivências pedagógicas, utilizando traços, sons, cores e formas. Exemplos práticos, como fotos e livros serão fornecidos para inspirar e orientar tal produção. Cada professora terá a oportunidade de elaborar seu próprio desenho, compartilhar com o grupo e discutir sobre ele.

c) Roda de Conversa

Com o objetivo identificar a visão das professoras de Educação Infantil sobre o terceiro encontro, teremos um momento dedicado à interação e troca de ideias. Para tanto, traçamos algumas questões para o debate:

- Você costuma usar recursos visuais ou sonoros (como imagens, cores e sons) no seu planejamento escrito?

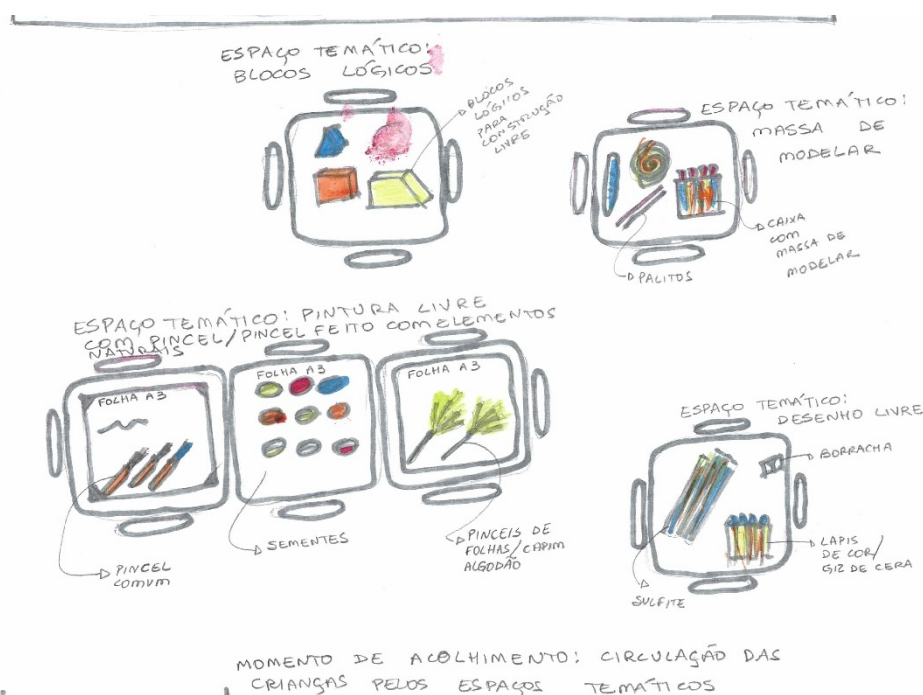
- A ação de planejar por meio de desenhos parece ser mais simples ou complexa do que você está acostumada? Por quê?

- De que forma as crianças poderiam se beneficiar com um planejamento pedagógico baseado em desenhos?

d) Síntese coletiva: Ao final, as professoras participaram da construção de uma nuvem de palavras.

Segue um exemplo de desenho (Figura 6) produzido por uma das professoras durante o 3º encontro.

Figura 6: Desenho de planejamento de vivência da Prof.^a Daiane



Fonte: própria autora (2025).

4º ENCONTRO

Quadro 5: Planejando tradições e festividades culturais

Data	Temáticas	Objetivo e justificativa
12/5/2025	Tradições e festividades culturais	Incentivar as professoras a aprimorar a organização das danças na festa junina. Todas as professoras identificaram práticas pedagógicas com esta temática, o que fundamenta e justifica sua escolha como foco principal desse encontro. Também pretendemos continuar a estimular o processo reflexivo para que possam expressar suas ideias, percebendo o potencial dos desenhos e esquemas gráficos para facilitar e enriquecer o planejamento.

Fonte: própria autora (2025).

- a) Discussão e reflexão teórica sobre uma temática: Criando Scripts de dança para a Festa Junina.

Apresentamos um material que ensina a criar scripts de dança para festas juninas, destacando a importância do planejamento organizado e criativo. Scripts facilitam o planejamento, tornam ensaios mais eficientes, permitem visualizar a coreografia e fazer ajustes precisos. Além disso, devem incluir posições iniciais, movimentos e passos detalhados, formações e transições, e contagem musical para sincronizar os passos com a música. O material também ensina a mapear o espaço do palco, marcar posições dos

dançarinos e criar legendas para os símbolos usados. Formações e transições são representadas com formas geométricas e linhas pontilhadas, numerando as mudanças. A música deve ser integrada ao script marcando compassos, alinhando movimentos e destacando momentos importantes. Nesse sentido, o material incentiva a prática, sugerindo escolher uma dança simples, aplicar as técnicas aprendidas, criar um script próprio e compartilhar para receber feedback.

b) Oficina: Criação de desenhos para o planejamento das danças de tradições e festividades culturais

Nesta oficina, as professoras foram incentivadas a explorar a criatividade e a expressão artística para planejar as danças das tradições e festividades culturais. Iniciaremos com uma breve apresentação de exemplos visuais, como fotos, vídeos e trechos de livros para inspirar e motivar as professoras a pensar de forma criativa. Elas terão acesso a uma variedade de materiais artísticos, como papel, canetas coloridas, lápis de cor, tintas e outros recursos visuais, e serão incentivadas a experimentar diferentes técnicas e estilos de desenho, utilizando traços, cores e formas para expressar suas ideias. Cada uma delas será convidada a criar um ou mais desenhos que represente(m) o planejamento das danças juninas, incluindo posições iniciais dos dançarinos, movimentos e passos detalhados, formações e transições, e a integração da música com a coreografia. Após a criação dos desenhos, haverá um momento de compartilhamento onde cada professora poderá apresentar seu trabalho ao grupo e discutir sobre ele.

c) Roda de Conversa

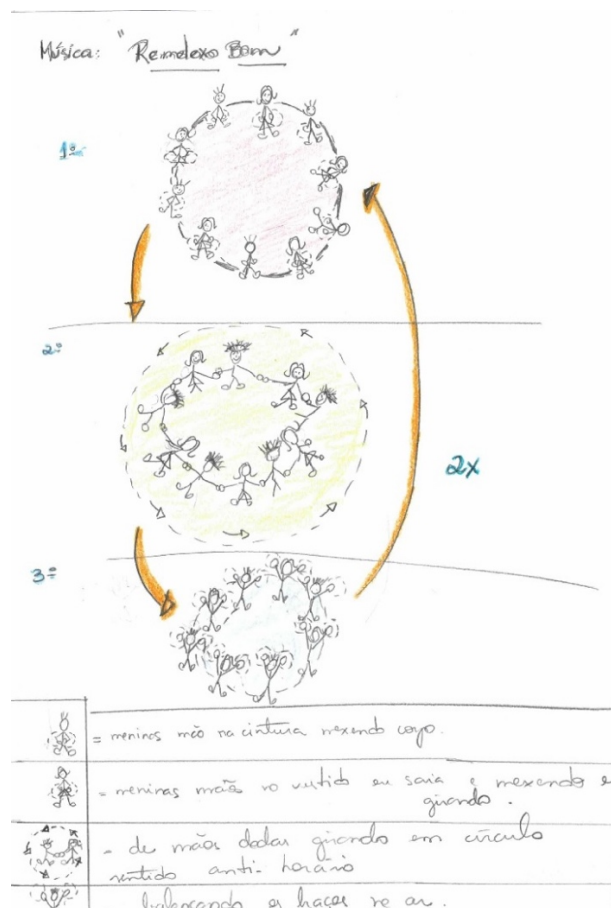
Com o objetivo identificar a visão das professoras de Educação Infantil sobre o quarto encontro, teremos um momento dedicado à interação e troca de ideias. Para tanto, traçamos algumas questões para o debate:

- De que forma a criação do desenho dos scripts de dança pode facilitar o planejamento das atividades juninas?
- Quais desafios você encontrou ao representar suas ideias por meio de desenhos?
- Que feedback você gostaria de receber sobre o seu desenho e planejamento de dança?
- Como você acha que a integração da música ao desenho do script pode melhorar a qualidade das apresentações de dança?

- d) Síntese coletiva: Ao final, as professoras participaram da construção de uma nuvem de palavras.

Segue um exemplo de desenho (Figura 7) produzido por uma das professoras durante o 4º encontro.

Figura 7: Desenho do planejamento da dança da Prof.^a Aurora



Fonte: própria autora (2025).

5º ENCONTRO

Quadro 6: Compartilhamento e reflexão

Data	Temáticas	Objetivo e justificativa
23/6/2025	Compartilhamento de vivências e reflexões finais sobre a jornada de aprendizado no ateliê.	Promover uma reflexão e discussão sobre o uso de desenhos como um recurso no planejamento pedagógico e favorecer a troca de experiências. Para tanto, foi utilizada a estratégia de ensino <i>Gallery Walk</i> .

Fonte: própria autora (2025).

a) Discussão e reflexão: Galeria de Desenhos

Promovemos uma reflexão coletiva sobre as vivências ao longo do Ateliê, buscando responder nossa questão de pesquisa: Qual é a visão das professoras de Educação Infantil sobre a ação de planejar por meio de desenhos?

A fim de identificarmos as respostas das professoras, proporcionamos um ambiente interativo e colaborativo, no qual pudessem compartilhar experiências, dar e receber feedbacks e explorar novas formas de expressão artística relacionadas à infância.

Este encontro foi a culminância dos anteriores, proporcionando às educadoras a oportunidade de revisitar suas produções e refletir sobre o desenvolvimento de suas habilidades de desenho no contexto pedagógico.

A estratégia de ensino denominada *Gallery Walk* foi utilizada para favorecer a troca de ideias e a identificação das percepções das professoras por meio de comentários diretos, incentivando uma comunidade de aprendizagem colaborativa.

Durante a exposição, os desenhos produzidos nos quatro encontros anteriores ficaram disponíveis para apreciação. Cada professora circulou livremente pelo espaço, observando suas próprias obras e as de suas colegas, refletindo sobre elas. Materiais como *post-its* foram disponibilizados para que as professoras pudessem inserir comentários, perguntas ou observações nos desenhos das outras participantes.

Ao longo desse “caminhar”, disponibilizamos materiais diversificados como papéis, canetas coloridas, lápis de cor e tintas, encorajando cada professora a criar um desenho livre, inspirado na infância, anexado também em um mural separado para isso, visando estimular a expressão criativa individual e a liberdade de expressão, já que são aspectos essenciais no desenvolvimento de abordagens pedagógicas inovadoras.

b) Roda de Conversa

Para concluir, houve uma roda de conversa dedicada ao fechamento dos encontros da pesquisa. As questões para debate foram:

- Antes do Ateliê, como você percebia o uso do desenho no planejamento pedagógico?
- Com as vivências no Ateliê, o que mudou na maneira como você compreende o planejamento visual?
- Quais aspectos ainda representam desafios para você ao incorporar o desenho como recurso no planejamento?

- Você se sente motivada (ou não) a incluir elementos gráficos em seus planejamentos daqui para frente? Por quê?

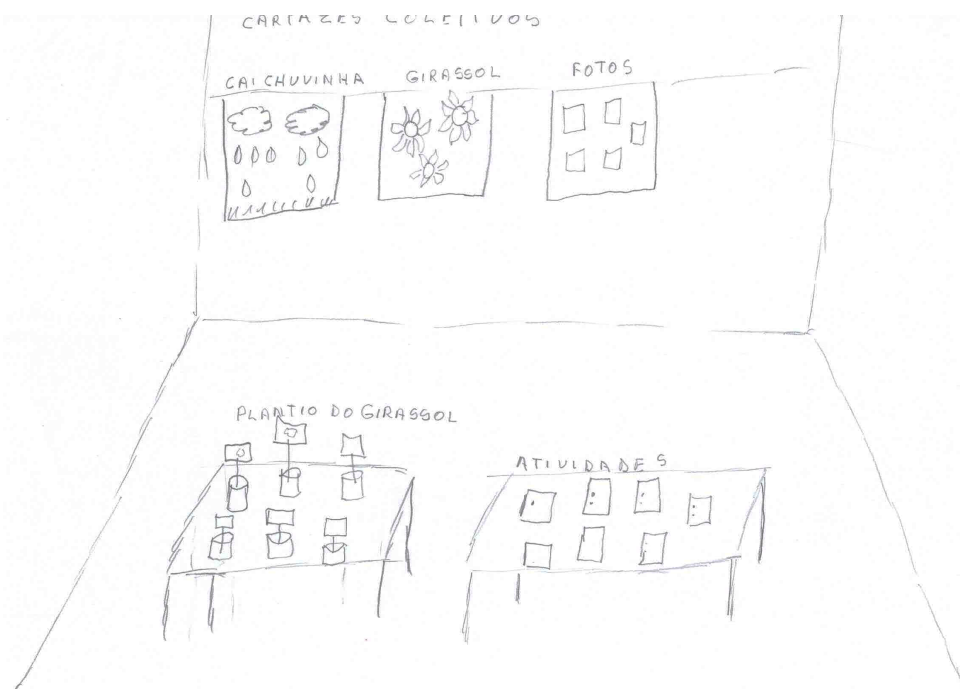
- De que forma você acha que o uso do desenho no planejamento pode contribuir para a sua prática com as crianças?

- Você acha que planejar com desenhos muda a forma como você observa, escuta ou se conecta com as crianças?

c) Síntese coletiva: Ao final, as professoras participaram da construção de uma nuvem de palavras.

Segue um exemplo de desenho (Figura 8) produzido por uma das professoras durante o 5º encontro.

Figura 8: Desenho do planejamento da exposição da Profª Marcela



Fonte: própria autora (2025).

4.2 Instrumentos para a constituição e análise dos resultados

Conforme informado anteriormente, todos os encontros tiveram duração de 2hs e seguiram a mesma estrutura com uso dos seguintes instrumentos de obtenção de dados:

- 1^a) Discussão e reflexão teórica sobre uma temática: diário de bordo, slides.
- 2^a) Oficina: diário de bordo e desenhos.
- 3^a) Roda de conversa: diário de bordo e gravação em áudio.
- 4^a) Síntese coletiva: diário de bordo, registros escritos, nuvem de palavras e mural de desenhos.

Portanto, os dados coletados incluíram o formulário inicial, os desenhos e registros escritos produzidos pelas docentes, além dos momentos de reflexão em grupo, que foram organizados e analisados qualitativamente. Também foram considerados os registros da pesquisadora em um diário de bordo. Procuramos identificar padrões, concepções e anseios sobre as visões das professoras com relação ao planejamento por meio de desenhos.

Foi utilizada a Análise Textual Discursiva (ATD), um procedimento qualitativo que busca aprofundar o entendimento dos fenômenos e possibilitar uma compreensão e/ou reconstrução dos conhecimentos existentes sobre temas investigados (Moraes e Galiuzzi, 2007). Esse método combina elementos de análise de conteúdo e análise de discurso. De acordo com os autores, a ATD é constituída de três etapas:

Unitarização: Nessa fase, o corpus de análise (as falas ou textos das professoras) foi fragmentado em unidades de sentido que representam os trechos mais significativos para a compreensão das visões expressas.

Categorização: As unidades de sentido extraídas na fase anterior foram organizadas em categorias que foram construídas a partir do que os dados trouxeram, e não de categorias predefinidas.

Produção de um Metatexto: A última fase envolveu a interpretação dos dados, com a construção de um texto que visa articular as categorias com a base teórica e os objetivos de pesquisa.

A ATD permitiu um olhar interpretativo, respeitando tanto os dados quanto as subjetividades e contextos das participantes. Também possibilitou a criação de novas compreensões a partir da análise, o que foi útil para um estudo que explorou um aspecto menos convencional, como o planejamento por meio de desenhos.

5. ARTIGO: O DESENHO NA VIDA ADULTA: REFLEXÕES SOBRE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

Artigo submetido, aprovado e apresentado no II Seminário Nacional de Pedagogia, Rio de Janeiro/RJ, 27/08/2025 a 29/08/2025

Introdução

O presente estudo é um recorte de uma pesquisa de Mestrado em andamento intitulada “Planejar em Desenhos: a visão das professoras de Educação Infantil” que parte do pressuposto de que o uso do desenho como ferramenta de planejamento pode facilitar a organização do pensamento pedagógico, favorecer a criatividade dos docentes e ampliar o diálogo entre planejamento e prática. Além disso, espera-se que essa abordagem contribua para a valorização de estratégias mais integradas e visuais no contexto da documentação pedagógica e das práticas reflexivas na Educação Infantil. As discussões aqui traçadas têm como objetivo refletir sobre a marginalização do desenho na vida adulta e sua importância no contexto da Educação Infantil.

A comunicação visual é uma forma de facilitar a organização e expressão de ideias de forma clara e intuitiva. Entretanto, há um progressivo abandono do uso do desenho como linguagem comunicativa ao longo do desenvolvimento, especialmente na vida adulta. Esse fenômeno é resultado de construções culturais e educacionais que, ao longo da história, promoveram a valorização da linguagem verbal e escrita em detrimento das formas visuais, relegando o desenho ao campo exclusivamente artístico ou técnico (Dondis, 2007).

Marco Teórico

No contexto ocidental, especialmente nas sociedades influenciadas por modelos educacionais europeus, a escrita tem historicamente ocupado um papel de destaque em relação às formas visuais de comunicação. Segundo Dondis (2007), a cultura ocidental valoriza a escrita como principal meio de codificação da informação, relegando a expressão gráfica ao âmbito artístico ou técnico. Essa priorização dos aspectos verbais e textuais na educação resulta na internalização de uma hierarquia na qual o pensamento visual é frequentemente subestimado. Como consequência, o desenho é gradualmente abandonado, tornando-se um recurso explorado apenas por considerados artistas gráficos.

Contudo, a supremacia da linguagem escrita na comunicação profissional e acadêmica não significa a ausência de elementos visuais. Na era digital, consumimos formas icônicas de comunicação, como emojis, pictogramas e infográficos, evidenciando a importância do pensamento visual para a compreensão e interação com o mundo contemporâneo. Dondis (2007) destaca ainda que a alfabetização visual deve ser encarada de maneira semelhante à alfabetização verbal, isto é, qualquer pessoa pode desenvolver a capacidade de interpretar e produzir mensagens visuais sem que seja necessário atingir um alto nível artístico. Assim como a escrita não precisa ser literária para ser eficaz, o desenho pode ser operado em diferentes níveis de complexidade, servindo como ferramenta de comunicação e planejamento.

Um dos principais fatores que impedem os adultos de utilizar o desenho como ferramenta de pensamento e expressão é o medo da imperfeição e, assim, de produzir imagens não precisas ou realistas. No entanto, Freire (1987, p.68) reforça que “não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes”.

Uma das referências teóricas centrais em documentos que orientam a Educação Infantil no Brasil como na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Currículo Paulista, é a abordagem Reggio Emilia, desenvolvida na Itália após a Segunda Guerra Mundial. Essa abordagem aponta que o desenho não é apenas uma atividade lúdica, mas uma forma essencial de comunicação, permitindo que as crianças expressem suas percepções e conhecimentos sobre o mundo. Além disso, as crianças são protagonistas ativas de sua aprendizagem, capazes de construir conhecimento por meio da interação com o ambiente, seus pares e os materiais disponíveis em sala de aula. Um dos pilares da abordagem é a documentação pedagógica que utiliza registros visuais (fotografias, vídeos e desenhos) para acompanhar e refletir sobre o desenvolvimento das crianças.

Dessa forma, alinha-se com a proposta de o desenho ser um instrumento de expressão infantil, mas também um recurso valioso para o planejamento pedagógico pelos professores.

Método

A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa. Inicialmente, foi realizada uma revisão da literatura, com identificação de lacunas de pesquisa quanto ao uso do desenho como ferramenta ativa no planejamento docente. Em seguida, foi planejado um ateliê de desenho, composto de cinco encontros, com a participação voluntária de onze professoras

de Educação Infantil, após aprovação ética e consentimento informado. A obtenção de dados ocorreu no primeiro encontro, de duas horas de duração, de acordo com a seguinte estrutura: 1) Discussão e reflexão teórica sobre uma temática (30min); 2) Oficina (50min); 3) Roda de conversa (30min) e 4) Síntese coletiva (10min). A análise dos dados foi conduzida por meio da Análise Textual Discursiva (ATD) que abrange três etapas, a saber: unitarização, categorização e produção de um metatexto (Moraes; Galiuzzi, 2007).

Resultados e Discussão

Inicialmente, foi elaborado um questionário de caracterização das participantes, composto de doze questões e organizado em três etapas: características pessoais; formação e experiência e, por fim, planejamento pedagógico.

De modo geral, as professoras relataram insegurança quanto ao ato de desenhar, justificando fatores como falta de hábito, insegurança quanto à capacidade de desenhar e percepção de que escrever ou digitar é uma forma mais eficiente. Tais respostas refletem o aspecto discutido anteriormente sobre a crença de que o desenho é uma habilidade inata e restrita a “quem sabe desenhar”.

O primeiro encontro do ateliê de desenho com a temática “Introdução ao Desenho no Planejamento Pedagógico” buscou incentivar as professoras a se sentirem mais confortáveis e confiantes com o uso do desenho no planejamento pedagógico, desconstruindo a ideia de que é necessário “saber desenhar bem” para utilizar essa ferramenta. Considerando que algumas professoras relataram insegurança e dificuldade com o uso do desenho, o encontro foi realizado em um ambiente acolhedor e livre de julgamentos. O objetivo foi permitir que as professoras experimentassem o desenho de forma intuitiva, explorando-o como um meio de organização e comunicação, sem a pressão da perfeição técnica. Além disso, a intenção foi promover uma reflexão para que pudessem expressar suas ideias visualmente, percebendo o potencial dos desenhos e esquemas gráficos para facilitar e enriquecer o planejamento.

Inicialmente, houve discussão e reflexão teórica sobre uma temática, no caso, sobre o desenho na vida adulta – uma retomada da comunicação visual. Inspirada por Edwards (1979) e com a colaboração de um professor especialista, foi destacada a importância do desenho como uma ferramenta de comunicação visual, frequentemente subutilizada por adultos devido a fatores culturais e sociais que privilegiam a linguagem verbal e escrita. A hegemonia da palavra escrita na tradição contribui para a percepção de

que a escrita é a forma superior de codificação da informação, relegando o desenho ao campo artístico ou técnico. Enfatizamos a importância da alfabetização visual e que a crença na falta de habilidade para desenhar pode ser superada. Discutimos o retorno da comunicação visual na cultura digital e seu potencial para organizar pensamentos e comunicar ideias complexas de forma clara, sugerindo a integração do desenho na vida profissional e pessoal.

Em seguida, foram disponibilizados materiais como papéis, lápis e canetas e realizada uma dinâmica, baseada em Edwards (1979), que argumenta que qualquer pessoa pode aprender a desenhar ao utilizar as capacidades do hemisfério direito do cérebro. Tal autor também ensina técnicas para “ver” de maneira mais precisa e criativa, promovendo uma transformação significativa na habilidade artística. Sendo assim, as professoras foram convidadas a desenhar um brinquedo que as crianças gostam com a mão dominante em 5 minutos e repetiram a ação, mas com a mão não dominante. Os desenhos foram socializados e, nas discussões e reflexões, apresentaram ideias de quais brinquedos foram desenhados pelas colegas.

Inicialmente, mostraram-se inseguras e acreditaram que não conseguiriam desenhar. No entanto, à medida que a experiência progredia, as professoras começaram a se sentir mais confortáveis, permitindo-se explorar possibilidades gráficas sem a pressão da precisão estética. Segue um exemplo:

Figura 9: Desenhos de uma professora sobre os brinquedos que as crianças mais gostam



Desenho de chinchila, peteca, pião, corda e pipa realizado com a mão dominante

Desenho de chinchila, peteca, pião, corda e pipa realizado com a mão não dominante

Fonte: arquivo próprio (2025)

O uso da mão não dominante foi um aspecto particularmente interessante no exercício. Inicialmente considerado um desafio, muitas professoras relataram surpresa ao perceberem que obtiveram bons resultados, mesmo com a mão menos hábil. Isso sugere que, quando retiramos a pressão por um “desenho correto”, a experiência se torna mais prazerosa e libertadora.

Após a oficina, uma roda de conversa foi realizada, revelando percepções fundamentais sobre o uso do desenho no planejamento pedagógico. Inicialmente, muitas professoras expressaram insegurança para desenhar. No entanto, à medida que a atividade progredia, essa insegurança foi substituída por relaxamento e diversão.

A curiosidade despertada pela atividade também foi relevante. Algumas professoras estavam ansiosas para ver o que conseguiriam produzir, transformando o desenho em um processo de descoberta. O silêncio e a concentração durante a prática revelaram que o desenho pode ser um exercício meditativo e de imersão. O uso da mão não dominante se destacou como um desafio instigante, conforme depoimentos das professoras Tatiana e Silvia que se surpreenderam com os resultados obtidos, mesmo com a mão menos hábil.

A ideia do desenho como uma atividade prazerosa ficou evidente nas falas das professoras. O processo, que começou com dúvida e receio, terminou como a ludicidade, ressaltando o potencial do desenho no planejamento pedagógico. Nesse sentido, quando trabalhado sem pressões estéticas, pode se tornar uma ferramenta criativa e estimulante. Os relatos indicaram também que o desenho não é apenas uma manifestação estética, mas também um meio de comunicação.

A professora Daiane destacou que, embora tenha enfrentado dificuldades, conseguiu expressar o que desejava. Esse aspecto reforça a importância do desenho como uma linguagem acessível a todos, independentemente de habilidades técnicas. Na reflexão sobre os desafios de desenhar com a mão dominante e com a mão não dominante, um ponto ressaltado foi a preocupação com proporção e precisão. A mesma mencionou a dificuldade de desenhar sem medir e garantir correção visual, refletindo a percepção comum de que o desenho precisa seguir regras formais. Essa visão pode inibir o uso do desenho no planejamento. Momentos que incentivam o desenho espontâneo e experimental ajudam a desconstruir essa visão.

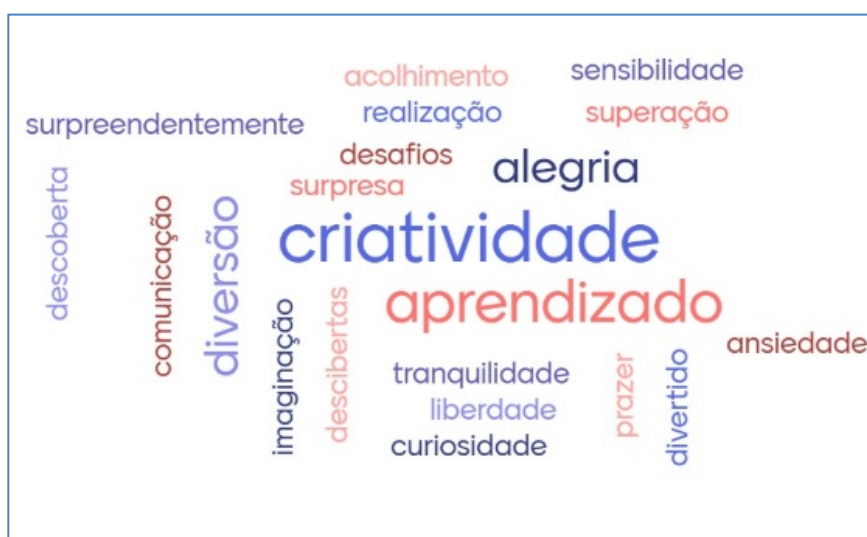
A diferença na firmeza e controle ao usar a mão não dominante foi citada como um desafio. Muitas professoras relataram traços mais fracos ou tremidos, sugerindo insegurança na execução e desconfiança no próprio desenho. A insegurança ao desenhar

com a mão não dominante foi associada ao medo de errar. Algumas hesitavam antes de continuar o desenho, refletindo padrões internalizados sobre o que é certo ou errado na produção gráfica. A referência visual no segundo desenho, feito com a mão não dominante, facilitou a atividade, mostrando a importância do planejamento gráfico.

Desenhar com a mão não dominante trouxe menos pressão por um resultado perfeito, permitindo mais liberdade e menos autocobrança. Isso sugere que, ao incorporar o desenho no planejamento pedagógico sem cobranças excessivas, ele pode ser um poderoso instrumento de comunicação, criatividade e desenvolvimento cognitivo. A roda de conversa também abordou a percepção das habilidades de desenho das professoras após a experiência. Muitas carregavam inseguranças e autopercepções negativas, reconhecendo o desenho como uma habilidade técnica. No entanto, ao longo da atividade, puderam reconhecer progresso e mencionaram que repetição e exercício podem melhorar essa habilidade. O contexto da atividade, focado na comunicação visual e não na perfeição técnica, proporcionou um ambiente menos pressionador.

A análise da roda de conversa evidenciou também que há um caminho para desconstruir a ideia do desenho como exclusivo para quem “sabe desenhar”. Ao incorporá-lo ao planejamento de forma intencional e descomplicada, as professoras podem ampliá-lo como ferramenta significativa para a Educação Infantil. Ao final, construíram uma nuvem de palavras, a partir das palavras-chave indicadas pelas professoras, conforme segue.

Figura 10: Nuvem de palavras sobre as primeiras percepções sobre desenhar



Fonte: arquivo próprio (2025)

Conclusão

O desenho, muitas vezes subestimado e abandonado na vida adulta, é um importante instrumento de comunicação, planejamento e expressão. Fatores culturais e educacionais frequentemente o marginalizam, limitando-o a contextos específicos. No entanto, a roda de conversa destacou a necessidade de resgatá-lo como meio legítimo de expressão e planejamento, desmistificando a ideia de que apenas quem tem “dom artístico” pode desenhar. No contexto da Educação Infantil essa mudança pode fortalecer a criatividade das crianças e o desenvolvimento profissional das professoras. A dinâmica aplicada no primeiro encontro demonstrou que o desenho pode superar medos, promover autoconhecimento, prazer e comunicação. Além disso, as professoras perceberam que o desenho permite uma abordagem mais intuitiva e menos linear nas propostas pedagógicas, conectando melhor a criatividade e as necessidades das crianças, tornando o ensino mais dinâmico e acessível.

6. ARTIGO: A MÃO QUE PLANEJA, DESENHA

Artigo submetido, aprovado e publicado na Revista Linha Mestra,
v.19, n.56, 2025

Resumo

Este artigo investiga o uso do desenho como ferramenta no planejamento pedagógico na Educação Infantil, com foco na percepção de professoras e nos desafios enfrentados. A pesquisa envolveu a participação de onze docentes em encontros formativos, nos quais elaboraram desenhos de espaços educativos e refletiram sobre seu potencial pedagógico. Os dados revelaram insegurança gráfica e valorização da escrita em detrimento da visual. Apesar disso, o desenho foi reconhecido como recurso potente para expressar ideias, organizar o pensamento e comunicar intenções pedagógicas. O estudo destaca a importância de formações continuadas que estimulem o uso do desenho como linguagem legítima na prática docente, a fim de enriquecer o olhar educativo e favorecer o planejamento.

Palavras-chave: Educação infantil; Planejamento pedagógico; Desenho.

Abstract

This article investigates the use of drawing as a tool for pedagogical planning in Early Childhood Education, focusing on teachers' perceptions and the challenges they face. The research involved eleven teachers participating in formative meetings, where they created drawings of educational spaces and reflected on their pedagogical potential. The data revealed graphic insecurity and a tendency to value written language over visual expression. Despite this, drawing was recognized as a powerful resource for expressing ideas, organizing thoughts, and communicating pedagogical intentions. The study highlights the importance of ongoing professional development that encourages the use of drawing as a legitimate language in teaching practice, in order to enrich educational perspectives and facilitate planning.

Keywords: Early childhood education; Pedagogical planning; Drawing.

Resumen

Cet article examine l'utilisation du dessin comme outil dans la planification pédagogique en Éducation de la petite enfance, en mettant l'accent sur la perception des enseignantes et les défis rencontrés. La recherche a impliqué la participation de onze enseignantes lors d'ateliers de formation, où elles ont réalisé des dessins d'espaces éducatifs et réfléchi à leur potentiel pédagogique. Les données ont révélé une insécurité graphique et une valorisation de l'écrit au détriment du visuel. Malgré cela, le dessin a été reconnu comme une ressource puissante pour exprimer des idées, organiser la pensée et communiquer des intentions pédagogiques. L'étude souligne l'importance des formations continues qui encouragent l'utilisation du dessin comme un langage légitime dans la pratique enseignante, afin d'enrichir la perspective éducative et de faciliter la planification.

Palabras claves: Educación de la infancia; Planificación pedagógica; Dibujo.

Introdução

Nos contextos educacionais que valorizam a escuta ativa e a participação das crianças, as professoras da Educação Infantil são convidadas a observar, interpretar e documentar os processos de aprendizagem de forma sensível, intencional e reflexiva. Esse fazer pedagógico implica reconhecer as múltiplas linguagens infantis e criar condições para que elas se expressem nos espaços e tempos da escola. Nessa perspectiva, o planejamento deixa de ser apenas a antecipação de atividades e passa a ser entendido como um movimento contínuo, em que o educador registra, analisa e reorganiza suas propostas a partir da escuta das crianças e das interações vivenciadas no cotidiano (Edwards, Gandini; Forman, 2016; Rinaldi, 2014).

Nesse processo, a documentação pedagógica se configura como uma prática fundamental, pois permite tornar visíveis os pensamentos, descobertas, teorias e aprendizagens construídas pelas crianças e educadores em suas vivências escolares. Para além do simples registro de atividades, a documentação busca expressar o percurso educativo, promovendo a escuta e o diálogo entre todos os envolvidos (Rinaldi, 2014). Ela pode assumir diferentes formatos, como textos, fotografias, vídeos, áudios e produções visuais e se constitui como ferramenta de reflexão, planejamento e comunicação no trabalho docente.

Nessa perspectiva, a comunicação visual pode ser mobilizada pelas professoras como uma linguagem pedagógica legítima. Entretanto, embora o desenho seja valorizado como forma de expressão infantil, tende a ser progressivamente abandonado ao longo da vida, especialmente na idade adulta. Esse fenômeno tem origem em construções históricas que privilegiaram a linguagem verbal, restringindo o desenho a funções meramente artísticas ou técnicas (Dondis, 2007).

No entanto, especialmente na Educação Infantil, é essencial reconhecer o desenho como instrumento de organização do pensamento, de planejamento e de expressão docente. Dondis (2007) defende que a alfabetização visual deve ser compreendida de modo análogo à verbal, ou seja, qualquer pessoa pode desenvolver a capacidade de interpretar e produzir imagens sem a necessidade de domínio artístico. Assim como a escrita não precisa ser literária para ser eficaz, o desenho pode ser funcional, claro e significativo.

Contudo, a centralidade da linguagem escrita na formação e comunicação profissional não elimina a presença e a importância dos elementos visuais. Na era digital,

“consumimos” e produzimos constantemente formas icônicas de comunicação, como emojis, infográficos e mapas visuais. A priorização dos aspectos verbais na educação, no entanto, reforça uma hierarquia que subestima o pensamento visual, o que contribui para que muitas educadoras deixem de utilizar o desenho como ferramenta de trabalho. Um dos obstáculos mais comuns é o medo da imperfeição e a crença de que desenhar exige precisão ou realismo. Freire (1987, p. 68), ao afirmar que “não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes”, nos convida a desconstruir essa hierarquia e a valorizar diferentes formas de conhecimento e expressão também na prática docente.

Partindo desse entendimento, consideramos que o desenho pode ser incorporado ao planejamento pedagógico como uma linguagem complementar, capaz de favorecer a organização visual das ideias e mediar interações com os pares e com as crianças. Assim, torna-se relevante investigar quais são as compreensões das professoras de Educação Infantil acerca do desenho como linguagem para o planejamento pedagógico e quais desafios enfrentam para integrá-lo às suas práticas cotidianas. Obter respostas para essas questões é o objetivo deste artigo.

O desenho na educação infantil para as crianças e para as professoras no contexto do planejamento

Uma das abordagens centrais mencionadas na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) e no Currículo Paulista (São Paulo, 2019), que orientam a Educação Infantil no Brasil, é a proposta Reggio Emilia², desenvolvida na Itália após a Segunda Guerra Mundial. Essa abordagem valoriza a expressão gráfica das crianças como uma de suas múltiplas linguagens. O desenho, nesse contexto, não é apenas uma atividade lúdica, mas uma forma essencial de comunicação, permitindo que as crianças expressem suas percepções e conhecimentos sobre o mundo.

As crianças são reconhecidas como seres competentes, curiosos e cheios de potencial, protagonistas ativas de sua aprendizagem. Elas constroem conhecimento a partir das próprias experiências e interações com o mundo ao seu redor. O ambiente físico, por sua vez, é planejado com cuidado para ser acolhedor, encantador e repleto de

² Para quem deseja se aprofundar na abordagem de Reggio Emilia, recomendamos a leitura de "As Cem Linguagens da Criança", de Carolyn Edwards, Lella Gandini e George Forman. A obra oferece um panorama abrangente das práticas pedagógicas inovadoras desenvolvidas em Reggio Emilia, destacando o valor do aprendizado colaborativo e da expressão por meio de múltiplas linguagens.

possibilidades. Em Reggio Emilia, o espaço é considerado o “terceiro educador”, junto dos professores e dos colegas, refletindo a cultura e os valores da comunidade escolar.

A documentação das experiências de ensino e aprendizagem constitui uma prática central dessa abordagem. Fotografias, vídeos, gravações de áudio e anotações são utilizados para acompanhar o desenvolvimento das crianças e suas interações, possibilitando reflexões contínuas sobre o processo educativo. Os educadores atuam como parceiros, guias e pesquisadores junto às crianças, observando, escutando e registrando atentamente suas experiências, com o objetivo de apoiá-las em seu desenvolvimento.

Desse modo, a documentação desempenha um papel crucial no planejamento, pois permite reflexão sobre o desenvolvimento das crianças e possibilita ajustes nas propostas, quando necessário. Além disso, serve como ferramenta de comunicação com as famílias e com a comunidade, evidenciando o valor e a complexidade do processo de ensino e aprendizagem.

O currículo é emergente (Fochi, 2015) e baseado em projetos que se originam a partir dos interesses das crianças. Esses projetos são explorados de maneira profunda e podem durar dias, semanas ou até meses, o que permite uma investigação significativa e integrada a diversas áreas do conhecimento, como arte, ciência, matemática e linguagem. Além disso, a participação das famílias também é incentivada, sendo consideradas parceiras essenciais no processo educativo e convidadas a contribuir com suas ideias e experiências para enriquecer a aprendizagem.

Nesse contexto, o planejamento na Educação Infantil torna-se flexível e responsivo, adaptando-se continuamente às necessidades e interesses das crianças. Em vez de seguir um currículo rígido e pré-definido, os professores constroem ambientes ricos em recursos e oportunidades, nos quais as crianças podem explorar e expressar suas ideias por meio de múltiplas linguagens: “valorizar o planejamento da prática pedagógica significa compreendê-lo como indispensável. Implica a disposição em querer enxergar possibilidades de mudança, suscita intervir na realidade e transformá-la, representa assim, o maior e mais urgente desafio da humanidade” (Lucas; Jesus Chicarelle; Saito, 2016, p. 633).

Com base nessas premissas, o desenho na Educação Infantil ultrapassa a função de uma simples atividade lúdica, já que se constitui como uma ferramenta pedagógica essencial para o desenvolvimento cognitivo, simbólico e cultural das crianças. Contribui

para seu desenvolvimento integral, envolvendo aspectos como a criatividade, a comunicação, a memória e o bem-estar emocional.

Essa etapa da educação é determinante para o desenvolvimento integral da criança. Nela, o desenho se destaca como uma das primeiras formas de comunicação e expressão, permitindo que as crianças manifestem ideias, emoções e percepções do mundo. Diferentemente da linguagem verbal, o desenho proporciona uma forma mais livre e criativa de expressão, ajudando as crianças a se comunicarem para além da fala e da escrita. Além disso, atua no desenvolvimento cognitivo, pois ao desenharem, as crianças organizam suas ideias visualmente, representando objetos e eventos de forma simbólica.

Segundo Vygotsky (2007), o desenho contribui significativamente para o desenvolvimento da criatividade e da capacidade simbólica ao permitir que as crianças reorganizem suas experiências por meio da expressão gráfica. Para Pereira (2024), o desenho deve ser compreendido como uma linguagem expressiva e cultural, uma das “cem linguagens” das crianças que permite criar, interagir com o mundo e expressar tanto capacidades cognitivas quanto emocionais.

Além disso, o desenho favorece a interação social. Em contextos coletivos, as crianças vivenciam a colaboração, o compartilhamento de ideias e a discussão sobre suas produções, o que fortalece habilidades sociais e comunicativas. Também estimula o pensamento criativo, pois ao desenhar, as crianças imaginam e criam novos mundos, exploram cores, formas e texturas e desenvolvem um pensamento original. Vygotsky (2007) argumenta que a criatividade está intimamente relacionada à capacidade de simbolizar e reorganizar experiências por meio do desenho, o que amplia a visão de mundo da criança e sua capacidade de resolução criativa de problemas.

Nesse processo, o educador desempenha papel fundamental ao promover tempos, espaços e materiais que favoreçam a exploração do desenho. É essencial que o ambiente seja acolhedor e livre de julgamentos para que as crianças se sintam seguras para se expressar. A valorização do processo criativo, mais do que do produto final, é central para que o desenho seja visto como uma linguagem legítima e potente de expressão.

Diante disso, torna-se possível estabelecer relações entre os desenhos elaborados pelas crianças na Educação Infantil e aqueles criados por suas professoras no contexto do planejamento. O Quadro 7 que segue foi elaborado a partir do diálogo entre as discussões teóricas presentes neste estudo e as contribuições de autores que abordam o desenho como linguagem expressiva, tanto para as crianças quanto para os professores. Os aspectos

destacados refletem as relações entre os processos de percepção, expressão e organização do pensamento, conforme defendem Dondis (2007) ao tratar da alfabetização visual e Vygotsky (2007) ao abordar a expressão simbólica. Além disso, o quadro dialoga com autores como Barbosa (2010), Vecchi (2013) e Oliveira-Formosinho (2007) que ressaltam o valor do desenho como forma de expressão gráfica, recurso de mediação pedagógica e elemento estruturante da organização dos espaços educativos. Trata-se, portanto, de uma sistematização interpretativa fundamentada nesses aportes teóricos, buscando evidenciar o desenho como linguagem que revela modos de pensar, interpretar e organizar o mundo, tanto pelas crianças quanto pelas professoras. A seguir, destacamos algumas possibilidades.

Quadro 7: Relação entre os desenhos das crianças e das professoras

Aspectos	Para as Crianças	Para as Professoras
Percepções e Concepções	O desenho representa suas percepções sobre o mundo, emoções e relações. Espontâneo e intuitivo, revela como percebem o espaço e as interações com os outros.	O desenho reflete suas concepções sobre o ensino, a organização e a interação, como as intenções pedagógicas e planejam a aprendizagem.
O espaço de aprendizagem	O espaço da sala de aula é interpretado de forma intuitiva, sem distinção clara entre brincar e aprender. As interações com o ambiente são naturais e espontâneas.	O desenho reflete a organização intencional do espaço, visando facilitar o desenvolvimento das crianças e estimular a aprendizagem.
Ludicidade e interações	A ludicidade é central, sem divisão entre brincar e aprender. As interações são vistas de forma fluida e integrada, com foco no prazer e na diversão do processo.	O desenho reflete a organização das interações com as crianças. Assim, incorpora o lúdico de forma intencional em suas atividades, planejadas com objetivos pedagógicos claros.
Intenção pedagógica e organização	O desenho das crianças reflete, implicitamente, suas reações e interpretações sobre as atividades e o espaço, sem uma organização planejada.	O desenho reflete a intenção pedagógica de organizar o espaço e as interações para promover o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Fonte: próprias autoras.

Sendo assim, ambos os desenhos (os das crianças e os das professoras) revelam como percebem e interagem com o espaço escolar, mas de maneiras diferentes. Enquanto as crianças desenhavam de forma espontânea, revelando suas vivências e emoções, as professoras desenhavam com uma intenção pedagógica mais consciente, refletindo seu

planejamento de ensino e as formas de organização do espaço e das interações. No entanto, estão profundamente conectados na forma como expressam as relações e o ambiente de aprendizagem, com o lúdico desempenhando um papel importante.

Metodologia

Com o objetivo de compreender as percepções das professoras de Educação Infantil sobre o desenho como linguagem para o planejamento pedagógico e os desafios enfrentados para integrá-lo às práticas cotidianas, elaboramos um formulário inicial de caracterização. Participaram voluntariamente onze docentes que responderam a doze questões organizadas em três blocos: características pessoais, formação e experiência profissional e práticas de planejamento. Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)³, o formulário foi enviado por WhatsApp. Ressaltamos que os nomes apresentados são fictícios, a fim de garantir o anonimato e a confidencialidade das informações e produções coletadas.

Em seguida, foi planejado um ateliê de desenho, composto de cinco encontros, com diferentes abordagens sobre o planejamento pedagógico utilizando representações visuais:

- 1º: Introdução ao desenho no planejamento pedagógico;
- 2º: Técnicas básicas de desenho para o planejamento pedagógico (parte 1); Brincadeiras ao ar livre e contato com a natureza;
- 3º: Técnicas básicas de desenho para o planejamento pedagógico (parte 2); Exploração de traços, cores e formas;
- 4º: Tradições e festividades culturais;
- 5º: Compartilhamento de vivências e reflexões finais sobre a jornada de aprendizado no ateliê.

Todos os encontros tiveram duração de duas horas e foram estruturados da seguinte forma: 1) Discussão e reflexão teórica sobre uma temática (30min); 2) Oficina (50min); 3) Roda de conversa (30min) e 4) Síntese coletiva (10min).

O segundo encontro é o objeto de estudo deste artigo. Iniciamos com uma discussão e reflexão teórica, conduzida com a colaboração de um professor especialista, sobre orientações práticas para iniciantes em desenho. Abordamos aspectos como a

³ CAAE: 84295524.0.0000.5504

escolha de materiais adequados como papel, lápis, borracha, a preparação do espaço de trabalho e o uso de linhas leves, formas básicas, proporções, texturas e luz e sombra. Na sequência, apresentamos dicas para a prática diária, o uso de referências e a experimentação de novas técnicas, estimulando um aprendizado gradual e prazeroso.

Para a análise dos dados, fizemos uso da Análise Textual Discursiva (ATD), seguindo as etapas de unitarização, categorização e produção de metatexto, por ser um procedimento qualitativo que busca aprofundar o entendimento dos fenômenos e possibilitar uma compreensão e/ou reconstrução dos conhecimentos existentes sobre temas investigados (Moraes; Galiuzzi, 2006, 2007). Além disso, a ATD permite um olhar interpretativo, respeitando tanto os dados quanto as subjetividades e contextos das participantes.

Resultados e Discussão

De modo geral, no questionário de caracterização, as professoras relataram insegurança quanto à capacidade de desenhar, justificando-a com fatores como a falta de hábito e a percepção de que escrever ou digitar seria uma forma mais eficiente de expressão. Tais respostas refletem a crença de que o desenho é uma habilidade inata, restrita àquelas pessoas que “sabem desenhar”.

Considerando que no formulário de caracterização 100% das participantes indicaram que elaboram planejamentos relacionados às brincadeiras ao ar livre e ao contato com a natureza, elegemos essa temática para ser abordada e representada por meio de desenhos. Por isso, a oficina foi intitulada “Criação de Desenhos para o Planejamento de Brincadeiras ao Ar Livre”.

Na oficina, as professoras foram convidadas a escolher uma das fotografias das áreas externas do CEMEI, previamente selecionadas para retratar diferentes espaços do parque e da área de lazer. Com base na imagem escolhida, cada participante criou um desenho do ambiente retratado, sendo incentivadas a refletir sobre o potencial pedagógico e lúdico desses ambientes para as crianças. A partir dessa reflexão, incluíram elementos adicionais em seus desenhos, como brinquedos, materiais diversos, mobiliário e sugestões de reorganização do ambiente com o objetivo de enriquecer a experiência infantil ao ar livre e integrar intencionalidades pedagógicas ao planejamento visualizado. Após a finalização dos desenhos, cada docente elaborou e inseriu uma legenda que representasse

sua proposta de instalação ou intervenção no espaço, conforme Figuras de 11 a 13 que seguem.

Figura 11: Foto e desenho “brincando no parque” (Profª. Vera)



Fonte: arquivo próprio.

Figura 12: Foto e desenho “esperança” (Profª. Pâmela)



Fonte: arquivo próprio.

Figura 13: Foto e desenho “horta no parque” (Profª. Ana)



Fonte: arquivo próprio.

Em seguida, os desenhos foram socializados. Essa troca de percepções e inspirações em possibilidades pedagógicas para o uso dos espaços exteriores do CEMEI foi fundamental para promover a reflexão. Por exemplo, na Figura 12 a professora enfatizou que intitulou seu desenho por esperança, pois “[...] *as crianças sempre esperam por esse momento na rotina. Se tiver sol, vento ou chuva, elas têm a mesma expectativa. É uma chance que elas têm para inventar e reinventar brincadeiras, criar cenários, explorando o espaço e consolidar as amizades* (Pâmela).

A análise dos desenhos revela a intencionalidade pedagógica das professoras, que não apenas representaram visualmente os espaços educativos, mas também buscaram planejar interações, reorganizar o ambiente e refletir sobre possibilidades que potencializem o brincar, a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

Além disso, conforme Dondis (2007) e Vygotsky (2007), os desenhos atuaram como uma linguagem visual legítima no planejamento docente. Mesmo diante das inseguranças, as produções visuais possibilitaram que as professoras externalizassem ideias e organizassem o pensamento. Assim, o ato de desenhar ultrapassou a função ilustrativa e passou a ser reconhecido como estratégia de reflexão e mediação no processo de planejamento.

As representações reforçam ainda o entendimento do espaço educativo como um ambiente relacional e lúdico, um “terceiro educador”, que convida à interação e à exploração. Os desenhos evidenciam a preocupação das professoras em projetar espaços que favoreçam o protagonismo infantil, considerando a ludicidade, a criatividade e a experiência estética como dimensões fundamentais da aprendizagem na Educação Infantil (Edwards; Gandini; Forman, 2016; Rinaldi, 2014; Vecchi, 2013).

Durante a roda de conversa, as professoras relataram que o exercício de desenhar o espaço pedagógico foi facilitado pela familiaridade com o ambiente. A prévia experiência concreta e afetiva com o local tornou a transposição gráfica mais fluida, embora ainda desafiasse habilidades específicas de proporção, organização e composição visual, conforme fala da professora Vera: “*Eu acho que foi fácil porque a gente já tinha o espaço pronto. Foi só reproduzir e colocar alguma coisa nele. [...] É um espaço que a gente está todo dia*”.

Contudo, essa “facilidade” não foi unânime. Ana, por exemplo, destacou em sua fala a distinção entre planejar de forma tradicional e planejar desenhando, conforme segue.

Uma questão é a gente planejar o espaço, de você visualizar esse espaço e acrescentar uma imagem. A gente está planejando algo além do que o espaço oferece para a gente fazer ali. Isso, para mim, é um ponto ok e tranquilo. Outro ponto é transformar isso em um desenho. [...] E aí eu tenho dificuldade nesse planejar desenhando. Então acho que, para mim, apesar de eu ter planejamento, apesar de eu visualizar o que eu quero, trazer isso para o desenho ainda é difícil para mim. É mais fácil eu pegar o papel e escrever o que eu quero fazer naquele lugar, por exemplo, do que trazer para o desenho (Ana).

De modo geral, as percepções das professoras indicaram lacunas formativas com relação à linguagem visual e gráfica, devido à ênfase na linguagem verbal, mas também pela dificuldade em vencer a autocobrança por perfeição estética, conforme fala de Tatiana: *“Talvez se não tivessem tantos elementos, não sei se seria tão fácil porque a gente ia ficar nervosa, pensando se ia ficar legal ou não”*.

“Nesse contexto, a formação continuada é um espaço que o professor pode utilizar para que sua singularidade no ato de ensinar seja atualizada na ação, no que lhe é dado para realizar sua profissão docente” (Radvanskei; Hagemeyer, 2022, p. 473). Sendo assim, poderá criar e ressignificar seu trabalho em sala de aula de forma a transcender a simples transmissão de conteúdos.

Pâmela, por exemplo, comparou o processo de planejamento gráfico ao trabalho de estilistas e designers que são formados visualmente desde o início dos cursos. Para ela, a resistência ou a dificuldade manifestada com o desenho tem como princípio a falta de hábito e a ausência de uma formação mais sensível às linguagens visuais. Assim, o desenho é visto não como algo natural à prática docente, mas como uma competência a ser desenvolvida ou mesmo superada com esforço.

O estilista pensa, eu acho que assim, que ele já entrou para esse mundo com o desenho, com a implementação. Não tem outro jeito de eu desenhar um modelo, de eu idealizar? Ah, eu quero um tecido azul, mas eu quero um recorte. Então ele já entra no desenho. E nós entramos primeiro na escrita. Talvez seja essa a nossa dificuldade (Pâmela).

Sendo assim, o desenho utilizado como forma de comunicação é percebido como uma linguagem complexa, técnica ou inacessível, especialmente para aquelas que, em seus processos formativos, não fizeram uso dessa linguagem. Esses achados reforçam as reflexões de Dondis (2007), ao tratar da alfabetização visual como um processo formativo negligenciado no campo educacional, embora essencial à cognição e à comunicação no século XXI.

Nesse sentido, as professoras expressaram que, para se sentirem mais confortáveis com o uso do desenho no planejamento, precisariam desenvolver habilidades gráficas básicas e criar oportunidades para treino, experimentação e erro. A insegurança, muitas vezes, não advém de uma rejeição ao desenho, mas de uma sensação de inaptidão diante de uma linguagem que lhes parece desconhecida ou desvalorizada na trajetória profissional. Ainda segundo Pâmela: *“Nós entramos mais com a escrita e muito pouco ou quase nada com o desenho”*.

Daiane, outra docente, destacou que desenhar o plano do espaço educativo exige pensar em detalhes como proporção, fluxo de movimentos e relação entre propostas e seu entorno físico. Ao contrário do texto linear, o desenho obriga a considerar simultaneamente múltiplas variáveis, promovendo uma forma de raciocínio espacial e sistêmico. *“Na escrita é muito mais fácil. Você escreve ali e acabou. No desenho, não. Você tem que pensar na proporção, onde você vai colocar as coisas. É outro mundo. É outro tipo de planejamento”*.

Também foi argumentado pela Daiane que um desenho bem elaborado pode representar uma planta do espaço temático e facilitar tomadas de decisões, como a localização de brincadeiras, a delimitação de áreas ou o deslocamento de grupos em determinada proposta, conforme segue.

Acho que uma coisa que o desenho ajudaria no planejamento, vamos supor, vou dar um exemplo. Eu escrevo lá o meu planejamento. Espaços temáticos: Espaço 1, Casinha. Espaço 2, Consultório médico. Já se eu fizer, tipo, uma planta baixa da sala e especificar onde é que estão os espaços temáticos que eu faço, eu acho que isso elucida mais o planejamento (Daiane).

Para Daiane, o desenho exige um tipo de pensamento mais detalhado e especializado, no qual é preciso visualizar elementos como a proporção do espaço, a disposição de crianças e materiais e prever dinâmicas práticas do uso do espaço. Ela aponta que, diferentemente do texto, onde se pode listar atividades de forma linear, o desenho obriga o corpo docente a antecipar o uso real da sala ou do ambiente externo, o que pode levar a um planejamento mais cuidadoso e atento às possibilidades e limitações do espaço físico.

Pâmela mencionou que a planta baixa da sala temática ou a criação de um mapa do tesouro para as crianças ilustra a potência do desenho não apenas como recurso técnico, mas como ferramenta de imaginação e envolvimento. Nesse sentido, o acesso à

linguagem gráfica, mesmo que simples, pode gerar experiências educativas mais significativas, tanto para as crianças quanto para os educadores.

Eu fiz um baú do tesouro e dei um mapa da escola; as crianças amaram! E aí foi interessante para a interpretação do desenho. Uma menina se localizou: eu fiz o parque, o retângulo com a escola, coloquei um X onde ela estava, a escada e os dois degraus. Ela virou e falou assim: eu sei onde está! E aí a gente estava na última sala, que hoje é a fase 3 (Pâmela).

Outras professoras reconheceram que, apesar das dificuldades iniciais, o desenho pode trazer ganhos importantes no planejamento, sobretudo sob a ótica da comunicação pedagógica. Nesse aspecto, o desenho não apenas informa sobre o que pretendem realizar, mas também permite a outros compreendê-lo com mais clareza, sejam eles outros colegas de trabalho, gestores ou até mesmo as próprias crianças.

O Desenho age, por exemplo, mais para o outro do que para mim. Por exemplo, a horta. Se eu tivesse que redigir que estaria planejando construir uma horta, eu precisaria de alguém para me ajudar. Eu não vou montar uma horta sozinha. Tem a parte de construção, de ligação de água, de pedra e de sementes. Então, de repente, eu ir mostrando onde eu gostaria que a horta ficasse, aonde precisa ter uma torneira, isso facilita para o outro, para o entendimento daquilo que eu quero, de onde eu quero chegar. Porque isso está ilustrado para mim. Então, eu escrevendo, eu entendo para mim, porque está ilustrado na minha cabeça. Mas eu preciso transportar para o desenho, numa situação dessa, por exemplo, para o outro entender o que eu estou querendo e onde eu estou querendo que aquilo aconteça. Eu vejo essa complementação, mas ainda pensando no outro. O desenho tem mais essa amplitude de detalhe, você consegue visualizar melhor o espaço (Ana).

Nesse sentido, houve uma reflexão sobre a quem se destina o planejamento: a si mesma (como forma de organizar o pensamento) ou aos outros (como forma de comunicar sua intenção pedagógica). A partir disso, emergiu a ideia do desenho como recurso complementar, que não substitui a escrita, mas que pode colaborar para torná-la mais clara, visual e compartilhável. Essa relação entre desenho e escrita foi discutida não em termos de disputa (melhor ou pior) enquanto recurso, mas de coexistência funcional, onde cada linguagem pode cumprir um papel diferente no processo pedagógico: “Valorizar o planejamento da prática pedagógica significa compreendê-lo como indispensável. Implica a disposição em querer enxergar possibilidades de mudança,

suscita intervir na realidade e transformá-la, representa assim, o maior e mais urgente desafio da humanidade” (Lucas; Chicarelle; Saito, 2016, p. 633).

Nesse sentido, as discussões na roda de conversa sinalizaram uma visão do desenho no planejamento da Educação Infantil que transita entre o reconhecimento do seu potencial pedagógico, comunicativo e organizacional e a dificuldade prática de incorporá-lo na rotina por falta de domínio técnico ou formativo. As falas das professoras apontaram para caminhos possíveis de transformação: mais do que ensinar a desenhar, seria necessário reconstruir a relação com o desenho enquanto linguagem acessível, funcional e expressiva, inserindo-o paulatinamente nas práticas pedagógicas com apoio, tempo e estímulo institucional.

Por fim, foi construída uma nuvem de palavras a partir das palavras-chave indicadas pelas professoras quanto ao uso de desenhos para o planejamento pedagógico⁴, conforme Figura 14 a seguir.

Figura 14: Nuvem de palavras: uso de desenhos para o planejamento pedagógico



Fonte: arquivo próprio.

As palavras em destaque na nuvem, imaginação e habilidade, evidenciam dois aspectos essenciais da percepção docente sobre o desenho. Imaginação destaca o potencial criativo do desenho como linguagem capaz de expandir possibilidades pedagógicas, estimular a invenção de propostas e favorecer a expressão de ideias. Já

⁴Link: <https://www.mentimeter.com/pt-BR/features/word-cloud>

habilidade remete à dimensão técnica, o que pode reforçar inseguranças, mas também apontar para a compreensão de que desenhar requer prática e desenvolvimento.

Considerações Finais

Retomando nossa questão inicial traçada para este estudo podemos afirmar que o desenho pode se tornar um aliado poderoso para o planejamento pedagógico, especialmente no que se refere ao uso e organização do espaço na Educação Infantil. Embora marcado por barreiras subjetivas e formativas, o uso do desenho foi percebido como um recurso expressivo, organizador e comunicativo, que permite novas formas de pensar e comunicar as propostas de ensino. O estudo sugere que a integração dessa linguagem ao planejamento docente exige mais do que ensinar a desenhar, pois requer criar condições emocionais e contextuais para que as educadoras redescubram o desenho como linguagem legítima e funcional em suas práticas. Para isso, é fundamental que instituições e redes de ensino invistam em formações que valorizem o pensamento visual, reconhecendo-o como competência tão importante quanto as linguísticas.

Ao promover um ambiente formativo acolhedor, que legitime o desenho como parte constitutiva do saber docente, a Educação Infantil pode ampliar seus horizontes expressivos e estéticos, beneficiando tanto as professoras quanto as crianças, autênticas protagonistas da produção de sentido na escola.

7. ARTIGO: PLANEJAMENTO VISUAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB O OLHAR DAS PROFESSORAS

Artigo submetido, aprovado e apresentado no VII Congresso Nacional de Formação de Professores e XVII Congresso Estadual Paulista, Lindóia/SP, 11/11/2025 a 13/11/2025

Resumo

Este artigo investiga o uso do desenho como ferramenta no planejamento pedagógico na Educação Infantil, buscando compreender como as professoras percebem o planejamento visual por meio de suas representações gráficas. Trata-se de um estudo qualitativo, iniciado com revisão de literatura para identificar lacunas no uso do desenho nesse contexto. Em seguida, foi realizado um ateliê de desenho composto por cinco encontros com a participação de onze professoras de Educação Infantil, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Para este trabalho, apresentamos a análise do último momento. A análise dos dados, conduzida por meio da Análise Textual Discursiva (ATD), revelou que, inicialmente, as professoras demonstraram insegurança ao desenhar, associada à falta de prática e à percepção de que a escrita seria mais eficiente. Contudo, ao longo do processo, reconheceram o desenho como ferramenta viável e comunicativa. Concluímos que o desenho constitui uma prática inovadora e enriquecedora no planejamento pedagógico da Educação Infantil, capaz de estimular a reflexão docente. Ressaltamos a importância de investir em formação continuada e em recursos adequados para consolidar o desenho como estratégia valorizada na Educação Infantil.

Palavras-chave: Planejamento pedagógico, Desenho, Educação Infantil

Introdução

A comunicação visual emerge como uma poderosa aliada na organização e expressão clara e intuitiva de ideias. Contudo, o uso do desenho como ferramenta de comunicação é frequentemente abandonado na vida adulta, devido a construções culturais e educacionais que priorizam as linguagens verbal sobre as visuais, relegando o desenho apenas ao campo artístico ou técnico (Dondis, 2007).

Atualmente, as escolas enfrentam o desafio de adaptar-se às rápidas transformações sociais, abandonando modelos rígidos por uma postura mais dinâmica e interativa. Conforme Alarcão (2001), a inadequação dos paradigmas existentes frente a problemas como o insucesso escolar e o desinteresse dos alunos exige novas soluções, rompendo com tradições passadas. Esse contexto destaca a necessidade de uma mudança paradigmática que abranja tanto a prática educativa quanto o pensamento crítico sobre ela.

Nesse cenário, ganha relevância a figura do professor reflexivo, que, segundo Schön (1992) e Alarcão (2001), está em constante (re)construção de sua prática, aprendendo com a própria experiência e interrogando os sentidos do que faz. Esse profissional não apenas executa, mas também pensa sobre sua ação pedagógica, buscando alternativas criativas e contextualizadas.

Entendemos que o desenho, como uma linguagem alternativa, pode ser um meio catalisador dessa reflexão contínua, promovendo um engajamento estético na organização de espaços e materiais, além de facilitar a participação das crianças no processo educativo. Ao investigar essa temática, pretendemos contribuir para o reconhecimento do planejamento visual como prática pedagógica legítima, integrando formas sensíveis de expressão e reflexão à atuação docente. Em um contexto educacional que demanda inovação, escuta e participação, valorizar o desenho como instrumento de pensamento favorece o fortalecimento de uma docência mais autoral, crítica e conectada com as infâncias.

Nesse sentido, o presente trabalho investiga o uso do desenho como ferramenta no planejamento pedagógico na Educação Infantil, buscando compreender como as professoras percebem o planejamento visual por meio de suas representações gráficas.

O professor reflexivo e o planejamento pedagógico

Um dos aspectos essenciais para uma educação transformadora é o professor em constante (re)construção de sua prática. Nesta pesquisa buscamos contribuir tanto com o fortalecimento da prática do professor reflexivo quanto com a valorização do planejamento pedagógico, especialmente por meio de linguagens alternativas como o desenho, que pode potencializar essa reflexão, respeitando a participação das crianças bem como o olhar estético para a organização de espaços e materiais.

Retomando o contexto contemporâneo de mudanças e desafios enfrentados pelas escolas, torna-se urgente repensar os paradigmas vigentes e promover práticas mais flexíveis e dialógicas. Segundo Alarcão (2001), a inadequação dos paradigmas existentes frente a problemas como o insucesso escolar e o desinteresse dos alunos impulsiona a busca por novas soluções, rompendo com velhas tradições. É nesse contexto que emerge a necessidade de uma mudança paradigmática, que não se restringe apenas à atividade educativa, mas também ao pensamento sobre ela.

A complexidade dos problemas que hoje se colocam à escola não encontra soluções previamente talhadas e rotineiramente aplicadas. Exige, ao contrário, uma capacidade de leitura atempada dos acontecimentos e sua interpretação como meio de encontrar a solução estratégica mais adequada para elas (Alarcão, 2001, p.24).

Segundo Schön (1992), “reflexão na ação” é a habilidade de um profissional de pensar criticamente e inovar enquanto está diretamente envolvido em uma atividade prática. Essa reflexão acontece em tempo real, permitindo que o indivíduo avalie e ajuste suas ações conforme as situações se desenrolam. Em vez de apenas seguir procedimentos pré-estabelecidos ou aplicar conhecimentos teóricos de maneira rígida, a reflexão na ação envolve um diálogo contínuo entre a prática e o pensamento, permitindo a adaptação a condições imprevistas e complexas. Para o autor, essa capacidade é crucial em profissões onde a incerteza e a singularidade das situações estão sempre presentes, valorizando a aprendizagem que emerge da própria prática e a capacidade de lidar criativamente com desafios emergentes.

De acordo com Roldão (2017), a formação do professor deve ser entendida como um caminho de crescimento contínuo, que vai além de simplesmente aplicar técnicas. Deve estar vinculada a conceitos de profissionalidade e de estatuto profissional, configurando um contínuo desenvolvimento profissional.

A educação, para ser verdadeiramente transformadora, depende de professores que não apenas ensinam, mas que vivem uma prática de constante reflexão. Essa reflexão não é um exercício puramente acadêmico ou técnico; ela se enraíza na experiência, em situações singulares no dia a dia, em sala de aula.

Larrosa (2002), em suas reflexões, convida-nos a ir além da mera informação e opinião, que ironicamente chama de “antiexperiência”. Destaca que, embora muitas situações passem rapidamente, poucas realmente nos acontecem, porque estamos imersos em um excesso de estímulos e em uma falta de tempo e silêncio. Nesse sentido, alerta para o fato que a experiência é aquilo que realmente nos impacta e nos molda, promovendo nossa transformação.

Na docência, isso significa fomentar uma abertura genuína às situações que surgem na prática educativa. Não se trata de ter todas as respostas, mas de estar disposto a abraçar as surpresas, os desafios e as incertezas que surgem na interação com os alunos e no processo de ensino e aprendizagem. É nesse contexto que encontramos a capacidade

de nos transformar e de construir um conhecimento profundamente enraizado em nossa identidade profissional.

A prática reflexiva do professor é, então, a arte de desacelerar, de parar para observar, escutar e sentir mais devagar. É suspender o julgamento e o automatismo da ação para dar espaço ao que realmente importa: o sentido do que nos acontece e como isso molda nossa forma de estar no mundo e de educar. Com isso, Larossa (2002), enfatiza a importância de uma abordagem que vá além da mera aplicação de teorias científicas ou técnicas, sugerindo que a verdadeira competência em situações incertas reside na combinação dessas ciências com uma sensibilidade artística. Essa visão propõe que, para agir de forma adaptável e inteligente diante de desafios imprevistos, é necessária uma integração de análise crítica, criatividade e intuição. Assim, propõe que a capacidade de “fazer coisas com as palavras”, aliada à habilidade de transformar informações e experiências em conhecimento significativo, é crucial para um engajamento efetivo e criativo com o mundo.

Considerando o foco desta pesquisa, o desenho pode ser uma potente ferramenta para o planejamento reflexivo. Segundo Schön (1992), assim como o arquiteto experimenta possibilidades em seus esboços antes da obra, o professor pode utilizar o desenho como um espaço de experimentação pedagógica, permitindo erros, revisões e descobertas antes da implementação prática. Sendo assim, o desenho permite ao professor visualizar, testar e reelaborar suas ideias pedagógicas antes de implementá-las em sala de aula. Possibilita, ainda, uma “experiência concreta” e uma “observação reflexiva” (Alarcão, 2005, p. 49) do planejamento, transformando-o em um processo cíclico e desenvolvimentista. A prática reflexiva, seja na ação, sobre a ação ou para a ação, ganha profundidade quando o professor permite se surpreender diante do que o aluno faz, refletir sobre essa surpresa e reformular o problema, realizando “experiências para testar novas hipóteses”. O desenho, nesse sentido, pode ser um catalisador para essa surpresa e para a busca por diferentes representações e abordagens.

Para que a escola seja verdadeiramente reflexiva, segundo Alarcão (2005), ela tem que pensar em si própria e criar condições de reflexividade individuais e coletivas para os professores. Isso implica em valorizar a autonomia dos adultos na aprendizagem e em reconhecer que a formação se dá na inter-relação entre pessoas, promovendo contextos de aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento complexo dos indivíduos.

Em suma, a educação do século XXI demanda professores que não sejam meros executores de prescrições, mas sujeitos investigativos, críticos e criativos, capazes de

construir saberes a partir da experiência. O planejamento por meio do desenho, inserido em uma prática reflexiva contínua e colaborativa, revela-se como uma estratégia para o empoderamento docente, promovendo uma ação profissional mais consciente, sensível e comprometida com a escuta e a transformação.

O ato de planejar na Educação Infantil

De acordo com Ostetto (2027), na Educação Infantil há uma crescente preocupação com o planejamento do trabalho pedagógico com as crianças, o que reflete dessa etapa como um direito da criança, com estatuto próprio e específico. Nesse cenário, as escolas são desafiadas a construir planejamentos intencionais, sensíveis e de alta qualidade, que respeitem a infância em sua complexidade. Essa exigência levanta questões fundamentais: como ir além dos cuidados básicos? Como estruturar um planejamento que promova aprendizagens significativas, escuta ativa, ludicidade e participação infantil?

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para/com o grupo de crianças (Ostetto, 2017, p.177). Para tanto, é fundamental “escrever” e documentar de maneira flexível, proporcionando ao professor a oportunidade de refletir sobre sua prática, estabelecendo, assim, a intencionalidade do trabalho pedagógico.

Entretanto, cabe nos questionar: que outras formas de expressão podem ser exploradas para além da linguagem escrita? O desenho seria uma ferramenta valiosa para apoiar esse processo de planejamento e reflexão docente?

O formato adotado pelo professor para planejar deve ser pessoal e reflexivo, podendo ser compartilhado com os pares, com as famílias e até mesmo as crianças, conforme a intencionalidade. Seja em forma de lista, tabela ou texto contínuo, o mais importante é que esse registro faça sentido e funcione para quem o produz. Apesar de o desenho representar uma alternativa rica e complementar ao planejamento escrito, essa ainda não é uma prática recorrente entre os docentes.

O planejamento na Educação Infantil é essencial, indo além da organização diária de atividades. Ele inclui a criação de ambientes significativos e acolhedores que promovam o desenvolvimento integral das crianças. Ceppi e Zini (2013) destacam que os ambientes são tão influentes quanto os professores. Espaços bem projetados podem

estimular a curiosidade e promover interações sociais positivas. Inspirada pela abordagem Reggio Emilia, a ideia do ambiente como “terceiro professor” é central, implicando em sua flexibilidade e capacidade de adaptação às necessidades das crianças.

Valorizamos o espaço devido a seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, de promover escolhas e atividade, e a de bem-estar e segurança nas crianças. Também pensamos que o espaço deve ser uma espécie de aquário que espelhe as ideias, valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele. (Malaguzzi, in; Edwards, Grandini & Forman; 2016, p.148).

Na abordagem Reggio Emilia, as crianças são compreendidas como indivíduos competentes, curiosos e cheios de potencial, assumindo um papel central em seu próprio processo de aprendizagem. Elas constroem conhecimento por meio de experiências práticas e interações com o ambiente físico, social e simbólico que as cerca.

Essa filosofia pedagógica inspira a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que orienta a educação no Brasil ao destacar a importância do planejamento de tempo, espaço e materiais na Educação Infantil como elemento essencial para o desenvolvimento integral das crianças. A BNCC enfatiza que o planejamento deve ser flexível e responsivo, respeitando os diferentes ritmos, interesses e necessidades de cada criança. O objetivo é promover ambientes acolhedores e instigantes, que favoreçam a exploração, a descoberta e as interações significativas, sempre centradas nas crianças. Além disso, o planejamento deve considerar a diversidade cultural e social, garantindo experiências de aprendizagem contextualizadas, sensíveis e equitativas para todas as infâncias.

Contudo, descrever tempo, espaço e materiais apenas por meio da linguagem verbal pode ser um desafio. As limitações das palavras nem sempre capturam a complexidade e a dinâmica envolvidas na criação de ambientes verdadeiramente estimulantes. Planejar exclusivamente por escrito pode dificultar tanto a comunicação clara das intenções pedagógicas quanto a visualização prática do que se deseja realizar. Nesse sentido, o uso do desenho como ferramenta de planejamento se apresenta como uma alternativa, promovendo representações mais completas, sensíveis e visuais das ideias, enriquecendo o processo pedagógico.

Na cultura ocidental, especialmente em contextos marcados por influências europeias, a escrita historicamente ocupou uma posição privilegiada em relação à comunicação visual. Conforme Dondis (2007), o pensamento visual foi sistematicamente subestimado, relegando o desenho ao campo restrito das artes gráficas.

Embora a linguagem escrita desempenhe um papel central, os elementos visuais são igualmente importantes. Na era digital, o uso de emojis, pictogramas e infográficos destaca a relevância do pensamento visual na compreensão do mundo moderno. Para Dondis (2007), a alfabetização visual é tão essencial quanto a verbal, pois permite que as pessoas interpretem e produzam mensagens visuais sem a exigência de habilidades artísticas refinadas. Assim como não se exige perfeição literária para uma comunicação escrita eficaz, o desenho pode ser utilizado como recurso legítimo de planejamento e expressão pedagógica em diferentes níveis de complexidade.

Procedimentos metodológicos

Adotamos uma abordagem qualitativa para conduzir esta pesquisa. Primeiramente, realizamos uma revisão de literatura, com o objetivo de identificar lacunas no uso do desenho como ferramenta para o planejamento pedagógico docente.

A partir de então, foi então organizado um ateliê de desenho estruturado em cinco encontros, com a participação voluntária de onze professoras de Educação Infantil, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 84295524.0.0000.5504). É importante ressaltar que os nomes utilizados são fictícios para garantir o anonimato e a proteção dos dados pessoais.

Em um primeiro momento, elaboramos um questionário de caracterização das participantes, contendo doze questões e organizado em três etapas: características pessoais; formação e experiência e, por fim, planejamento pedagógico.

Em seguida, foi concebido e implementado um ateliê de desenho, composto por cinco encontros, com diferentes abordagens sobre o planejamento pedagógico utilizando representações visuais: 1º: Introdução ao desenho no planejamento pedagógico; 2º: Técnicas básicas de desenho para o planejamento pedagógico (parte 1); Brincadeiras ao ar livre e contato com a natureza; 3º: Técnicas básicas de desenho para o planejamento pedagógico (parte 2); Exploração de traços, cores e formas; 4º: Tradições e festividades culturais; 5º: Compartilhamento de vivências e reflexões finais sobre a jornada de aprendizado no ateliê. Para este artigo, discutimos este último momento.

Todos os encontros tiveram duração de duas horas e foram estruturados da seguinte forma: 1) Discussão e reflexão teórica sobre uma temática; 2) Oficina prática; 3) Roda de conversa e 4) Síntese coletiva das aprendizagens.

A análise dos dados foi realizada por meio da Análise Textual Discursiva (ATD), seguindo as etapas de unitarização, categorização e produção de metatexto, conforme delineado por Moraes e Galiazzi (2007), pois permite um olhar interpretativo, respeitando tanto os dados quanto as subjetividades e contextos das participantes.

Resultados e Discussão

No último encontro do ateliê (objeto de estudo deste artigo), foi realizada uma reflexão coletiva sobre as vivências das professoras com relação ao planejamento por meio de desenhos. A estratégia *Gallery Walk* foi utilizada para favorecer que pudessem revisitar e apreciar os desenhos produzidos nos encontros anteriores e circular pelo espaço para observar tanto suas próprias obras quanto as das colegas. Com o auxílio de post-its, elas trocaram comentários e feedbacks, promovendo um ambiente colaborativo de aprendizagem (Correia, 2021).

No questionário de caracterização, as professoras relataram insegurança quanto à capacidade de desenhar, justificando-a com fatores como a falta de hábito e a percepção de que escrever ou digitar seria uma forma mais eficiente de expressão. Tais respostas refletem a crença de que o desenho é uma habilidade inata, restrita àquelas pessoas que “sabem desenhar”.

Nesse contexto inicial, algumas professoras expressaram uma visão negativa ou receosa em relação ao uso do desenho no planejamento. Marcela, por exemplo, referiu-se ao desenho como “um bicho papão,” mas, ao final, percebeu que, embora desafiador, “é algo possível”. Ana também afirmou que, apesar das dificuldades iniciais, os desenhos cumpriram seu objetivo comunicativo, conforme excerto a seguir.

Eu tenho mais facilidade com planejamento escrito do que com o desenho. Mas, vendo hoje os desenhos expostos, os primeiros que eu fiz, para mim, estavam horríveis. Mas agora me passou a mensagem que eu queria passar. Então, assim, eu olhando para o desenho, depois de um tempo de ele ter sido feito, e aí me veio exatamente o que a Marcela falou. É possível, não se torna mais fácil, mas é possível. E a mensagem chega, a gente consegue se comunicar pelo desenho. (Ana)

A resistência inicial de algumas professoras reflete o desafio da escola em deixar de lado modelos rígidos e adotar uma abordagem dinâmica e envolvente (Alarcão, 2001). A limitação dos modelos atuais em atender às novas necessidades leva à busca por soluções que desafiem antigas tradições.

A professora Vera destacou que planejar com desenhos ainda é um obstáculo e Marcela complementou essa ideia, mencionando sua insegurança em relação à clareza dos próprios desenhos, alinhando-se ao que Dondis (2007) reitera quanto à ênfase na escrita em vez do pensamento visual da cultura ocidental. “O hábito de fazer, de planejar em desenho a gente não tem, mas eu quero” (Vera).

Aurora mencionou a insegurança em apresentar planejamentos desenhados aos superiores, refletindo preocupações com a aceitação formal. “Porque a gente até hoje sabe fazer de uma forma que nos é pedido. Então, agora, se a gente resolver o planejamento desse jeito, a gente tem essa liberdade?” (Aurora).

Essa insegurança está relacionada à profissionalidade e ao estatuto profissional, ressaltando a importância de uma formação docente que seja um processo de crescimento contínuo, que ultrapasse a mera aplicação de técnicas e incentive a aceitação de novas linguagens (Roldão, 2017).

As docentes também expressaram diversas sensações em relação ao uso do desenho no planejamento pedagógico. Marcela, por exemplo, destacou que o ato de desenhar estimulou a criatividade, pois “conforme desenhava, vinham ideias novas”. Tal fato sugere que o desenho pode ser um meio de exploração e ampliação de ideias pedagógicas, permitindo que o professor avalie e ajuste suas ações. Nesse sentido, ela remete à importância da reflexão na ação (Schön, 1992), já que o profissional pensa criticamente e inova enquanto está diretamente envolvido na atividade prática. Sendo assim, o desenho não é apenas uma ferramenta de registro, mas um caminho para a exploração e a ampliação de ideias pedagógicas.

Já a professora Daiane compartilhou que a prática do desenho a ajudou a reorganizar prioridades: “desfiz de umas coisas que antes achava que eram importantes”, indicando que o desenho pode servir para uma reflexão crítica sobre o que se considera essencial no planejamento. Tal fato demonstra a potencialidade do desenho como um meio para a reflexão crítica, promovendo uma reorganização de prioridades que se alinha à ideia de uma prática em constante (re)construção.

Vera resumiu uma percepção comum entre as professoras ao afirmar que todas elas, cada uma a seu modo, descobriram que são capazes de integrar o desenho ao planejamento, pois “foi uma descoberta.” A descoberta de que o desenho é algo possível ilustra essa visão, contribuindo para modificar os olhares de forma criativa.

Já Daiane e Ana exemplificaram que o planejamento com desenhos pode atuar como uma poderosa ferramenta de comunicação com as crianças. Daiane usou desenhos

esquemáticos, associando nomes a “homens-palito”, o que facilitou a compreensão dos alunos sobre suas posições e responsabilidades. Ana utilizou desenhos para organizar fileiras em uma dança, destacando que isso ajudou as crianças a entenderem a estrutura da atividade. Os exemplos ressaltam como o desenho, aliado às explicações verbais, enriquece a comunicação pedagógica, tornando-a mais acessível e interativa.

Outro aspecto destacado diz respeito à formação continuada, por ser considerada essencial. Tatiana sugere que sejam oferecidas outras oportunidades de cursos específicos para colaborar no processo formativo e melhorar suas habilidades de desenho. “Uma pessoa que nos oriente a fazer os desenhos e que incentive a analisar se o desenho melhorou e se está melhor” (Tatiana).

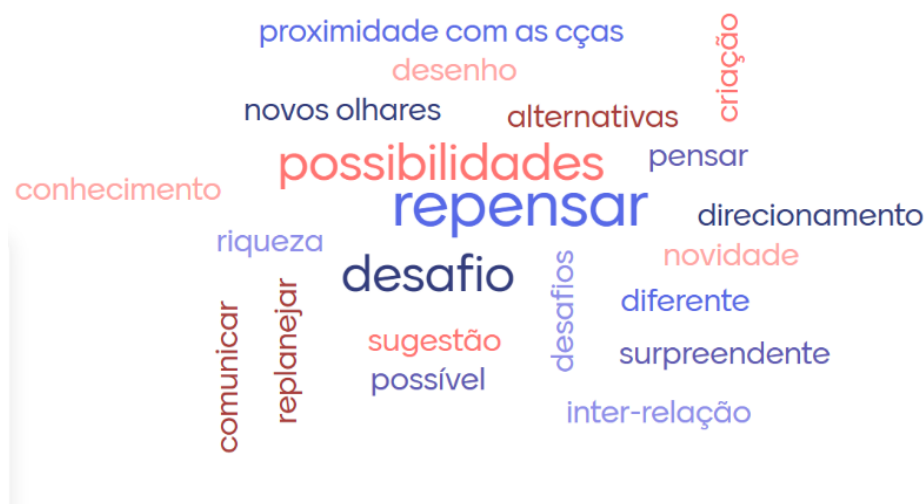
Além disso, as docentes reconhecem a necessidade de materiais e suporte, como softwares específicos para o planejamento visual. Daiane e Ana citaram o uso de recursos digitais que poderiam facilitar esse processo. Esses apontamentos tornam-se cruciais para que a escola seja verdadeiramente reflexiva. Alarcão (2005, p. 44) enfatiza que a escola precisa “criar condições de reflexividade individuais e coletivas” para os professores, valorizando a autonomia e promovendo contextos de aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento completo dos indivíduos.

A roda de conversa destacou a potencialidade do planejamento visual como uma ferramenta valiosa na Educação Infantil, visto que estimula a criatividade e a comunicação, tanto para professores quanto para alunos. Entretanto, para uma implementação efetiva, é fundamental investir em formação continuada e fornecer recursos adequados aos educadores, assegurando que esse recurso seja não apenas uma alternativa válida, mas uma prática amplamente aceita e utilizada. Assim, encorajar o desenvolvimento dessas práticas pode ter um impacto significativo na pedagogia contemporânea, especialmente em ambientes de Educação Infantil.

Além disso, como pesquisadora e formadora, foi possível reconhecer que a habilidade de se auto-observar, descrever as ações e, a partir disso, transformá-las, representa um dos principais desafios para a prática docente reflexiva. Isso se alinha à ideia de Larrosa (2002) de que a experiência é o que nos toca e nos molda, promovendo nossa transformação. Nesse contexto, a prática reflexiva do professor é a arte de desacelerar, de parar para observar, escutar e sentir com mais atenção, suspendendo julgamentos para focar no que realmente importa: o significado das experiências e como isso influencia nossa maneira de educar e viver. O desenho, ao facilitar essa pausa e visualização, pode atuar como um poderoso catalisador para uma reflexão profunda. Ao

final, as professoras participaram da construção de uma nuvem de palavras, conforme Figura 15 que segue.

Figura 15: Nuvem de palavras: percepções das docentes sobre o uso de desenhos para planejamento na Educação Infantil



Fonte: arquivo próprio.

A nuvem de palavras gerada pelas percepções das professoras, apresentada na Figura 15, oferece um panorama rico e multifacetado sobre o uso do desenho no planejamento pedagógico. Termos como “possibilidades”, “repensar”, e “desafio” emergem como centrais, indicando que, embora a proposta inicial gere alguma apreensão devido à falta de hábito e à priorização da escrita, há um reconhecimento claro do potencial inovador do desenho. A presença de “novos olhares” e “criação” sugere que a prática estimula a criatividade e a busca por alternativas, alinhando-se à ideia de que o desenho pode ser um meio de exploração e ampliação de ideias pedagógicas.

A inclusão de palavras como “proximidade com as crianças” e “comunicar” na nuvem de palavras ressalta um dos achados mais significativos do estudo: a eficácia do desenho do planejamento como ferramenta de comunicação com as crianças. Exemplos dados pelas professoras, como o uso de “homens-palito” para explicar posições ou desenhos para organizar danças, demonstram como o visual enriquece a interação pedagógica, tornando-a mais acessível e interativa para os alunos. Essa percepção corrobora a relevância da alfabetização visual destacada por Dondis (2007), que é tão essencial quanto a verbal para a compreensão do mundo moderno.

Finalmente, a nuvem de palavras também aponta para a “surpreendente” descoberta das professoras sobre suas próprias capacidades e a “possibilidade” de integrar o desenho ao planejamento. A menção de formação continuada e a necessidade de suporte e orientação para o aprimoramento das habilidades de desenho e o uso de recursos digitais são reflexos de que, para que essa prática se estabeleça e se torne amplamente aceita, é fundamental o investimento em capacitação e o fornecimento de recursos adequados, permitindo que a escola crie condições para a reflexividade individual e coletiva dos educadores.

Conclusões

Este estudo apontou que o desenho pode emergir como uma prática inovadora e enriquecedora no planejamento pedagógico na Educação Infantil, visto que as professoras expressaram que essa ferramenta pode facilitar a organização das ideias e encorajar a criatividade. Dessa forma, o desenho não é apenas uma forma de expressão, mas um elo que conecta intenção e prática educativa, impulsionando uma reflexão mais profunda sobre as ações docentes.

Por meio das oficinas e rodas de conversa promovidas no Ateliê, as professoras compartilharam seus receios e desafios em adotar o desenho como parte do planejamento. No entanto, também reconheceram o potencial transformador dessa abordagem, pois permitiu explorar novas formas de considerar suas práticas pedagógicas. Essa percepção sublinha a importância de um ambiente educativo que valorize a experimentação e a inovação, permitindo que educadores se sintam seguros para utilizar novos recursos, sem medo de julgamento.

Portanto, a formação continuada torna-se imprescindível não apenas para o desenvolvimento de habilidades de desenho, mas também para fomentar uma mentalidade reflexiva entre os educadores. É essencial que escolas e instituições de ensino invistam em programas que apoiem essa capacitação, fornecendo recursos e suporte necessários para que o desenho se torne uma prática habitual e valorizada no planejamento pedagógico.

Por fim, os achados evidenciam um futuro promissor na Educação Infantil, no qual ferramentas visuais podem desempenhar um papel central no desenvolvimento de práticas pedagógicas reflexivas e envolventes. Encorajar o uso do desenho no planejamento não apenas diversifica os métodos de ensino, como também fortalece a

capacidade dos professores de se adaptarem a um ambiente educacional em constante transformação, sempre focando nas necessidades e potencialidades das crianças.

8. ARTIGO: O DESENHO NO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES E REFLEXÕES

Artigo submetido em periódico nacional

Resumo

Este artigo analisa o potencial do desenho no planejamento pedagógico da Educação Infantil, a partir da participação de onze professoras que, em um dos encontros formativos, elaboraram representações do cotidiano escolar e refletiram, em roda de conversa, sobre seu uso como recurso de planejamento. A análise mostrou que, embora inicialmente marcado pela insegurança e pelo predomínio de métodos tradicionais, o desenho contribuiu para ampliar a clareza das propostas e possibilitar novas formas de organização do espaço e da rotina. Os achados evidenciam também que a integração do pensamento visual fortalece práticas pedagógicas participativas e favorece maior envolvimento das crianças. Por fim, destacam-se as contribuições do desenho, que, além de expressão artística, se configurou como recurso pedagógico capaz de estimular a criatividade, apoiar a inserção de metodologias inovadoras e enriquecer o desenvolvimento das crianças em seus contextos educativos.

Palavras-chave: educação infantil; planejamento pedagógico; desenho.

Abstract

This article analyzes the potential of drawing in pedagogical planning in Early Childhood Education, based on the participation of eleven teachers who, in one of the formative meetings, created representations of school life and reflected, in group discussions, on their use as a planning resource. The analysis showed that, although initially marked by insecurity and the predominance of traditional methods, drawing contributed to broadening the clarity of proposals and enabled new ways of organizing space and routines. The findings also show that the integration of visual thinking strengthens participatory pedagogical practices and fosters greater involvement of children. Finally, the study highlights the contributions of drawing, which, beyond being an artistic expression, was configured as a pedagogical resource capable of stimulating creativity, supporting the incorporation of innovative methodologies, and enriching children's development in their educational contexts.

Keywords: early childhood education; pedagogical planning; drawing.

Resumen

Este artículo analiza el potencial del dibujo en la planificación pedagógica de la Educación Infantil, a partir de la participación de once profesoras que, en uno de los encuentros formativos, elaboraron representaciones de la vida escolar y reflexionaron, en diálogo colectivo, sobre su uso como recurso de planificación. El análisis mostró que, aunque inicialmente marcado por la inseguridad y el predominio de métodos tradicionales, el dibujo contribuyó a ampliar la claridad de las propuestas y permitió nuevas formas de organización del espacio y de la rutina. Los hallazgos evidencian también que la integración del pensamiento visual fortalece prácticas pedagógicas participativas y favorece una mayor implicación de los niños. Finalmente, se destacan las contribuciones del dibujo que, además de ser una expresión artística, se configuró como un recurso pedagógico capaz de estimular la creatividad, apoyar la incorporación de

metodologías innovadoras y enriquecer el desarrollo de los niños en sus contextos educativos.

Palabras clave: educación infantil; planificación pedagógica; dibujo.

Introdução

Em contextos educativos que valorizam a escuta ativa e a participação das crianças, professoras da Educação Infantil são chamadas a observar, planejar e registrar os processos de aprendizagem com intencionalidade. Essa perspectiva dialoga com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que assegura o direito de expressão por múltiplas linguagens (corporais, visuais, sonoras e verbais) e amplia o entendimento de que a escrita não deve ocupar posição exclusiva no planejamento pedagógico.

O planejamento pedagógico, embora reconhecido como um eixo importante da docência, muitas vezes é reduzido a um exercício burocrático como preencher formulários, listar atividades e antecipar rotinas. Na Educação Infantil, esse reducionismo desconsidera a especificidade da infância, marcada pela ludicidade, pelo acolhimento e pelo reconhecimento de diferentes formas de expressão. Nesse cenário, discutir o desenho como parte do planejamento significa também ampliar o repertório formativo das professoras e legitimar uma linguagem frequentemente secundarizada na prática escolar.

Sob essa perspectiva, planejar ultrapassa a noção de previsão de atividades e passa a configurar-se como processo contínuo e flexível, no qual o(a) educador(a) observa, analisa e ajusta propostas em diálogo com a realidade cotidiana (Edwards; Gandini; Forman, 2016; Rinaldi, 2014). Esse movimento aproxima-se da ideia de currículo em ação (Sacristán, 2000) e da compreensão de que os saberes docentes são situados e construídos na prática (Pimenta, 1999; Tardif, 2002). A documentação pedagógica, diante desse quadro, tem assumido relevância crescente ao tornar visíveis os processos de aprendizagem de crianças e professoras, favorecendo a reflexão coletiva e a reorganização da prática.

Entre as formas de registro, o desenho ainda é pouco explorado como instrumento de planejamento, embora se articule às demandas atuais da educação e ofereça meios de comunicação acessíveis entre os sujeitos envolvidos. Com base nessa lacuna, este estudo busca discutir o desenho como recurso de planejamento pedagógico na Educação Infantil, considerando suas possibilidades para ampliar a clareza das intenções docentes e diversificar os modos de expressar o trabalho pedagógico.

O desenho como ferramenta de planejamento na educação infantil

O planejamento na Educação Infantil, inspirado em pedagogias participativas, constitui-se como prática situada, intencional e flexível (Ribeiro, 2021). Dessa forma, a escuta atenta das crianças assume papel de destaque, permitindo que suas necessidades e interesses orientem propostas pedagógicas coletivas e dinâmicas, capazes de gerar experiências de aprendizagem significativas.

As pedagogias participativas entendem a escuta, o diálogo e a participação como dimensões intrínsecas ao ato pedagógico e não apenas como recursos didáticos pontuais. Nessa forma de conceber a educação, professores e crianças ocupam papéis igualmente ativos e a escola se organiza como espaço aberto e contextualizado, que envolve também famílias e comunidade (Ribeiro, 2021).

A abordagem pedagógica de Reggio Emilia, exemplo desse movimento, emergiu no pós-guerra sob a liderança de Loris Malaguzzi e alcançou reconhecimento mundial por propor ambientes educativos ricos em recursos, organizados de modo a estimular a criatividade, a cooperação e a representação simbólica desde a primeira infância. Essa perspectiva valoriza a documentação como recurso central para a aprendizagem e para o desenvolvimento profissional dos docentes, possibilitando que experiências infantis sejam revisitadas e transformadas em base para o planejamento. Projetos emergentes, articulados aos interesses das crianças, caracterizam-se pela flexibilidade curricular e pelo protagonismo infantil.

Nesse sentido, faz-se necessário repensar o papel do desenho na Educação Infantil. Mais do que simples registros, esses documentos funcionam como dispositivos de reflexão, comunicação e formação. Para Vecchi (2013), a produção gráfica dos professores e das crianças dá visibilidade ao processo de aprendizagem e possibilita uma leitura crítica da prática docente. Rinaldi (2012) acrescenta que tais registros fortalecem a escuta e a coautoria no cotidiano pedagógico. Nesse cenário, o desenho pode ser compreendido como uma forma de documentação pedagógica que articula planejamento, reflexão e participação.

Sob essa perspectiva, o desenho assume relevância como linguagem. Para as crianças, ele ultrapassa a dimensão lúdica e se configura como forma de comunicação, permitindo expressar ideias, sentimentos e hipóteses sobre o mundo. Para os professores, é mobilizado como recurso visual de planejamento, pois ajuda a organizar o pensamento, antecipar o uso dos espaços e refletir sobre a rotina. Além disso, facilita a comunicação

das intenções pedagógicas de maneira clara e acessível, em especial para as crianças. O desenho também possibilita visualizar proporções, fluxos e relações entre elementos do cotidiano pedagógico.

Desenhar, portanto, não significa apenas ilustrar, mas traduzir concepções e escolhas pedagógicas em representações gráficas que favorecem a clareza e a partilha das propostas. Ao lado da palavra escrita, pode tornar-se um registro potente para análise, discussão coletiva e reorganização do trabalho pedagógico. Essa prática amplia as condições de autoria docente, permitindo que professores utilizem não apenas o discurso verbal, mas também a linguagem visual para sustentar e comunicar suas intenções.

Dondis (2007) chama atenção para o fato de que a cultura ocidental consolidou a escrita como principal forma de registro e transmissão de conhecimento, relegando as linguagens visuais a posições secundárias. Contudo, a alfabetização visual é tão necessária quanto a verbal. Qualquer pessoa pode desenvolver competências de criação e interpretação de imagens sem exigir domínio artístico especializado. Da mesma forma que escrever não exige lirismo para ser eficaz, desenhar não precisa ser esteticamente sofisticado para cumprir sua função comunicativa.

O desenho, nesse contexto, constitui uma possibilidade para que professores e crianças “pronunciem o mundo” por meio de uma palavra visual, abrindo espaço para novas formas de conscientização e engajamento. Lima e Solino (2024) reforçam a pertinência desse enfoque para a Educação Infantil ao indicarem que práticas participativas e dialógicas estimulam a expressão infantil e ampliam o papel dos educadores como mediadores críticos.

Ao integrar-se às práticas de planejamento, o desenho contribui para o fortalecimento da profissão docente, que pode ancorar-se nele para refletir, organizar e comunicar sua ação pedagógica. Assim, o desenho deixa de ser apenas um recurso artístico ou ilustrativo e se afirma como ferramenta de planejamento capaz de articular teoria e prática, dar visibilidade às intenções educativas e favorecer maior participação das crianças nas propostas.

Metodologia

A pesquisa desenvolvida insere-se no campo qualitativo, com ênfase na modalidade de pesquisa-formação (Nóvoa, 1995; Josso, 2004), que compreende a investigação como oportunidade de aprender com a experiência e ressignificar a prática

docente. A escolha dessa perspectiva se justifica pelo caráter dialógico e colaborativo do estudo, que buscou promover a reflexão das professoras participantes sobre suas próprias concepções e modos de planejar, ao mesmo tempo em que produziu conhecimento científico.

A investigação foi desenvolvida em um centro municipal de educação infantil (CEMEI) do interior do estado de São Paulo, com a participação voluntária de onze professoras da educação infantil. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa (CAAE: 84295524.0.0000.5504), respeitando os princípios éticos de confidencialidade e anonimato. Para preservar a identidade das docentes, todos os nomes mencionados no texto são fictícios.

Os procedimentos metodológicos contemplaram dois momentos principais. Em um primeiro momento, foi aplicado um formulário de caracterização com questões relativas ao perfil pessoal e profissional das professoras, bem como às práticas de planejamento pedagógico desenvolvidas.

O segundo momento consistiu na realização de um ateliê formativo de desenho, composto por cinco encontros de aproximadamente duas horas cada. Esses encontros integraram três dimensões: (1) discussão teórica sobre um tema específico; (2) oficina prática de desenho; e (3) roda de conversa para socialização e reflexão coletiva. Essa estrutura buscou explorar o desenho como recurso de planejamento e, ao mesmo tempo, articular teoria e experiência docente.

Cada encontro foi organizado em torno de um eixo temático:

- 1º. Introdução ao desenho no planejamento pedagógico;
- 2º. Técnicas básicas de desenho (parte 1); brincadeiras ao ar livre e contato com a natureza;
- 3º. Técnicas básicas de desenho (parte 2); exploração de traços, cores e formas;
- 4º. Tradições e festividades culturais;
- 5º. Compartilhamento de vivências e reflexões finais sobre a jornada no ateliê.

A opção por organizar os encontros na forma de ateliê formativo possibilitou vivências coletivas, trocas de experiências e produção de registros gráficos que, além de constituírem dados para análise, se configuraram como momentos de formação continuada das participantes.

O presente artigo toma como recorte o terceiro encontro. A produção de dados incluiu tanto os desenhos elaborados pelas professoras quanto os registros das rodas de

conversa, considerados complementares para compreender como o uso do desenho pode se configurar como ferramenta pedagógica.

O material foi organizado e submetido à análise textual discursiva (ATD), conforme delineada por Moraes e Galianzi (2007). A ATD é um processo analítico de natureza qualitativa que se caracteriza por três movimentos articulados: (1) a desmontagem dos textos, em que o material empírico é fragmentado em unidades de sentido; (2) o estabelecimento de relações, que possibilita reorganizar essas unidades em categorias emergentes; e (3) a captação do novo emergente, momento em que se alcança uma compreensão mais ampla do fenômeno investigado.

Essa abordagem se diferencia de outros métodos de análise de conteúdo por assumir explicitamente o caráter interpretativo do pesquisador. Ao invés de buscar apenas frequências ou padrões fixos, a ATD privilegia a produção de significados e a construção de sentidos a partir do diálogo constante entre os dados e a fundamentação teórica. Como destacam Moraes e Galianzi (2007), trata-se de um processo que combina rigor metodológico com abertura à criatividade investigativa, permitindo que novas compreensões surjam de modo indutivo.

No contexto deste estudo, a ATD mostrou-se especialmente adequada, uma vez que as produções gráficas e as falas das professoras não se limitam a informações objetivas, mas carregam dimensões simbólicas, subjetivas e relacionais. A análise buscou, portanto, valorizar essas dimensões, construindo categorias que expressam tanto os sentidos atribuídos pelas docentes ao uso do desenho no planejamento quanto os movimentos reflexivos desencadeados durante os encontros do ateliê.

Resultados e discussão

Embora o ateliê tenha sido estruturado em cinco encontros, a análise apresentada neste artigo concentra-se no terceiro, conforme informado anteriormente. Esse encontro teve como objetivo discutir o desenho como recurso de planejamento pedagógico, distinguindo-o da mera representação gráfica, e explorar suas potencialidades como linguagem profissional. A análise das produções considerou tanto os desenhos elaborados quanto os registros das falas durante as rodas de conversa, reconhecendo-os como manifestações complementares de um mesmo processo formativo.

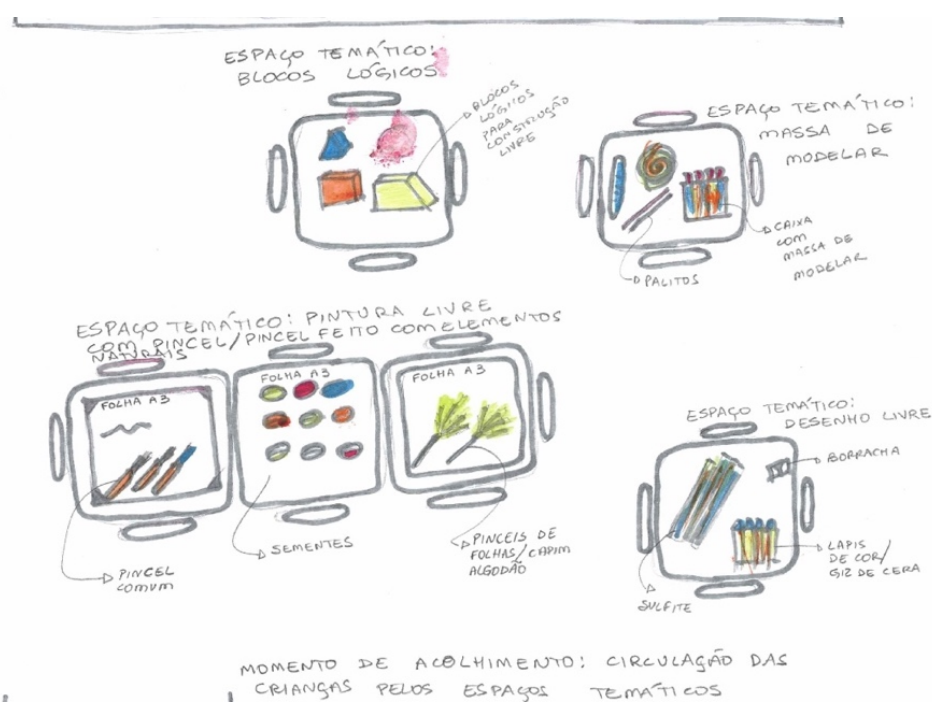
Para apresentar os achados, foram construídas quatro categorias emergentes da análise textual discursiva: (1) expressão das vivências pedagógicas; (2) clareza e

organização do planejamento; (3) inclusão e comunicação; e (4) reflexão docente mediada pelo desenho. Cada uma delas articula elementos empíricos, analíticos e teóricos, evidenciando como o uso do desenho possibilitou ampliar a clareza das propostas, favorecer a participação das crianças e fortalecer a autoria e a reflexão das professoras. É a partir desse quadro que se apresenta a categoria 1, na qual os desenhos revelam como as professoras traduziram, de forma criativa e simbólica, práticas centrais da rotina da educação infantil.

Desenho como expressão das vivências pedagógicas

Nos primeiros registros, o desenho emergiu como recurso para expressar vivências concretas do cotidiano escolar, como o acolhimento que, além de momento inicial da rotina, é reconhecido por Staccioli (2021) como experiência fundante da educação infantil. A produção da professora Diane, que retratou o momento do acolhimento (figura 16), evidencia como o traço foi mobilizado para planejar um espaço de recepção acolhedor e investigativo. A proposta de organizar mesas temáticas com materiais variados, além de favorecer a autonomia e a curiosidade das crianças, destaca a oportunidade para criar contextos baseados em experiências sensoriais e cognitivas.

Figura 16: Desenho do acolhimento



Fonte: Arquivo próprio (2025)

As produções iniciais revelam a intenção pedagógica de estruturar o cotidiano de forma visual, aproximando-se da concepção de Sacristán (2000), para quem o planejamento é antecipação de práticas que ganham significado no ato educativo. Como ressaltaram professoras como Marcela e Vilma, o desafio de desenhar estava relacionado tanto à falta de hábito quanto ao receio estético: “Falta prática. [...] Acho que, com o tempo, vai ficar mais fácil” (Marcela); “A gente também quer ser entendida. A gente não quer ficar feio. A gente quer ter uma estética boa para mostrar” (Vilma). Tais falas demonstram a tensão entre a insegurança diante do desenho e o desejo de comunicabilidade, reforçando que o registro visual, além de ferramenta pedagógica, é também forma de autoria docente.

Ao traduzirem experiências em imagens, as professoras iniciaram um movimento de alfabetização visual (Dondis, 2007). Reconheceram o desenho como linguagem legítima do planejamento e, mesmo diante da hesitação inicial, produziram registros que já se constituíram como recurso de organização e comunicação pedagógica. Esses registros ofereceram visibilidade às intenções docentes e abriram espaço para reflexões sobre novas formas de documentar e compartilhar o planejamento.

Assim, os desenhos não apenas representaram práticas de recepção das crianças, mas evidenciaram intencionalidades ligadas à criação de ambientes investigativos e acolhedores, abrindo caminho para compreensões mais amplas sobre sua função no planejamento pedagógico.

As primeiras representações evidenciaram a potência do desenho como forma de expressar experiências vividas no cotidiano escolar. Superado esse movimento inicial, emergiu um segundo aspecto, relacionado à clareza e organização do planejamento, em que as professoras passaram a utilizar o recurso gráfico para estruturar tempos, espaços e atividades de modo mais sistemático.

Clareza e organização pedagógica

Outra dimensão que emergiu dos registros foi o uso do desenho como ferramenta de clareza e organização do planejamento. Algumas professoras recorreram a esquemas visuais para representar a sequência das atividades, o uso do tempo e a disposição dos espaços, buscando tornar mais evidente a estrutura das propostas. Em vez de registros

lineares ou exclusivamente textuais, os desenhos apresentaram blocos, setas e conexões que explicitavam a intencionalidade pedagógica. Um exemplo é o de uma professora que ilustrou a rotina diária em etapas encadeadas, sinalizando horários, momentos de interação coletiva e atividades individuais. Ao lado dos elementos gráficos, acrescentou palavras-chave, compondo um registro híbrido entre texto e imagem, conforme Figura 17 da profa. Vilma, que segue. Esse recurso, além de apoiar a organização pessoal, potencializa a comunicação das intenções pedagógicas com colegas e até com as próprias crianças.

Figura 17: Desenho da rotina



Fonte: Arquivo próprio (2025)

A BNCC (2018) destaca o direito das crianças de se expressarem por múltiplas linguagens e, nesse sentido, a elaboração de planejamentos visuais dialoga diretamente com essa diretriz. Ao transformar o planejamento em imagens, as professoras reforçam a dimensão comunicativa do documento pedagógico, conferindo-lhe maior transparência e favorecendo o compartilhamento. Essa perspectiva aproxima-se da documentação pedagógica descrita por Vecchi (2013) e Rinaldi (2012), para quem o registro visual é não apenas memória do processo, mas também meio de reflexão e de comunicação.

Os relatos também evidenciam como o ato de desenhar ajudou a dar forma mais clara às ideias em elaboração. Uma professora comentou que “desenhar ajuda a enxergar

melhor o que se pensa”, sinalizando o caráter reflexivo da prática. Nesse mesmo sentido, outra participante destacou: “Quando coloquei no papel, consegui ver como organizar o tempo das atividades”. Esses depoimentos evidenciam que o planejamento não se reduz a prescrição, mas configura-se como um exercício de reflexão que orienta e reorganiza a prática docente. O recurso visual, portanto, funcionou como mediador para reorganizar o pensamento pedagógico, apoiando a construção de propostas mais consistentes e intencionais (Pimenta, 1999; Sacristán, 2000).

Assim, o desenho, quando articulado ao planejamento, favorece clareza, sistematização e comunicação, constituindo-se em recurso capaz de apoiar tanto a organização docente quanto a participação das crianças nas práticas educativas.

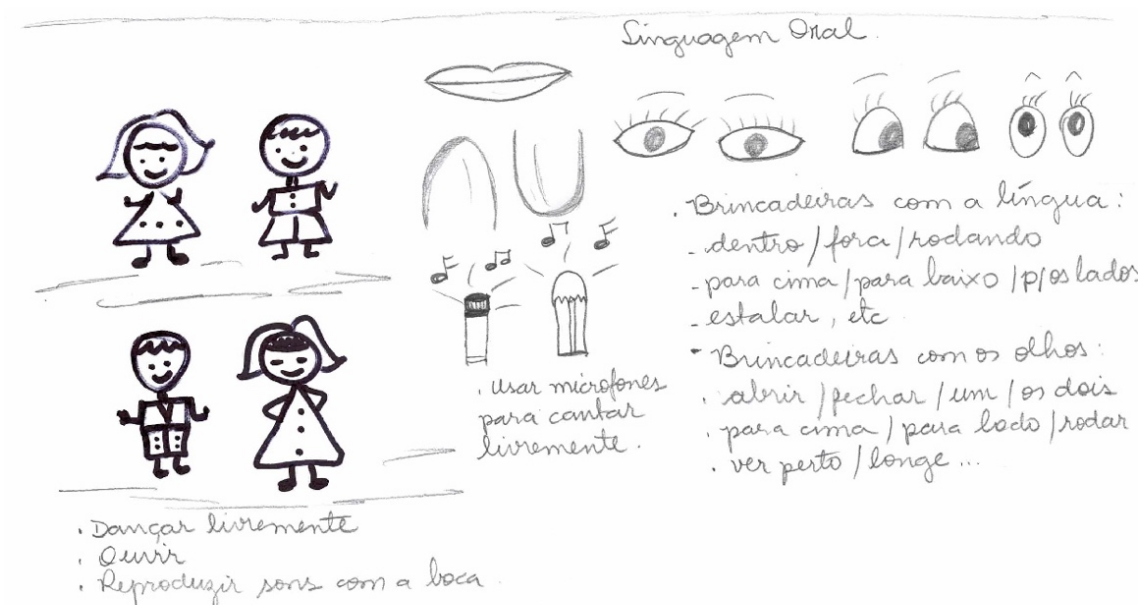
Se, por um lado, o desenho contribuiu para tornar mais claros os percursos pedagógicos, por outro revelou também sua força como estratégia de comunicação e inclusão, permitindo que diferentes sujeitos (professoras e crianças), compartilhassem sentidos de forma mais acessível e participativa.

Inclusão e comunicação

Nos encontros, algumas professoras relataram que o desenho poderia auxiliar na comunicação com as crianças, especialmente as menores ou aquelas com necessidades específicas. Uma participante afirmou: “Para algumas crianças, mostrar o desenho da atividade é mais claro do que explicar só falando”. Outra destacou que o recurso visual ajudaria a envolver quem ainda não domina a linguagem escrita, tornando a proposta mais acessível e convidativa. Esses depoimentos revelam a percepção de que o desenho funciona como linguagem inclusiva, capaz de reduzir barreiras de compreensão e ampliar a participação de todas as crianças. Ao tornar visível a sequência de ações e os materiais envolvidos, o planejamento desenhado aproxima a proposta pedagógica do universo infantil, traduzindo intenções em imagens compreensíveis.

A Figura 18, elaborada pela profa. Tatiana, ilustra esse aspecto, ao apresentar um desenho de atividade pensado para crianças pequenas, no qual a representação visual orienta a sequência de ações esperadas, tornando o planejamento inteligível e acessível mesmo para aquelas que ainda não leem. Esse recurso pode permitir às crianças antecipar etapas, organizar suas escolhas e participar mais ativamente da atividade.

Figura 18: Desenho das brincadeiras com linguagem oral



Fonte: Arquivo próprio (2025)

Essa dimensão encontra respaldo na BNCC (2018), que assegura o direito das crianças a se expressarem e se comunicarem por múltiplas linguagens. Além disso, reforça que a comunicação não se limita ao verbal ou escrito, mas se amplia por meios visuais, sonoros e corporais (Malaguzzi, in; Edwards, Grandini & Forman, 2016). Na perspectiva freireana, pensar em comunicação é também pensar em diálogo e em condições de participação efetiva (FREIRE, 1996), o que confere ao desenho uma função política ao favorecer equidade no acesso às experiências.

Dessa forma, o desenho, integrado ao planejamento, não se restringe a apoiar a organização docente, mas mostrou-se uma estratégia de inclusão e comunicação ao tornar a sequência visível para as crianças, inclusive as que ainda não leem.

Ao favorecer a comunicação e a inclusão, o desenho abriu caminho para uma dimensão ainda mais profunda: a da reflexão docente mediada pelo planejamento gráfico, em que as professoras utilizaram o traço como dispositivo para questionar escolhas, reorganizar ideias e ressignificar sua própria prática pedagógica.

Reflexão docente mediada pelo desenho no planejamento

Durante a elaboração dos desenhos, as professoras não apenas registraram rotinas e espaços, mas revisitaram criticamente suas próprias escolhas pedagógicas. O ato de desenhar funcionou como um catalisador de reflexões ao selecionar o que representar, organizar os elementos visuais e decidir como estruturar a proposta, emergiram questionamentos sobre a intencionalidade das atividades, a coerência entre objetivos e estratégias e o papel do ambiente educativo. Uma professora comentou que, ao desenhar, conseguiu perceber que determinadas etapas estavam pouco claras e precisariam ser reorganizadas para que as crianças compreendessem melhor a sequência. A Figura 19 (profa. Tatiana) ilustra esse movimento, evidenciando um registro em que o traço não se limita a descrever, mas abre espaço para reorganizar e ressignificar a prática. Ao visualizar o percurso planejado, a docente foi capaz de identificar lacunas e propor ajustes, reconhecendo no próprio desenho uma ferramenta de autoavaliação e de reconstrução pedagógica. O recurso gráfico, nesse sentido, ultrapassou o papel de registro para se constituir como mediador da reflexão docente, aproximando a prática de um processo de autoria e revisão crítica.

Figura 19: Desenho sobre explorando sons e cores



Fonte: Arquivo próprio (2025)

Essa dimensão processual dialoga com o que Schön (2000) denomina de “reflexão na ação”, em que o professor pensa e se reposiciona enquanto age, e com a perspectiva de Alarcão (2010), que considera o planejamento como momento privilegiado de reflexão. Além disso, ao se depararem com suas próprias produções, as professoras ampliaram a consciência sobre seus modos de planejar, confirmando a ideia de Pimenta (1999) de que o planejamento é prática que se reconstrói continuamente.

Dessa forma, o desenho, ao ser incorporado ao planejamento, revelou-se um dispositivo formativo que provoca reflexão crítica, permite a revisão de escolhas e favorece a construção de práticas mais intencionais e consistentes. Longe de ser apenas um recurso ilustrativo, ele funcionou como mediador da reflexão docente e como instrumento de autoria no processo de planejar.

Por fim, podemos afirmar que a análise das produções gráficas e dos diálogos do terceiro encontro mostrou que o desenho foi reconhecido pelas professoras como parte efetiva do planejamento da Educação Infantil, deixando de ser visto apenas como atividade complementar. As quatro categorias construídas revelaram diferentes dimensões de um mesmo processo. Em conjunto, elas indicam que o ato de desenhar favoreceu às professoras não apenas superar inseguranças iniciais, mas também visualizar a rotina de forma mais clara, ampliar a participação das crianças, especialmente das que apresentam necessidades especiais e ressignificar criticamente suas escolhas pedagógicas. Assim, o ato de desenhar favoreceu momentos de reflexão e autoria, pois cada professora, ao reorganizar suas ideias, pôde repensar escolhas e dar um caráter mais pessoal ao planejamento e potencializar a prática docente.

Conclusão

Os resultados apresentados demonstram que o desenho, ao ser incorporado ao planejamento pedagógico da Educação Infantil, amplia as possibilidades de expressão, reflexão e comunicação, favorecendo momentos de autoria e formação. As quatro categorias construídas a partir da análise – expressão das vivências pedagógicas, clareza e organização do planejamento, inclusão e comunicação, e reflexão docente mediada pelo desenho – revelam que esse recurso pode contribuir tanto para a prática pedagógica quanto para a formação docente.

Do ponto de vista prático, os desenhos favoreceram a clareza das ideias das professoras, ajudando-as a organizar tempos, espaços e atividades de modo mais visual e objetivo. Além disso, os registros gráficos mostraram-se recursos de inclusão e acessibilidade, permitindo que crianças, inclusive aquelas com necessidades específicas, compreendessem melhor a dinâmica das atividades. Esse aspecto aponta para o potencial do desenho como linguagem que democratiza o acesso às propostas pedagógicas e amplia a participação das crianças.

Sob a perspectiva da formação docente, o estudo evidenciou que o ato de desenhar funciona como disparador de reflexão, estimulando as professoras a revisitar suas escolhas e a repensar suas práticas. Esse movimento reforça a ideia de que o planejamento, longe de ser mera formalidade, pode se tornar espaço de autoria e criação docente. Nesse sentido, a experiência vivida pelas professoras participantes sugere que práticas semelhantes poderiam ser incorporadas em programas de formação inicial e continuada, favorecendo uma compreensão mais crítica e criativa do ato de planejar.

Os resultados também dialogam com princípios da BNCC (2018), ao reafirmarem o direito das crianças a se expressarem por múltiplas linguagens, e com as contribuições de abordagens como a de Reggio Emilia, que valoriza o desenho como uma das “cem linguagens da criança”. Essa convergência entre prática, teoria e política educacional reforça a relevância do tema para o debate contemporâneo sobre a Educação Infantil no Brasil.

Cabe reconhecer como limitação do estudo o fato de o artigo se concentrar apenas no terceiro encontro do ateliê, o que restringe o olhar para a totalidade do processo formativo. Estudos futuros podem ampliar o escopo da investigação, analisando os cinco encontros ou replicando a experiência em outros contextos, de modo a verificar a consistência e a diversidade dos resultados.

Em síntese, o estudo indica que o desenho, além de linguagem estética, pode ser apropriado como instrumento pedagógico que favorece a clareza do planejamento, promove a inclusão e fortalece a reflexão docente. Sua valorização constitui um caminho promissor para ressignificar o planejamento na Educação Infantil, transformando-o em espaço de diálogo, escuta e participação, no qual a criatividade e a autoria docente se entrelaçam às múltiplas formas de expressão das crianças.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu do reconhecimento de um problema central: a predominância histórica e cultural da concepção de que o planejamento pedagógico na Educação Infantil se restringe à linguagem verbal e escrita, negligenciando outras formas de expressão, como o desenho. Essa lacuna se torna ainda mais evidente diante da escassez de estudos acadêmicos que investiguem o uso do desenho como um recurso metodológico ativo para o planejamento docente.

Diante desse cenário, foi estruturada a seguinte questão de pesquisa: Qual é a visão das professoras de Educação Infantil sobre a ação de planejar por meio de desenhos? A investigação, estruturada em artigos, mostrou que planejar é possível, desafiador e potente. As rodas de conversa, nuvens de palavras e registros produzidos ao longo dos encontros revelaram um percurso de modificação nas percepções docentes. Inicialmente, prevaleceu a insegurança, associada à falta de prática e à crença de que seria necessário saber desenhar bem para recorrer a esse recurso. Contudo, à medida que a experiência avançou, o desenho passou a ser compreendido como uma ferramenta capaz de trazer clareza, organização e segurança ao planejamento, além de favorecer processos de replanejamento e reformulação.

As professoras também reconheceram o potencial do desenho para promover inclusão, especialmente no trabalho com crianças não verbais ou com deficiência. Os roteiros ilustrados e as representações gráficas da rotina se mostraram estratégias de comunicação acessíveis e engajadoras, aproximando o planejamento das necessidades das crianças. Assim, demonstrou que o uso do desenho como ferramenta de planejamento amplia as possibilidades da docência, estimulando a criatividade, favorecendo a organização do pensamento pedagógico e aproximando professoras e crianças em um processo mais participativo. Em vez de um planejamento burocrático e restrito à escrita, o planejamento visual revelou ser uma prática capaz de aprimorar a comunicação entre docentes e alunos.

Entretanto, este estudo apresenta limitações. Foi desenvolvido com um grupo de professoras de uma única instituição e teve curta duração (cinco encontros, totalizando dez horas de formação). Além disso, não foram incluídos recursos digitais que poderiam ampliar o acesso e reduzir barreiras relacionadas à habilidade artística. Essas restrições indicam a necessidade de novas pesquisas que acompanhem de forma mais prolongada,

a prática docente, explorem ferramentas digitais e articulem o desenho com outras linguagens artísticas.

Apesar dessas limitações, os achados reforçam a importância de legitimar o desenho como parte do saber docente. Para que isso ocorra, é fundamental o investimento em programas de formação continuada que valorizem o pensamento visual, em ambientes formativos acolhedores e livres de julgamentos. Nesse sentido, o processo investigativo vivido ao longo desta pesquisa configurou-se não apenas como produção de conhecimento, mas como uma experiência formativa profundamente significativa.

A partir desse percurso, assumo, a seguir, uma escrita mais autoral, reconhecendo as dimensões humanas, formativas e afetivas que perpassaram esta pesquisa. Com o coração transbordando de gratidão e alegria, é impossível não celebrar a jornada extraordinária que foi esta pesquisa de Mestrado. A realização deste trabalho foi, sem dúvida, um presente, e a colaboração de todos os envolvidos superou qualquer expectativa. Foi uma jornada surpreendente e inspiradora. A Secretaria Municipal de Educação, a Direção Escolar e, especialmente, o encantador grupo de professoras do Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) de São Carlos constituíram a verdadeira alma e coração deste projeto. A dedicação e a abertura da equipe foram imediatas, o que permitiu que a investigação se desenvolvesse de forma fluida e consistente, resultado também das precisas orientações da minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Dulcimeire Ap. V. Zanon. Destaco, ainda, que a turma do Mestrado (PPGPE/UFSCar) foi um espaço de acolhimento e trocas significativas, que favoreceram o aprofundamento das discussões e enriqueceram meu olhar profissional e de pesquisadora.

Ao longo dos encontros formativos do Ateliê do Desenho, foi profundamente inspirador acompanhar cada professora superar suas inseguranças iniciais e reconhecer sua própria capacidade de planejar por meio do desenho. Esse percurso evidenciou o poder da reflexão, da criatividade e da escuta na docência, reafirmando o desenho como linguagem legítima no planejamento pedagógico. A construção do produto educacional: revista “Desenhando o Planejamento Pedagógico: do desafio ao encantamento” ampliou ainda mais esse movimento, aproximando o conhecimento acadêmico das práticas concretas vividas nas escolas.

Este percurso me deixou profundamente motivada a seguir pesquisando. Concluo reiterando o meu compromisso contínuo com a melhoria da Educação Infantil e com o empoderamento docente. Este estudo não é apenas um exercício acadêmico, mas um convite à reflexão e à ação. O desenho, muitas vezes subestimado, emerge como uma

ferramenta poderosa para aprimorar o planejamento pedagógico, promover um ensino mais integrado e reflexivo e valorizar a criatividade das professoras.

Espero que este estudo inspire educadores, gestores e redes de ensino a romper com paradigmas rígidos e a reconhecer o pensamento visual como uma competência essencial, tão importante quanto a alfabetização verbal. Ao legitimar o desenho como parte do saber docente, abrimos caminho para uma prática profissional mais autônoma, sensível e comprometida com a escuta e a transformação. Que possamos, juntos, continuar a traçar passos em direção a uma Educação Infantil que valorize e celebre as múltiplas linguagens e a potência de cada criança.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. A. **A escola reflexiva**. IN: ALARCÃO, I. A. (org.). Escola reflexiva e nova racionalidade. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

ALARCÃO, I. A. **Formação do professor reflexivo**. IN: Professores reflexivos em uma escola reflexiva. São Paulo: Cortez, 2005.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BLANCO, V.; CIDRÁS, S. **Desenhar o mundo: brincar, criar, compartilhar**. São Paulo: Phorte, 2024.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CEPPI, G., & ZINI, M. (Orgs.). **Crianças, Espaços, Relações: Como Projetar Ambientes para a Educação Infantil**. Porto Alegre: Penso, 2013.

COGNET, G. COGNET, A. **Compreender e interpretar desenhos infantis**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

CORREIA, T. F. A. **A gallery walk na educação básica: um olhar para as produções científicas do período de 2010 a 2020**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, 2021.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Periódicos CAPES**. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 15/02/2025.

DONDIS, D. A. **La sintaxis de la imagen**. Barcelona: Ediciones GG, 2007.

DUBOVIK, A.; CIPPITELLI, A. **Construção e construtividade: Materiais naturais e artificiais nos jogos de construção**. Trad. Bruna Heringer de Souza Villar. São Paulo: Phorte, 2018.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Ediouro, 1979.

FIGUEIREDO, M. H. de. **Rap e Funk: a busca por voz e visibilidade**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

FOCHI, P. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** Comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais**. In: Revista de Administração de Empresa. São Paulo, 1995.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBICT). **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações**. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 21/02/2025.

LARROSA, J. B. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr, nº19, 2002.

LIMA, L. C.; SOLINO, A. P. **Um olhar sobre as relações dialógicas na perspectiva freireana e suas contribuições para a educação na/da infância**. Dialogia, São Paulo, n. 51, p. 1-17, e25833, set./dez. 2024.

LUCAS, M. A. O. F.; CHICARELLE, R. J.; SAITO, H. I. T. **Planejamento: desdobrando a realidade escolar e ressignificando a prática pedagógica**. Linha Mestra, v. 10, n. 30, p. 630-634, 2016.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. **A avaliação em educação pré-escolar: perspectivas de desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OSTETTO, L. E. (Org.). **Planejamento na educação infantil mais que a atividade, a criança em foco**. In: OSTETTO, L. E. (Org.). Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios. Campinas: Papirus, 2000.

OSTETTO, L. E. (Org.). **Registros na Educação Infantil: pesquisa e prática pedagógica**. Campinas: Papirus, 2017.

PEREIRA, C. R. L. **As Cem Linguagens do Desenho da Criança no Trabalho Docente da Educação Infantil**. São Carlos: UFSCar, 2024.

PIMENTA, S. G. **Formação de professores: identidade e saberes da docência. Saberes pedagógicos e atividade docente**. Tradução. São Paulo: Cortez, 1999

RADVANSKEI, S F; HAGEMEYER, R. C. C. **A formação continuada para a aprendizagem da docência: um ato responsivo.** Linha Mestra, n. 46, p. 467-480, jan./abr. 2022.

RIBEIRO, B. **A escuta como matéria-prima das Pedagogias Participativas: a construção de saberes praxiológicos de uma pedagogia que escuta.** 2021. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, Investigar e Aprender.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

RINALDI, C. **Documentação e avaliação: qual a relação.** In: PROJECT Zero (org.). Tornando visível a aprendizagem: crianças aprendem individualmente e em grupo. São Paulo: Phorte, 2014, p. 81-94.

ROLDÃO, M. do C. **Formação de professores e desenvolvimento profissional.** Rev. educ. PUC-Campinas, 22(2):191-202, maio/ago., 2017.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática.** Porto Alegre: Artmed, 2000

SCHÖN, D. **Formar professores como profissionais reflexivos.** In: Nóvoa, A. (Org.). Os professores e sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

STACCIOLI, Gianfranco. **Diário do acolhimento na escola da infância.** Autores Associados, 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 5ª edição.

TONUCCI, F. **A solidão da criança.** Campinas: Ciranda de Letras, 2019.

VECCHI, V. **Arte e criatividade em Reggio Emilia: o papel do ateliê na educação infantil.** Porto Alegre: Penso, 2013.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICES

Apêndice 1: Questionário de caracterização das participantes

Formulário da Pesquisa: "Planejar em Desenhos: A Visão das Professoras de Educação Infantil"

Mestranda: Alice Meirelles Mucheroni

Orientadora: Prof. Dra. Dulcimeire Ap. V. Zanon

Instituição: UFSCar

Local da Pesquisa: CEMEI Dom Ruy Serra

Este questionário faz parte de uma pesquisa que busca compreender as visões das professoras de Educação Infantil sobre o planejamento pedagógico, especialmente no que diz respeito ao uso de representações visuais, como desenhos e esquemas. Sua identidade será preservada, a fim de garantir sigilo e anonimato. Peço, por gentileza, que responda a todas as perguntas. Não há respostas certas ou erradas. Sua participação é muito importante. Obrigada!

** Indica uma pergunta obrigatória*

1. **Nome (opcional):**

2. **1. Gênero: ***

Marcar apenas uma oval.

☐ Feminino

☐ Masculino

☐ Outro: _____

3. **2. Idade: ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Menos de 25 anos
- ☐ 25 a 35 anos
- ☐ 36 a 45 anos
- ☐ 46 a 55 anos
- ☐ Acima de 55 anos

4. **3. Formação acadêmica (pode assinalar mais de uma opção) ***

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Ensino Médio – Magistério
- ☐ Licenciatura em Pedagogia
- ☐ Especialização. Qual? (responder em outros)
- ☐ Pós-Graduação. Qual? (responder em outros)
- ☐ Outro: _____

5. **4. Tempo de atuação na Educação Infantil: ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Menos de 1 ano
- ☐ 1 a 5 anos
- ☐ 6 a 10 anos
- ☐ 10 a 20 anos
- ☐ Mais de 20 anos

6. **5. Fase que você trabalha atualmente ***

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Fase 3
- ☐ Fase 4
- ☐ Fase 5
- ☐ Fase 6
- ☐ Todas as fases

7. **6. Você já participou de formações sobre planejamento pedagógico? ***

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

8. **7. O que você entende por planejamento pedagógico na Educação Infantil? ***

9. **8. Como você costuma planejar suas atividades? (Exemplos: por escrito, esquemas, de forma colaborativa, etc) ***

10. **9. Você já utilizou desenhos ou esquemas visuais para planejar suas atividades? ***

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

11. **Justifique a resposta anterior ***

12. **10. Quais temáticas são mais abordadas em seu planejamento? ***

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Acolhimento e adaptação
- ☐ Rotina e organização do dia a dia
- ☐ Leitura e contação de histórias
- ☐ Rodas de conversa e narrativas orais
- ☐ Escrita espontânea e exploração de símbolos
- ☐ Expressão verbal e comunicação não verbal
- ☐ Teatro, dramatização e jogos simbólicos
- ☐ Brincadeiras na sala de referência
- ☐ Contextos, territórios, cantos e estações organizados para exploração
- ☐ Brincadeiras ao ar livre e contato com a natureza
- ☐ Jogos populares, cooperativos e culturais
- ☐ Atividades sensoriais e manipulação de diferentes materiais
- ☐ Música e experimentação sonora
- ☐ Dança e expressões corporais
- ☐ Ritmo e experimentação com instrumentos musicais
- ☐ Cantigas populares e brincadeiras cantadas
- ☐ Exploração de traços, cores e formas
- ☐ Pintura, desenho e modelagem
- ☐ Exploração da natureza e elementos naturais
- ☐ Horta escolar e cuidado com plantas e animais
- ☐ Fenômenos naturais e investigação científica
- ☐ Cuidados com a higiene e autocuidado
- ☐ Alimentação saudável e introdução a bons hábitos alimentares
- ☐ Exploração de quantidades e relação numérica
- ☐ Jogos matemáticos e resolução de desafios lógicos
- ☐ Medidas, formas geométricas e reconhecimento de padrões
- ☐ Sequências, classificação e comparações
- ☐ Tradições e festividades culturais
- ☐ Organização dos materiais pedagógicos
- ☐ Organização da sala de referência
- ☐ Uso pedagógico da tecnologia e recursos digitais

13. **11. Que dificuldades você acredita que poderiam surgir ao representar o planejamento por meio de desenhos? Como você acha que essas dificuldades poderiam ser superadas?** *

14. **12. Quais temas ou questões você gostaria que fossem debatidos durante as atividades do ateliê? Existem assuntos específicos que despertam seu interesse ou que você considera importantes para discussão?** *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Apêndice 2: Produto Educacional

A revista "Desenhando o Planejamento Pedagógico: Do Desafio ao Encantamento" constitui o Produto Educacional deste mestrado (PPGPE/UFSCar), concebido com a intenção de convidar profissionais da Educação Infantil a redescobrirem o desenho como linguagem na organização docente. O material foi estruturado para desmistificar a percepção do desenho como habilidade técnica exclusiva de artistas ou restrita ao universo infantil, apresentando-o, em vez disso, como uma ferramenta potente para a sistematização visual e lúdica de ideias pedagógicas.

Inspirada nos achados desta pesquisa, a revista busca encorajar o educador a superar a insegurança técnica, abraçando o traço como um ato ético, estético e reflexivo. Mais do que um guia prático, ela propõe uma jornada de encantamento que valoriza a alfabetização visual e a escuta das múltiplas linguagens, alinhando-se a pedagogias que posicionam a criança como ser ativo e potente. Com propostas que incentivam o uso criativo de espaços e materiais, este produto espera inspirar uma prática docente mais sensível, conectada à dimensão visual e profundamente comprometida com a potência das infâncias.

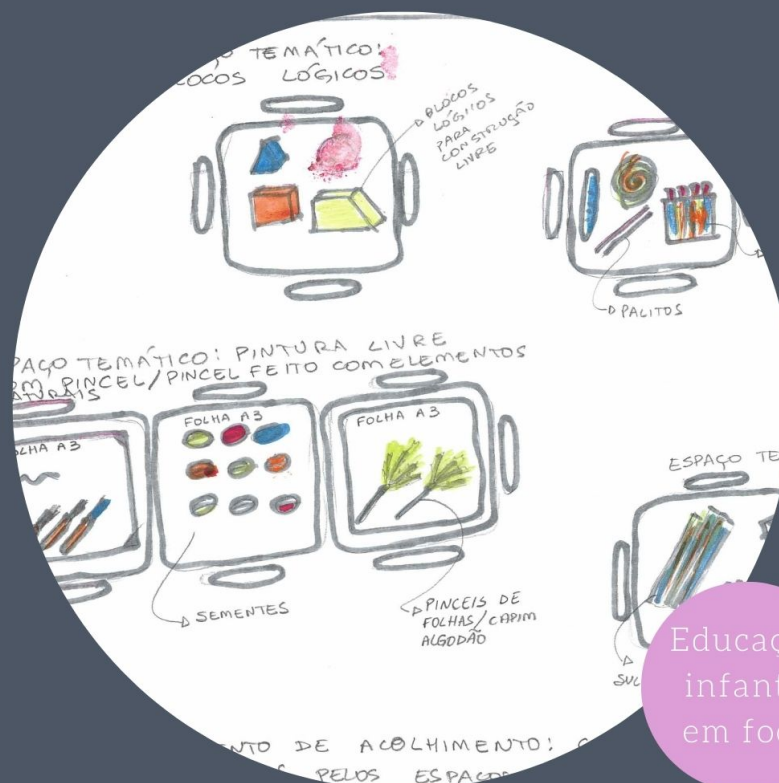
Acesse a revista completa através do link ou QR Code abaixo:

<https://drive.google.com/file/d/1WlQnXuKHT5zVJCy1LXqvIR8dGBjPr2KC/view?usp=sharing>



DESENHANDO O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

ALICE MEIRELLES MUCHERONI E DULCIMEIRE AP. ZANON



Educação
infantil
em foco

Do desafio ao encantamento

TRANSFORMANDO A
EDUCAÇÃO ATRAVÉS
DA LINGUAGEM VISUAL

ANO: 2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
UFSCAR
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CECH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
PPGPE
PRODUTO EDUCACIONAL



DESCRIÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL:



APRESENTAMOS A REVISTA DESENHANDO O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO: DO DESAFIO AO ENCANTAMENTO, UM CONVITE ESPECIAL PARA TODOS OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL QUE BUSCAM IR ALÉM DO CONVENCIONAL. ESTA REVISTA FOI PENSADA PARA VOCÊ, EDUCADOR, QUE QUER AMPLIAR SEUS HORIZONTES E PENSAR O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO EM UM ATO CRIATIVO E REFLEXIVO.

INSPIRADA NA PESQUISA "O DESENHO COMO FORMA DE PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL", ESTA REVISTA É UM CONVITE A MERGULHAR NA INFÂNCIA, MOSTRANDO COMO O DESENHO PODE SER UMA FERRAMENTA INTERESSANTE PARA A DIMENSÃO VISUAL AO SEU TRABALHO. MAIS DO QUE UM SIMPLES PRODUTO, A REVISTA VALORIZA O DESENHO COMO LINGUAGEM, CELEBRA O RESPEITO À CRIANÇA E INCENTIVA A REFLEXÃO SOBRE O USO DOS ESPAÇOS E MATERIAIS.

NOSSO OBJETIVO É INSPIRAR VOCÊ POR UMA JORNADA DE ENCANTAMENTO, PARA DEIXAR DE LADO A INSEGURANÇA DE DESENHAR E ABRACAR O PROCESSO COMO ALGO DIVERTIDO E ENRIQUECEDOR. ACREDITAMOS QUE O DESENHO NÃO É SÓ PARA AS CRIANÇAS, MAS UMA LINGUAGEM ADULTA QUE FACILITA O DIÁLOGO E A CONEXÃO COM ELAS.

COM ESTA REVISTA, ESPERAMOS INSPIRAR VOCÊ A REDESCOBRIR A ALEGRIA DE UM TRAÇO LIVRE E DESPRETENSIVO. É UM PRODUTO FEITO PARA RETOMAR E VALORIZAR O DESENHO COMO UMA LINGUAGEM COTIDIANA NO CONTEXTO DO PLANEJAMENTO, CELEBRANDO A POTÊNCIA INFINITA DAS INFÂNCIAS.

SUMÁRIO

PARA ENTENDER

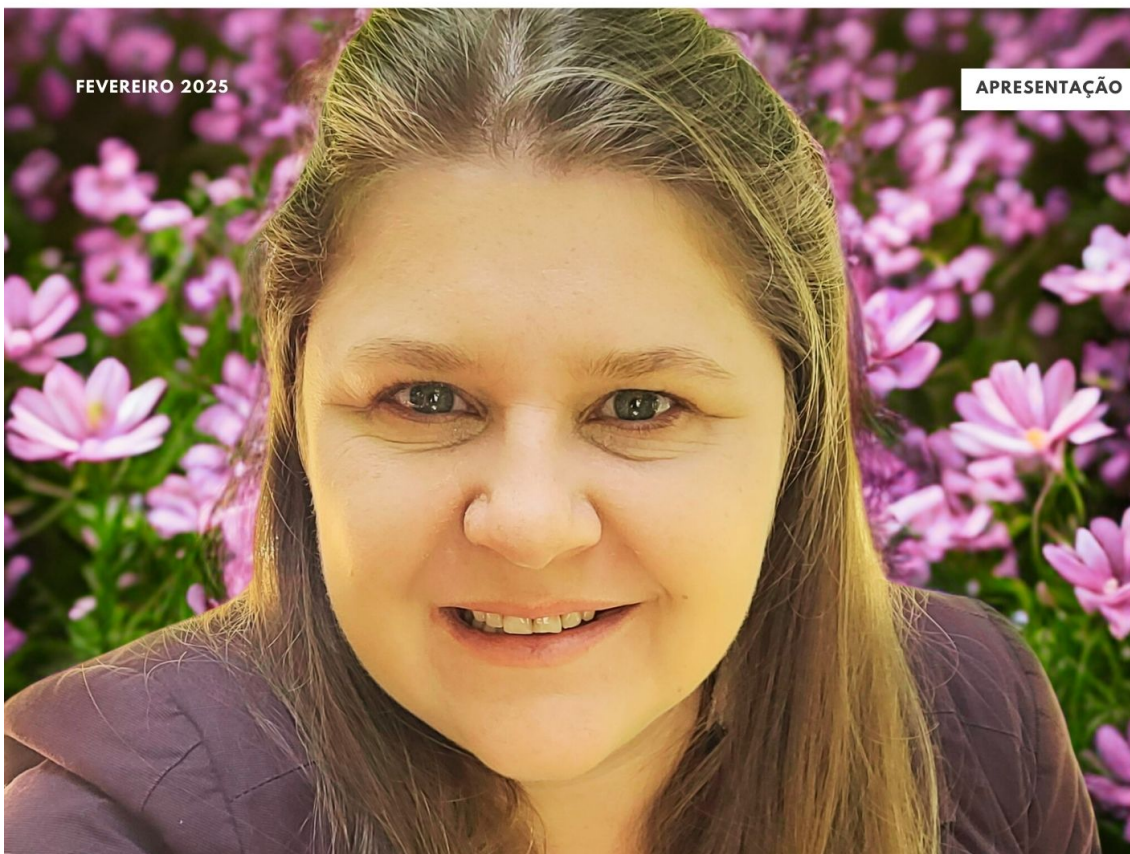
- 03 APRESENTAÇÃO
- 04 O DESENHO COMO FERRAMENTA NO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
- 05 PLANEJAMENTO VISUAL NA PRÁTICA

PRÁTICAS

- 05 5 PASSOS PARA DESTRAVAR O DESENHO E ENRIQUECER SEU PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO
- 11 INSPIRAÇÕES

APROFUNDAMENTO

- 31 SUGESTÕES DE LEITURA E APROFUNDAMENTO
- 32 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CADERNO/CURSO



QUERIDOS(AS) EDUCADORES(AS),

É com grande entusiasmo que apresentamos a Revista *Desenhando o Planejamento Pedagógico: Do desafio ao encantamento*, um produto educacional concebido para inspirar e apoiar a sua prática. Nosso propósito é convidá-lo(a) a redescobrir o desenho como uma linguagem essencial e potente para o planejamento pedagógico na Educação Infantil.

Esta revista foi cuidadosamente elaborada com o intuito de desmistificar a ideia de que desenhar é apenas para artistas ou que é necessário um "dom" especial. Queremos que você sinta o poder do desenho como linguagem, tão potente e enriquecedor quanto a verbal. Através de propostas práticas, nosso objetivo é inspirar um olhar visual em seu planejamento, estimulando uma docência mais reflexiva, participativa e respeitosa com as infâncias.

Ao utilizar o desenho como ferramenta, a revista o(a) encoraja a visualizar, experimentar e transformar suas ideias em planejamentos visuais. É um material feito para inspirar você, educador(a), a reconhecer e abraçar o desenho como uma linguagem adulta poderosa, construindo uma prática estética, crítica e profundamente conectada às maravilhas das infâncias.

Nossa expectativa é que esta revista inspire você a abrir o olhar para essa ferramenta em sua prática pedagógica.

Com carinho,

Mestranda Alice Meirelles Mucheroni
Orientadora Profª Drª Dulcimeire Ap. Zanon

O desenho é uma forma de comunicação legítima e poderosa que merece seu lugar no planejamento educacional.

“O desenho é um impulso natural que nos permite marcar, compreender e refletir sobre o ambiente físico, além de imaginar ou sonhar nossas vidas nele.”
Vicente Blanco e Salvador Cidrás

O DESENHO COMO FERRAMENTA NO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Entenda a importância de se pensar o desenho como ferramenta para o planejamento na Educação Infantil

POR QUE O DESENHO?

O desenho é muito mais que uma simples atividade artística. Ele é uma linguagem poderosa que pode transformar o planejamento pedagógico na educação infantil. Apesar de ser, muitas vezes, visto como algo exclusivo da infância, o desenho oferece uma nova perspectiva para educadores que desejam planejar os espaços e materiais, bem como suas vivências, de forma clara e divertida.



O PROJETO: PLANEJAR COM DESENHOS

Este material foi criado a partir da pesquisa "Planejar em Desenhos: a visão das professoras de Educação Infantil". A pesquisa foi realizada por meio de ateliês de desenho, em que as professoras vivenciaram a prática de planejar de forma com desenhos. A pesquisa mostra que, ao superar a insegurança e o hábito de focar apenas na escrita, o desenho se torna uma ferramenta valiosa para organizar ideias e planejar de forma mais lúdica e visual.

OS DESAFIOS DA TRADIÇÃO

A tradição escolar privilegia a linguagem escrita e verbal, deixando o desenho em segundo plano. Muitos professores sentem-se inseguros para desenhar por acreditarem que não têm "talento" para isso. No entanto, o desenho, assim como a escrita, é uma forma de comunicação legítima e poderosa. A era digital, com o uso de infográficos e emojis, já nos mostra o valor do pensamento visual para uma comunicação mais rica e eficaz.



DESENHO E PEDAGOGIAS PARTICIPATIVAS

O desenho se alinha perfeitamente com abordagens participativas, como a de Reggio Emilia, que veem a criança como protagonista da sua própria aprendizagem. Usar o desenho no planejamento respeita as múltiplas linguagens das crianças, permitindo que os educadores compreendam e organizem suas propostas pedagógicas de forma mais visual e inclusiva. Além de auxiliar no planejamento do professor, o desenho pode ser uma ferramenta para que as crianças participem e compreendam as propostas, sentindo-se mais seguras e engajadas.

CONCLUSÃO: UMA FERRAMENTA A MAIS NO PLANEJAMENTO

É essencial que as instituições de ensino valorizem e incentivem o uso do desenho no planejamento pedagógico. Para isso, é preciso criar um ambiente acolhedor e investir em formações que valorizem o pensamento visual. Ao reconhecer o desenho como uma linguagem significativa, os educadores não só enriquecem a experiência de aprendizagem das crianças, mas também se fortalecem como facilitadores de um processo educativo mais criativo e integrador.



VAMOS PRATICAR

PLANEJAMENTO VISUAL NA PRÁTICA

"Ao usar o desenho no planejamento, você se aproxima da linguagem da criança."

Mudar a forma de planejar pode ser um desafio, mas incluir o desenho pode ser uma abordagem mais intuitiva e criativa, alinhada com a prática da Educação Infantil.

Para inspirar educadores a utilizarem essa ferramenta, trazemos nessa revista uma proposta que busca na valorização de suas próprias vivências, encantar o olhar e testar algumas possibilidades.

Este é um convite para você redescobrir o poder do desenho como uma ferramenta potente para sua prática na educação infantil. Em cinco passos, vamos explorar como o desenho, com suas linhas, cores e formas, pode ir além da arte e se tornar um recurso poderoso para organizar pensamentos, comunicar ideias de forma clara e enriquecer o planejamento pedagógico.

A proposta foi desenvolvida, baseada nas experiências realizadas durante a pesquisa e pensando nas suas necessidades e desafios, oferecendo um momento seguro, acolhedor e livre de julgamentos, onde você pode experimentar e se sentir mais confiante com o desenho.

DESENHO, EU PRECISO?

LIBERDADE DE EXPRESSÃO:

O desenho é uma forma de comunicação visual frequentemente subutilizada por adultos, mas é um meio poderoso para expressar ideias e sentimentos. A crença de que é preciso "saber desenhar bem" é um obstáculo que pode ser superado.

CLAREZA E ORGANIZAÇÃO:

O desenho é uma forma de linguagem. Ao usá-lo, você transforma ideias complexas e abstratas em representações visuais concretas. Isso não apenas facilita a organização do seu próprio pensamento, mas também permite comunicar intenções pedagógicas de maneira mais intuitiva e eficaz, tornando o planejamento mais colaborativo e rico para toda a equipe.

CONEXÃO COM AS CRIANÇAS:

As crianças utilizam o desenho como uma linguagem para agir sobre o mundo, expressar seus sentimentos e se comunicar. Ao usar o desenho no planejamento, você se aproxima da criança, criando uma sintonia que pode mudar a forma como você a observa, escuta ou se conecta com ela.

5 PASSOS PARA DESTRAVAR O DESENHO E ENRIQUECER SEU PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

Você já sentiu insegurança ao tentar desenhar? Muitos de nós, adultos, deixamos de lado a comunicação visual por acreditarmos que não sabemos desenhar. Mas a verdade é que o desenho é uma ferramenta poderosa para organizar pensamentos, comunicar ideias complexas e até mesmo estimular a criatividade. Inspirados no ateliê "Planejamento Pedagógico com Desenhos", criamos 5 exercícios práticos para você redescobrir o potencial do desenho no seu planejamento pedagógico.



DESENHANDO O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO | 05



DESTRAVE O TRAÇO:

Vamos desconstruir a ideia de que você precisa "saber desenhar" para usar a ferramenta. Inspiradas por Edwards (1979), faremos um exercício divertido com a mão não dominante para liberar a criatividade e a intuição.

VAMOS PRATICAR

1º PASSO: DESENHE COM O OUTRO LADO DO CÉREBRO

O primeiro passo é libertar sua mente da pressão de criar um desenho "perfeito".

1

MATERIAIS:

Papel e canetas (sem borracha ou régua!).

2

AÇÃO:

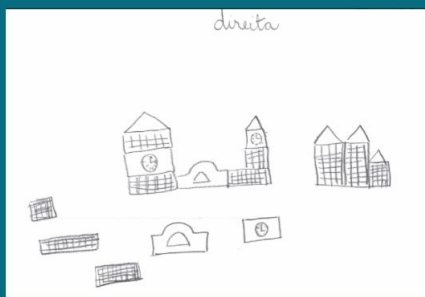
Desenhe um brinquedo que as crianças adoram, primeiro usando sua mão dominante. Em seguida, repita o desenho usando a mão não dominante. Não se preocupe com o resultado, apenas sinta a experiência.

3

PARA REFLETIR:

Como você imaginou que ficaria o seu desenho com a mão não dominante? Como se sente depois dessa brincadeira?

EXEMPLO:



A professora Sílvia participou desenhou peças de empilhar, um jogo familiar às crianças, utilizando tanto a mão dominante quanto a não-dominante. Ela descreveu uma hesitação inicial, típica de um processo novo ("a gente se sente travada"), mas logo percebeu que o ato de começar permitiu que tudo fluísse. O que se seguiu foi um "silêncio gostoso e concentrado", indicando o alto nível de foco exigido pela atividade.

O ponto alto da experiência foi a superação pessoal e a surpresa com a própria capacidade: "Não imaginava que desenharia tão bem com a mão esquerda." A vivência de Sílvia pode inspirar você a encarar o desenho como um exercício de quebra de barreiras e de redescoberta de habilidades. Ao se permitir usar a mão não-dominante, ela não apenas estimulou novas conexões cerebrais, mas também validou a ideia de que o potencial criativo e motor está muitas vezes oculto, esperando apenas um convite para ser explorado.



DESENHE O ESPAÇO:

Use o desenho para planejar ambientes de brincadeiras ao ar livre. Partindo de fotos de espaços da escola, você irá redesenhá-los, adicionando novos elementos e propostas de intervenção para enriquecer a experiência infantil.

VAMOS PRATICAR

2º PASSO: PLANEJAMENTO VISUAL DE ESPAÇOS

O desenho pode ser uma forma de dar vida a um ambiente e imaginar novas possibilidades.

1

MATERIAIS:

Uma foto de um espaço da escola, papel, lápis e caneta.

2

AÇÃO:

Escolha uma foto de uma área externa e desenhe o espaço. Adicione elementos extras, como brinquedos, materiais ou uma nova organização, para enriquecer a experiência das crianças. Finalize adicionando uma legenda que descreva sua proposta de intervenção no espaço.

3

PARA REFLETIR:

Existem situações que você acredita que o desenho é mais adequado do que a escrita para planejar? Quais?

EXEMPLO:



O desenho do planejamento da Horta pela professora Ana é mais do que um esboço; é uma demonstração de como o registro gráfico aprofunda o pensamento. Embora Ana tenha admitido inicialmente a dificuldade em "planejar desenhando", a experiência a fez reconhecer a potência dessa ferramenta. Ela percebeu que, enquanto a ideia reside na sua mente, o desenho é o que a transporta para o outro, tornando-se indispensável para a colaboração. Ao detalhar a localização da horta e as necessidades de infraestrutura, o desenho confere a "amplitude de detalhe" necessária, transformando uma visão pessoal em um plano de ação claro e acessível a todos.

Este trabalho serve de inspiração para todas as professoras que desejam concretizar seus projetos com mais eficiência. O desenho não é apenas estético, mas uma linguagem importante no planejamento da educação infantil. Ele permite visualizar a transformação do espaço, facilita a comunicação com colegas e equipes de apoio e garante que o plano seja compreendido por todos os envolvidos. Usar o desenho no planejamento é uma possibilidade de ir além da intenção, demonstrando seus projetos pedagógicos visualmente.



VAMOS PRATICAR

3º PASSO: VIVÊNCIAS

Este exercício ajuda a planejar vivências pedagógicas usando elementos visuais.

1

MATERIAIS:

Papel, canetas coloridas, lápis de cor, tintas e outros recursos visuais.

2

AÇÃO:

Crie um desenho de uma vivência. Use referências de fotos, vídeos, trechos de livros ou qualquer material que desperte ideias. Combine cores, linhas e texturas para transformar o desenho em uma experiência visual que comunica sensações, movimento e criatividade.

3

PARA REFLETIR:

A ação de planejar por meio de desenhos parece mais simples ou complexa do que você está acostumada? Por quê?

PLANEJANDO VIVÊNCIAS

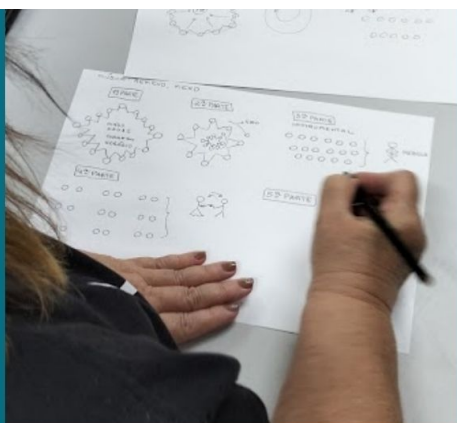
Planeje vivências sobre traços, sons, cores e formas usando apenas desenhos. Vamos explorar os desenhos e como ele pode enriquecer sua prática pedagógica.



EXEMPLO:

A professora Vilma, ao desenhar a rotina com as crianças, identificou o potencial do desenho para aprimorar a compreensão infantil. Ela reconheceu que, embora haja uma insegurança inicial em desenhar (a gente é bem travada nos desenhos), a prática regular pode levar à fluidez e à superação da busca pela perfeição estética. Vilma concluiu que utilizar o desenho é uma forma diferente e potente de estabelecer a rotina, o que nos leva a um convite a outras professoras a se tornarem mais habilidosas nessa linguagem.

Esta vivência ganha ainda mais relevância com a perspectiva da professora Selma, da Educação Especial. Ela destacou que o uso do desenho no planejamento e na rotina pode ser um poderoso método inclusivo, que vai além das imagens prontas de comunicação alternativa. Ao desenhar a própria rotina da sala de aula, as professoras criam um recurso visual que beneficia todas as crianças, incluindo as não verbais. O trabalho de Vilma e Selma inspira a comunidade docente a abraçar o desenho como uma ferramenta de comunicação universal que garante o entendimento e a participação de todos os alunos.



VAMOS PRATICAR

4º PASSO: COREOGRAFIA VISUAL

O desenho pode ser a ferramenta ideal para planejar atividades com movimento.

1

MATERIAIS:

Papel, canetas coloridas, lápis de cor, tintas e outros recursos visuais.

2

AÇÃO:

Crie um "script" visual para uma dança, como uma de festa junina. Inclua posições iniciais, movimentos, passos detalhados, formações e transições.

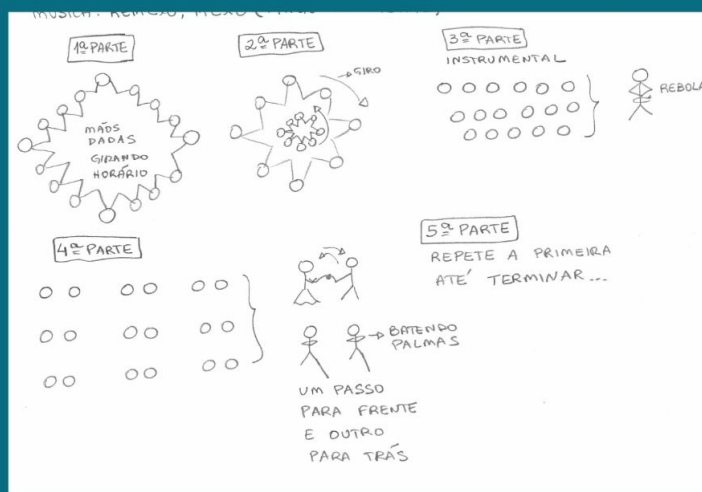
3

PARA REFLETIR:

De que forma a criação do desenho dos scripts de dança pode facilitar o planejamento das atividades?

CRIE E COREOGRAFE

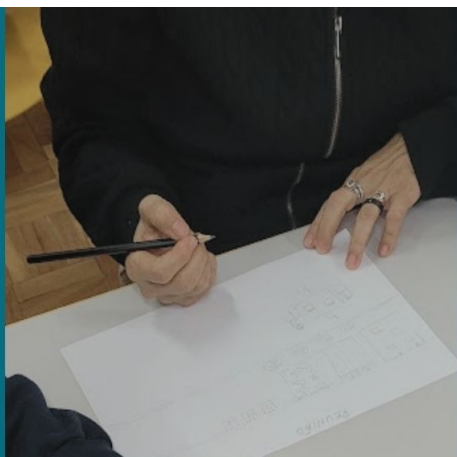
Utilize o desenho para criar um "script" de dança para festas juninas. Represente posições, movimentos, formações e a música de forma visual, garantindo clareza e organização para toda a equipe.



EXEMPLO:

A professora Daiane utilizou o desenho para organizar o passo a passo de uma coreografia, validando sua eficácia para planejar a dança. Ela notou que o desenho oferece grande clareza para o posicionamento das crianças no espaço, que "fica bem claro quando você coloca". Contudo, a experiência revelou um desafio: a representação de movimentos mais complexos.

Para Daiane, é fácil desenhar um giro, mas um "remelexo, por exemplo, fica complicado na marcação". O desenho exige um esforço extra para traduzir a fluidez e a variação de um movimento mais orgânico, indicando a necessidade de "mais estudo" sobre como codificar esses gestos. A vivência da professora Diane pode inspirar você a explorar o desenho como uma ferramenta de notação de movimento, buscando métodos visuais que permitam capturar a riqueza das danças.



VAMOS PRATICAR

1

MATERIAIS:

Papel grande, canetas, lápis de cor, e os desenhos criados ao longo dos encontros.

2

AÇÃO:

Crie uma linha do tempo visual no papel, representando sua jornada de aprendizado no ateliê. Em cada ponto da linha, anexe os desenhos que você produziu, organizando-os cronologicamente. Escreva no papel grande as reflexões sobre cada desenho, descrevendo o que você sentiu ao criá-lo e o que aprendeu com a experiência. Você também pode adicionar um relato no final da linha do tempo para registrar um compromisso sobre como pretende continuar usando o desenho em seu planejamento no futuro.

3

PARA REFLETIR:

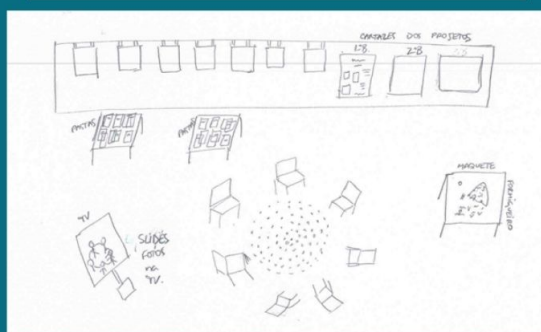
O que mudou na sua maneira de compreender o planejamento visual com essas vivências? Quais aspectos ainda representam desafios para você? O que precisa acontecer para que o uso do desenho no planejamento seja possível?

GALERIA DE EXPERIÊNCIAS

O ponto alto do nosso ateliê! Seus desenhos de todos os encontros serão expostos em uma "Gallery Walk", onde você poderá apreciar e refletir sobre sua jornada e identificar caminhos a serem traçados.

5º PASSO: MAPEANDO A JORNADA

O último passo é um momento de reflexão e celebração do aprendizado.



EXEMPLO:

A professora Aurora exemplifica o uso do desenho como ferramenta essencial no planejamento da organização espacial e da disposição dos materiais para a exposição da turma.

Para ela, o desenho do planejamento revela-se "produtivo" e capaz de "agregar as possibilidades de comunicação". No entanto, a formalização e o reconhecimento dessa ferramenta como método de planejamento são cruciais, visto que existe a insegurança de que será "aceito".

O desenho, ao enriquecer nosso olhar, estimula a reflexão e o repensar das estratégias. A experiência da professora Aurora serve de inspiração para que você também explore o desenho no planejamento de exposições, fomentando ativamente a participação e o envolvimento das crianças em todo o processo.

INSPIRAÇÕES





PARQUE DE GRAMA E CONVIVÊNCIA

Propõe um espaço para o movimento livre (brincadeira com bola) e para o convívio social e imaginação (cadeiras, casinha), onde a criança desenvolve a autonomia e a socialização.



HORTA NO PARQUE

Planeja um ambiente que promove a relação com a natureza, a investigação e a cultura, além de possibilitar o trabalho com o ciclo da vida e a educação ambiental de forma prática.

Desenho dos espaços da Profª Pamela



ESPERANÇA

Sugere que mesmo a simbologia e o conceito abstrato podem ser parte do ambiente escolar, talvez como o nome de um projeto, espaço, ou refletindo o compromisso da escola com a comunidade.

Desenho dos espaços da Profª Vera



BRINCANDO NO PARQUE

Integra o brincar exploratório (estrutura amarela) e a possibilidade de atividades dirigidas ou de descanso/convívio (mesas e cadeiras), evidenciando a necessidade de organizar o espaço e o tempo para atender a diversas necessidades das crianças.



BOLHAS DE SABÃO

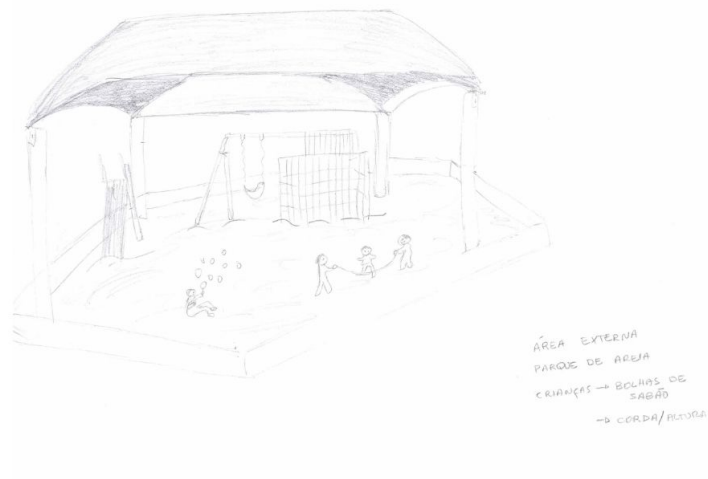
Foca na experimentação das linguagens e da ciência de forma lúdica, utilizando materiais simples para a criação e invenção, alinhando-se a uma intencionalidade pedagógica que estimula a sustentabilidade.



BRINCADEIRAS DE BAMBOLE E CORDA

Enfatiza a importância do movimento, da corporeidade e dos desafios físicos no espaço de gramática, utilizando elementos simples que estimulam a coordenação motora e a brincadeira coletiva.

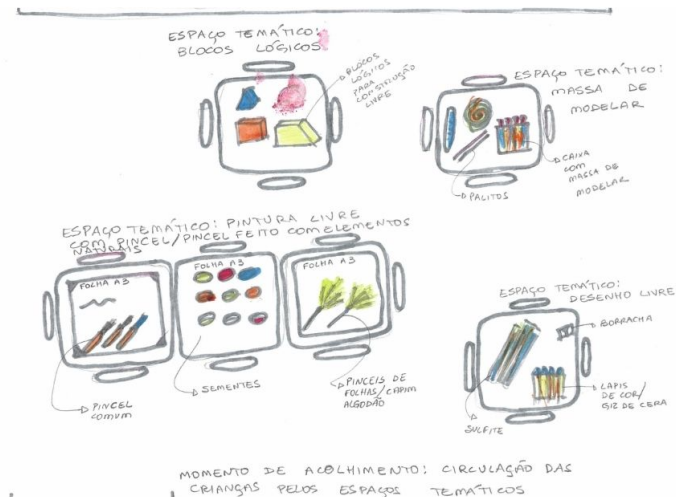
Desenho dos espaços da Profª Daiane



BOLHAS E CORDA

O parque de areia oferece um material maleável para a criação e construção, enquanto as bolhas de sabão e a corda promovem a exploração da fisicalidade, movimento e socialização em uma área externa diversificada.

Desenho de vivência da Profª Daiane



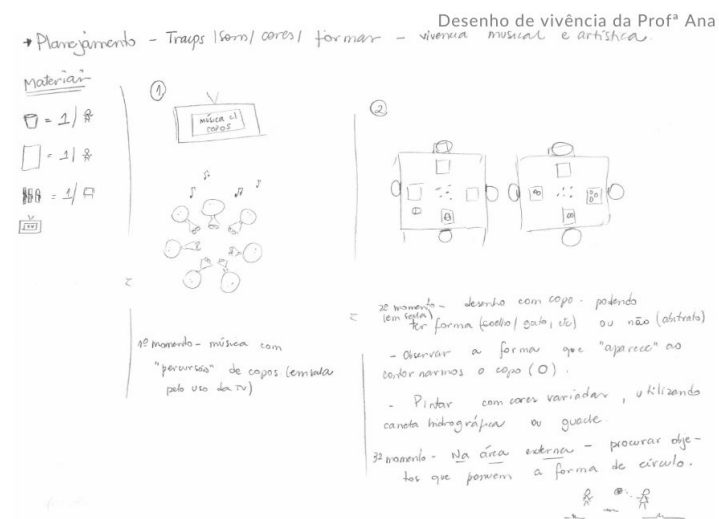
MESAS EM CONTEXTO

Propõe diferentes ambientes multissensoriais e simultâneos para o Acolhimento, promovendo a livre escolha e o desenvolvimento da autonomia e criatividade da criança.



ROTINA

O cotidiano que integra o dia a dia das crianças, assegurando as interações e brincadeiras.



TRAÇOS SONS CORES E FORMAS

linguagem musical com a exploração artística e a exploração matemática, utilizando materiais simples e o dia a dia.



ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

O conhecimento sobre alimentação com as linguagens artísticas.



LINGUAGEM ORAL

Linguagem oral, da expressão corporal e da consciência facial/motora por meio de brincadeiras lúdicas que envolvem a boca, a língua e os olhos.

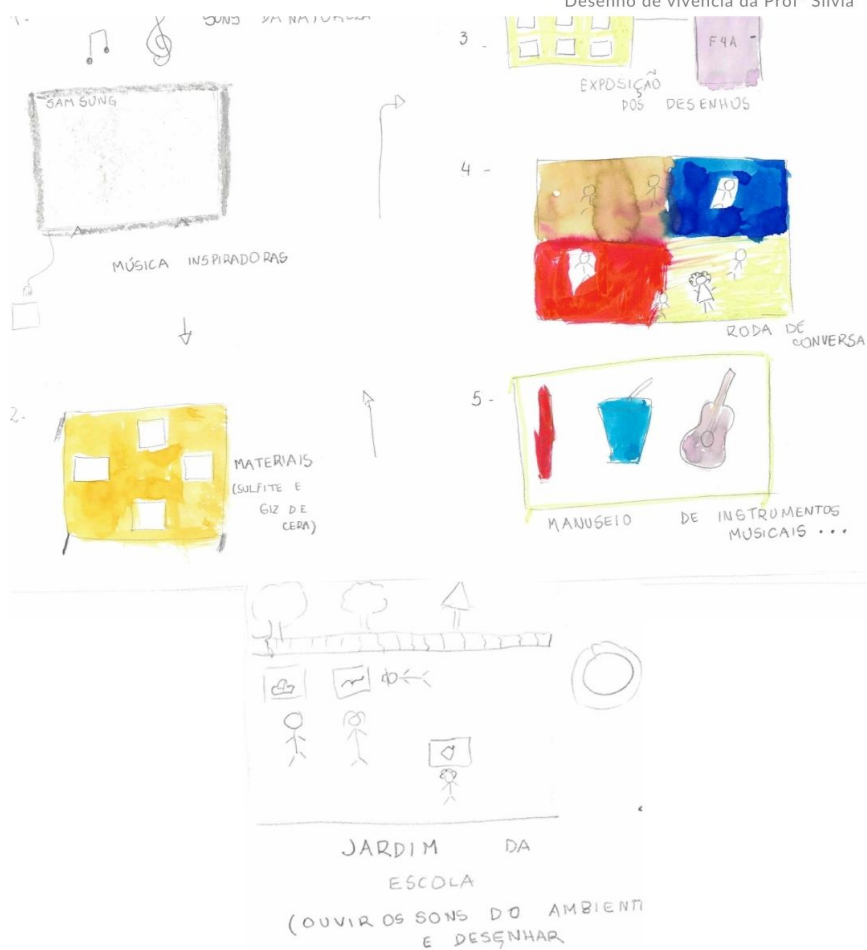
Desenho de vivência da Profª Iara



MUSICALIZAÇÃO

Exploração dos traços, cores e sons com instrumentos musicais e o corpo, valorizando a cultura popular e a expressão artística a partir da música.

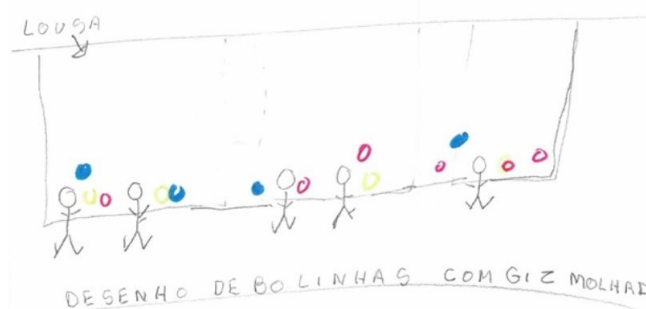
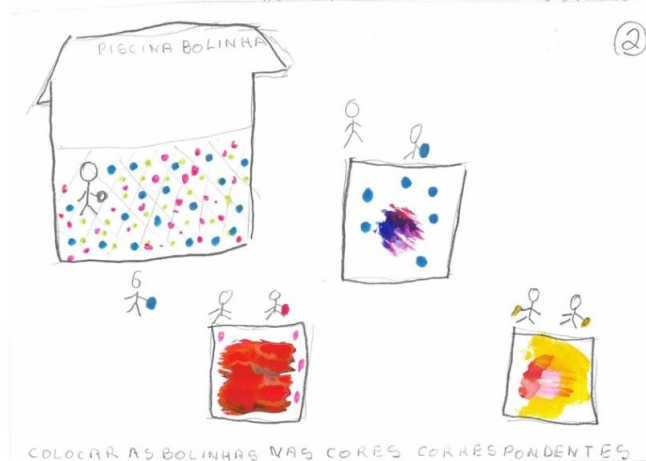
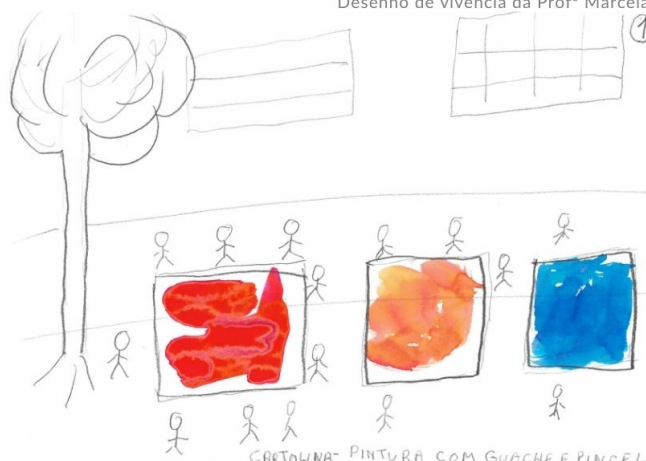
Desenho de vivência da Profª Silvia



CONTEXTOS

Momentos de exploração sensorial com diferentes materiais.

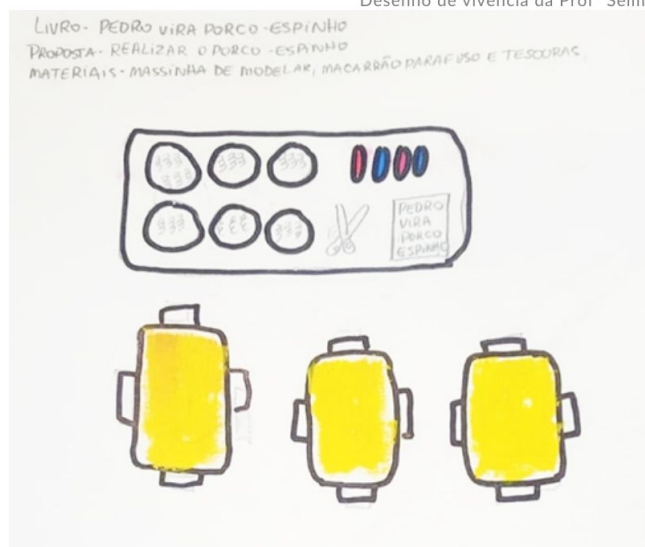
Desenho de vivência da Profª Marcela



EXPRESSIONISMO ARTÍSTICO

Exploração da cor e da forma por meio da pintura com guache, da seleção de cores e do registro na cartolina.

Desenho de vivência da Profª Selma



INTERAÇÕES COM O LIVRO

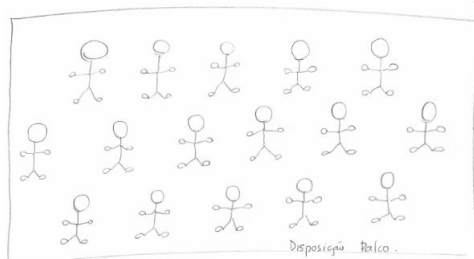
Proposta de organização de materiais para interagir com a leitura do livro.

Desenho da dança da Profª Vera



BATA A BOTA NO CHÃO

Planejamento de uma atividade que usa a música para o ritmo e o movimento coordenado, estimulando a expressão corporal e a consciência do corpo no espaço, através de passos e batidas.

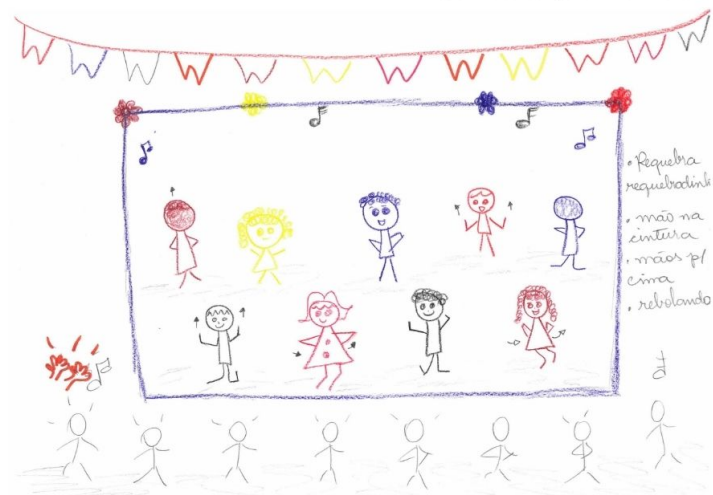


1. "Maria tá peneirando
biscoitos e massa de mandioca" (2x) (adecora peneira
no cabelo)
2. "Quem se casar com Maria
Se vai comer tapioca"
3. "ta-ta-tapioca" (2x)
4. "ta-ta-tapioca" (2x)
5. 1 - 2 - 3 - 4.
6. "Rala, rala mandioca
Tudo lá e eu deca"
7. "Pra fazer biscoito de mandioca
pra gente se alegrar"
8. "Maria pagou a peneira
trave pra lá e pra cá"
O peneirado é gostoso
tá doído pra peneirar"
9. "Peneira (Peneira pra lá)"
10. "Peneira (Peneira pra lá)"
11. "O peneirado é gostoso
tá doído pra peneirar"
12. Rem

DANÇA DA MANDIOCA

Proposta de uma vivência cultural e folclórica (Canção do Mastruz com Leite) que simula o processo de preparo da tapioca (rala, peneira), integrando movimento, canto e gestos para desenvolver a coordenação e o conhecimento cultural.

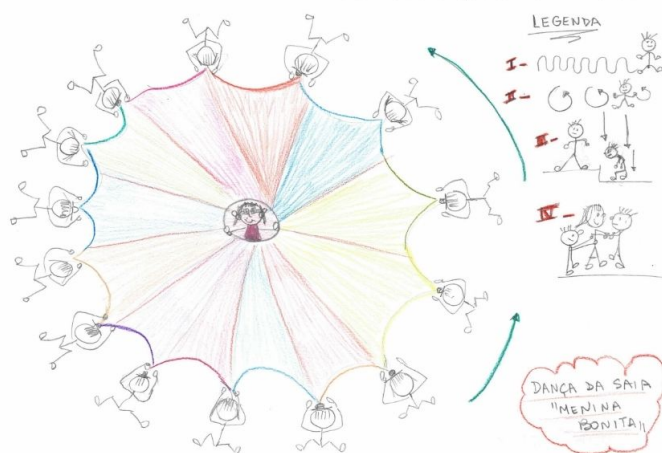
Desenho da dança da Profª Tatiana



REQUEBRA REQUEBRADINHO

Dança que promove a expressão livre e o rebolado (requebrar, mexer a cintura), incentivando o desenvolvimento da sensorialidade e motricidade.

Desenho da dança das Profª Vilma e Silvia



DANÇA DA SAIA

Planejamento de uma dança circular e coordenada utilizando um tecido (saia) para explorar o movimento amplo, as cores e o trabalho em grupo, com uma legenda que descreve a sequência de passos e giros.

Desenho da dança da Profª Marcela
LOCAL: QUADRA DA ESCOLA

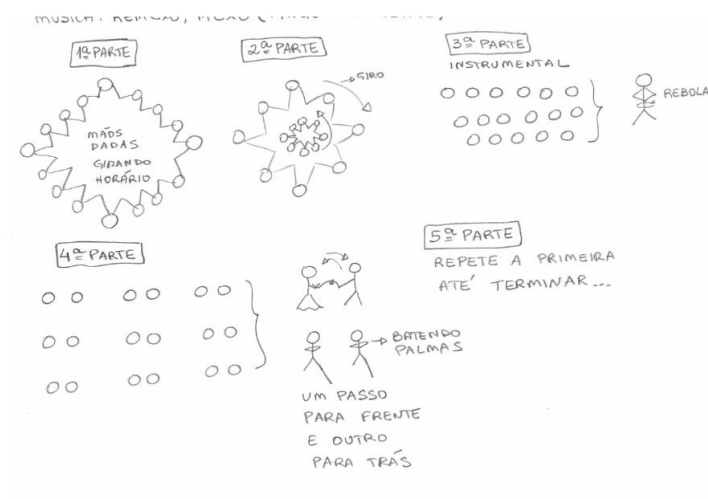


MÚSICA: PULA PULA PIPOQUINHA

PIPOQUINHA

Atividade que utiliza o canto e o movimento para explorar a forma circular, com ênfase no ritmo do pulo e na coordenação motora (pular em círculo e levantar os braços no centro), utilizando a quadra como espaço.

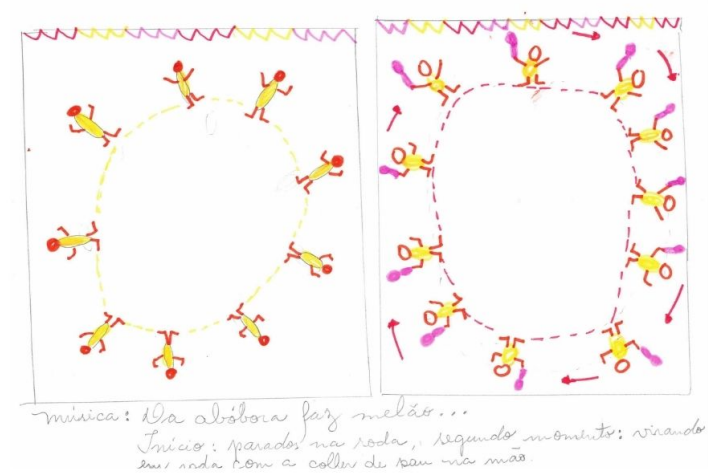
Desenho da dança da Profª Daiane



REMELEXO

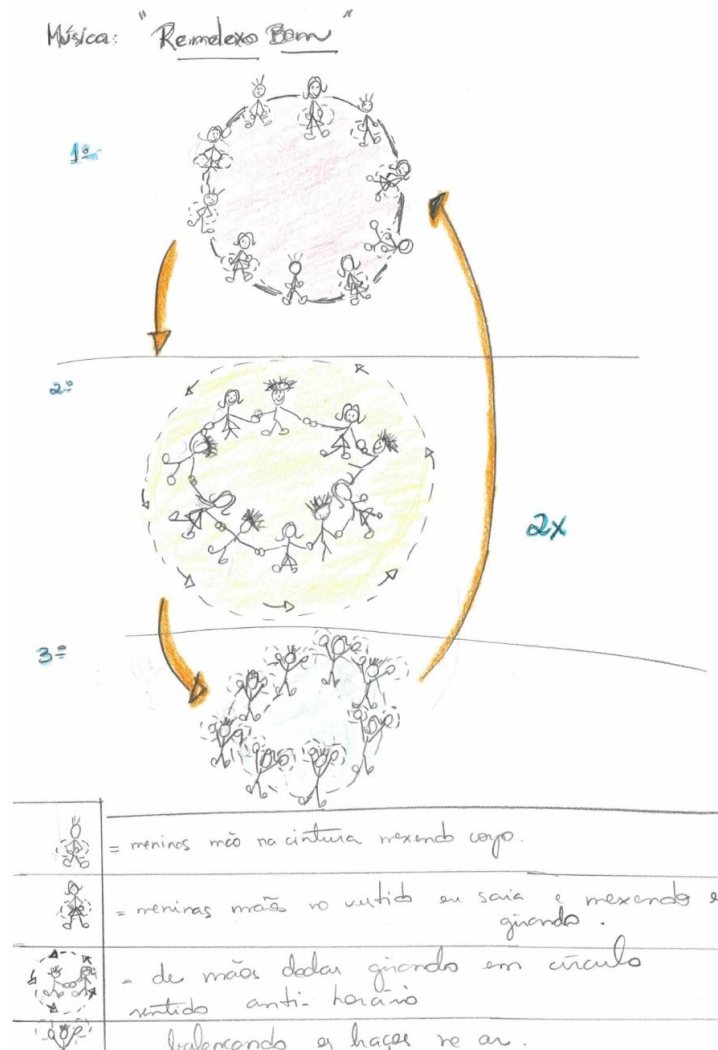
Proposta detalhada de uma sequência de movimentos que trabalha diferentes habilidades, como giro com mãos dadas (coordenação), bater palmas (ritmo) e passos para frente e para trás (orientação espacial), repetindo as partes para memorização.

Desenho da dança da Profª Iara



ABÓBORA FAZ MELÃO

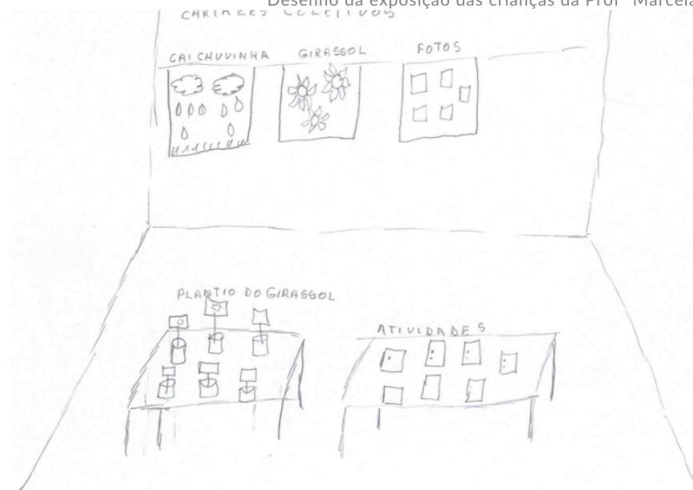
Planejamento de uma brincadeira de roda que insere um objeto não-convençonal (colher de pau na mão) para o movimento, incentivando o giro e a interação social na roda, a partir de uma canção popular conhecida.



REMELEXO BOM

Proposta de uma sequência de movimentos circulares e passos, com legendas demonstrativas dos passos

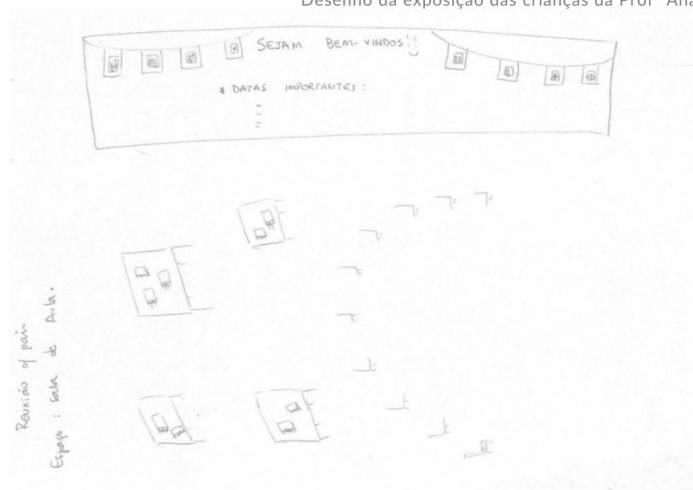
Desenho da exposição das crianças da Profª Marcela



EXPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES E CARTAZES

Organização da sala com os cartazes coletivos na lousa e atividades individuais na mesa.

Desenho da exposição das crianças da Profª Ana



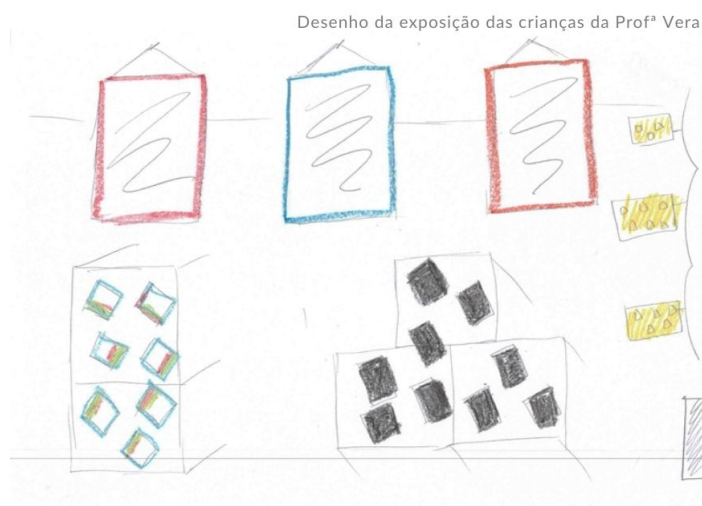
REUNIÃO DE PAIS

Organização das cadeiras em semicírculo, mesas com pastas e orientações na lousa.



EXPOSIÇÃO ARTÍSTICA

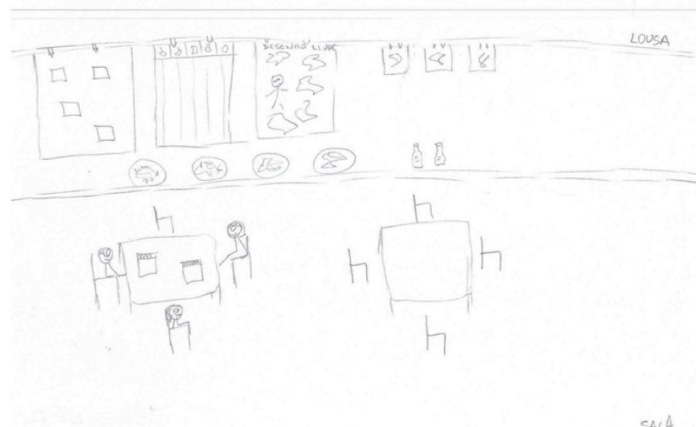
Planejamento da disposição dos desenhos e esculturas das crianças.



PAINÉIS, CADERNOS E PASTAS

Organização dos painéis pendurados ao redor da sala e dos cadernos e pastas nas mesas.

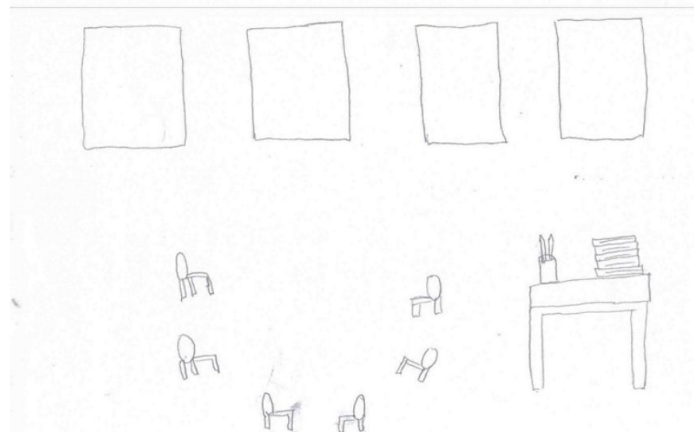
Desenho da exposição das crianças da Profª Tatiana
REUNIÃO DE PAIS



ESPAÇO DA SALA

Proposta de organização do espaço da sala com a exposição dos painéis coletivos, desenhos e objetos.

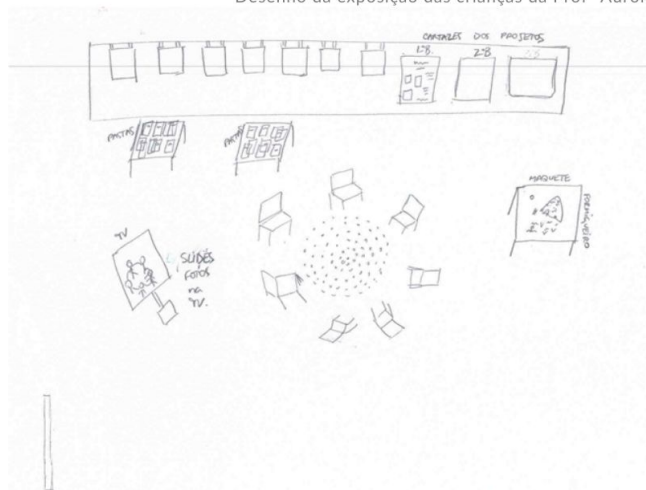
Desenho da exposição das crianças da Profª Iara



ORGANIZAÇÃO DA REUNIÃO

Organização das pastas em cima da mesa do professor, cartazes na lousa e cadeiras em semicírculo.

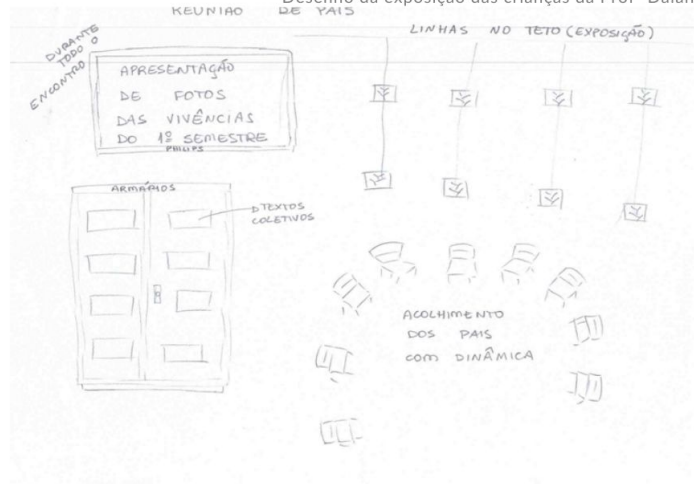
Desenho da exposição das crianças da Profª Aurora



PLANEJAMENTO DA REUNIÃO

Cadeiras em círculo, Tv com fotos das vivências, mesa com exposição de maquetes e pastas, lousa com cartazes dos projetos bimestrais e atividades das crianças.

Desenho da exposição das crianças da Profª Daiane



ACOLHIMENTO DOS PAIS

Exposição artística com barbantes pendurados do teto distribuídos pela sala, cadeiras em semicírculo, textos coletivos colados no armário e fotos das vivências na TV.



DICAS DE LIVROS PARA SE INSPIRAR...

01.

"As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância" de Carolyn Edwards, Lella Gandini e George Forman

Este livro é uma referência central sobre pedagogias participativas e o uso do desenho na Educação Infantil. Ele introduz a filosofia de Reggio Emilia, que vê a criança como criativa e potente, valorizando a expressão através das "cem linguagens". A obra é crucial para compreender o conceito do ambiente como "terceiro educador" e a importância da documentação pedagógica para um planejamento reflexivo.

"A Sintaxe da Imagem" de Donis A. Dondis

Este livro é uma referência essencial para entender o conceito de "alfabetização visual". Dondis argumenta que o pensamento visual é subvalorizado em relação à linguagem escrita na cultura ocidental. Este trabalho é fundamental para legitimar o desenho como uma linguagem funcional de comunicação, ajudando a superar a insegurança que muitos adultos sentem ao desenhar.

02.

03.

"Planejamento na educação infantil mais que a atividade, a criança em foco" de Luciana Ostetto

O planejamento na Educação Infantil é um dos pilares do estudo, e esta obra discute a importância de ir além de uma simples lista de atividades. Ostetto ressalta que planejar é uma atitude reflexiva do educador, uma "viagem de conhecimento" que precisa ser documentada de forma flexível e funcional. O livro aprofunda a discussão sobre a intencionalidade do trabalho pedagógico e a necessidade de registros que façam sentido para o professor.

"Documentação e avaliação: qual a relação" de Carla Rinaldi

Rinaldi aprofunda o conceito de documentação pedagógica como "escuta visível", essencial para registrar e promover o processo educativo de forma transparente e colaborativa. No capítulo do livro Tornando visível a aprendizagem: crianças aprendem individualmente e em grupo, do Projecto Zero, Rinaldi esclarece a importância de capturar pensamentos das crianças, fortalecendo o diálogo com a comunidade educativa.

04.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



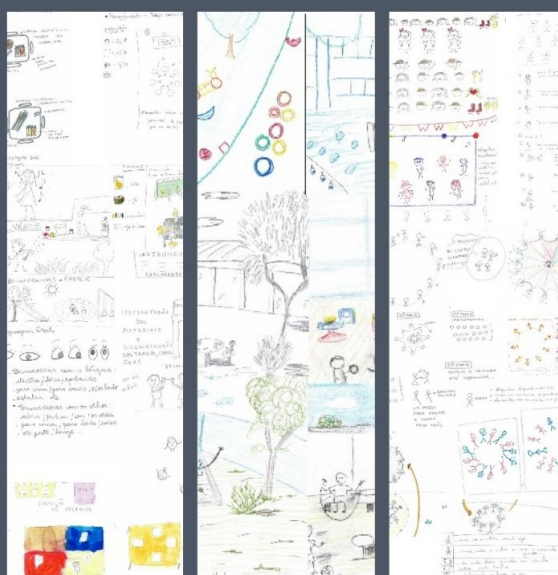
A REVISTA DESENHANDO O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO: DO DESAFIO AO ENCANTAMENTO FOI UM CONVITE PARA REDESCOBRIR O DESENHO COMO UMA LINGUAGEM VITAL NO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO. NOSSA INTENÇÃO FOI ALÉM DE OFERECER UMA SIMPLES TÉCNICA; QUEREMOS INSPIRAR PRÁTICAS QUE explorem AS INFINITAS POSSIBILIDADES DO TRAÇO COMO UM MEIO DE PLANEJAMENTO E DIÁLOGO EDUCATIVO. ACREDITAMOS QUE, MESMO COM AS INSEGURANÇAS INICIAIS, O DESENHO É UMA FERRAMENTA PODEROSA PARA O PROFESSOR.

ESPERAMOS QUE ESTA REVISTA TENHA ENCANTADO VOCÊ E O(A) INSPIRADO A VER O DESENHO COMO UMA FORMA DE LINGUAGEM E EXPRESSÃO. QUE ELA SEJA O PONTO DE PARTIDA PARA UMA CONTÍNUA REDESCOBERTA, ONDE LÁPIS E PAPEL SE TORNAM SEUS ALIADOS NA CRIAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO MAIS RICA E SIGNIFICATIVA.

AO ABRAÇAR O DESENHO COMO RECURSO, ESPERAMOS QUE VOCÊ SUPERE A PREDOMINÂNCIA DA ESCRITA NO PLANEJAMENTO, ENRIQUECENDO AS PRÁTICAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA E PROMOVENDO O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL E AS DIVERSAS LINGUAGENS DAS CRIANÇAS. QUE O DESENHO SE TORNE, PARA VOCÊ, UM INSTRUMENTO QUE FOMENTE A CRIATIVIDADE E O PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS, PERMITINDO QUE ELAS SE SINTAM PROTAGONISTAS DE SUAS PRÓPRIAS JORNADAS DE APRENDIZADO.

NOSSO DESEJO É QUE A PRÁTICA DE PLANEJAR VISUALMENTE INSPIRE VOCÊ A CONSTRUIR UM CURRÍCULO EMERGENTE, QUE RESPEITE AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS E A POTÊNCIA DAS INFÂNCIAS, TORNANDO A EDUCAÇÃO UM PROCESSO MAIS ACOLHEDOR, INCLUSIVO E SIGNIFICATIVO. ESTA REVISTA FOI DESENHADA PARA INSPIRAR E CONECTAR VOCÊ PROFUNDAMENTE COM O DESENHO COMO UMA LINGUAGEM ADULTA E TRANSFORMADORA.

A REVISTA "DESENHANDO O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO: DO DESAFIO AO ENCANTAMENTO" É UM PRODUTO EDUCACIONAL DA UFSCAR/PPGPE QUE CONVIDA OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL A REDESCOBRIREM O DESENHO COMO UMA LINGUAGEM ESSENCIAL E POTENTE PARA O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO. O MATERIAL FOI ELABORADO PARA DESMISTIFICAR A IDEIA DE QUE DESENHAR É APENAS PARA ARTISTAS OU EXCLUSIVO DA INFÂNCIA, MOSTRANDO QUE O DESENHO É UMA FERRAMENTA VALIOSA PARA ORGANIZAR IDEIAS E PLANEJAR DE FORMA MAIS LÚDICA E VISUAL. ATRAVÉS DE PROPOSTAS PRÁTICAS, O OBJETIVO É SUPERAR A INSEGURANÇA INICIAL E INSPIRAR O EDUCADOR A ABRACAR O DESENHO COMO UM RECURSO PODEROSO PARA CONSTRUIR UMA PRÁTICA ESTÉTICA, CRÍTICA E PROFUNDAMENTE CONECTADA ÀS INFÂNCIAS, ALINHANDO-SE A ABORDAGENS QUE VÊEM A CRIANÇA COMO PROTAGONISTA E ENRIQUECENDO AS PRÁTICAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA.



ANO: 2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
UFSCAR
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CECH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
PPGPE
PRODUTO EDUCACIONAL

